

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MORTALIDADE EM MANAUS:
CARACTERIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS,
DIFERENCIAIS SÓCIO-ECONÔMICOS E DEMOGRÁFICOS DAS
VÍTIMAS RESIDENTES EM ÁREA URBANA.

ANTONIO GELSON DE OLIVEIRA NASCIMENTO

MANAUS
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ANTONIO GELSON DE OLIVEIRA NASCIMENTO

MORTALIDADE EM MANAUS:

**CARACTERIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS, DIFERENCIAIS
SÓCIO-ECONÔMICOS E DEMOGRÁFICOS DAS VÍTIMAS RESIDENTES EM
ÁREA URBANA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Pery Teixeira.

MANAUS
2006

ANTONIO GELSON DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**MORTALIDADE EM MANAUS:
CARACTERIZAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS, DIFERENCIAIS
SOCIOECONÔMICOS E DEMOGRÁFICOS DAS VÍTIMAS RESIDENTES EM
ÁREA URBANA.**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amazonas.

Manaus, 14 de agosto de 2006.

Prof. Dr. Pery Teixeira

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof^a. Dr^a. Ana Cyra dos Santos Lucas

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. José Carlos de Souza Braga

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Ao Onipotente,

Mestre dos Mestres:

D E U S;

*Aos meus filhos e minha querida esposa:
Júlio Neto, Beatriz Nascimento e Mara Jâmer;*

*Aos meus Astros maiores, meu Sol e minha Lua:
Júlio Nascimento (Pai) e Francisca Nascimento (Mãe);*

*As estrelas de minha constelação, infinitamente importantes:
Genilce, Gilson, Gilmar, Jecicleide, Gerivelson, Jeanne e Michael - irmãos;*

*com todo amor, sou grato pelo apoio, compreensão, incentivo, ajuda e carinho,
porque me permitiram caminhar com orgulho, subindo esses degraus de sabedoria!*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos se estendem a todos os meus professores doutores da Universidade do Amazonas que, durante horas, puderam transformar as simples salas de aula do mestrado da Faculdade de Estudos Sociais, em verdadeiros templos de reflexão e sabedoria. Agradeço especialmente, ao meu amigo, professor e orientador Dr. Pery Teixeira; aos professores Doutores José Alberto Magno de Carvalho e Sylvio Puga pela contribuição no exercício de qualificação; ao professor Rosalvo Bentes e Francisco Mendes, coordenadores do curso, pelo incentivo e motivação; aos funcionários da UFAM, especialmente aos da secretaria do PRODERE, Adriana Assis e Luiz Lessa; aos funcionários das secretarias de Saúde do Estado do Amazonas - SUSAM, da Segurança Pública – SSP, da Polícia Civil de Manaus, pela compreensão e apoio dispensados durante o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Se por um lado, os determinantes espaciais e sociais das mortes violentas na cidade de Manaus não se distinguem essencialmente dos que são citados freqüentemente na literatura a respeito das grandes áreas urbanas brasileiras, por outro a capital amazonense diferencia-se das demais por dispor de níveis de mortalidade por homicídio inferiores aos de sua maioria. Essas constatações fizeram parte da presente investigação, que tem como fontes principais de dados o Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM) – Ministério da Saúde –, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas e os censos demográficos do IBGE. Além de uma breve discussão sobre a situação dos níveis e tendências da mortalidade por homicídio de Manaus no contexto nacional, o estudo procura, especialmente, sistematizar as principais características dos homicídios na cidade, tanto no que se refere ao evento em si, como local, hora, dia e mês de ocorrência, arma utilizada, motivo da agressão, identificação da autoria, quanto a respeito do perfil demográfico e das condições sociais das vítimas. Ênfase especial é dada à espacialização das ocorrências dos homicídios, diante da hipótese de que sua quantidade guarda relação com as características sociais e espaciais da área urbana do município.

Palavras-chave: Homicídios, Distribuição espacial, Características sócio-econômicas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Evolução da taxa de mortalidade por homicídio e por acidente de trânsito no Brasil – 1980 a 2003.....	35
Figura 2	Taxa de mortalidade por homicídio, segundo sexo – Brasil -1980 a 2003.....	38
Figura 3	Taxa de mortalidade masculina por homicídio, segundo faixa etária no Brasil - 1980 a 2003.....	38
Figura 4	Evolução da mortalidade por homicídio, por 100 000 habitantes, em nove regiões metropolitanas e nos municípios de Manaus, Vitória e no Distrito Federal - 1980 a 2003.....	42
Figura 5	Mapa da Cidade de Manaus – Distribuição dos bairros de Manaus, segundo a localização em Zonas.....	60
Figura 6	Mapa da Cidade de Manaus – Domicílios servidos pela rede geral de abastecimento de água nos bairros de Manaus.....	63
Figura 7	Mapa da Cidade de Manaus – Domicílios servidos pela rede geral de esgotos nos bairros de Manaus.....	63
Figura 8	Taxas de mortalidade por arma de fogo – Regiões brasileiras – 1980 – 2003..	82
Figura 9	Mapa da Cidade de Manaus – Homicídios (por 100 mil habitantes) por zona administrativa – 2001 a 2005.....	87
Figura 10	Participação dos bairros da Zona Leste, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	88
Figura 11	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Leste – Manaus – 2001 a 2005.....	89
Figura 12	Participação dos bairros da Zona Oeste, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	93
Figura 13	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Oeste – Manaus – 2001 a 2005.....	94
Figura 14	Participação dos bairros da Zona Sul, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	95
Figura 15	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Sul – Manaus – 2001 a 2005.....	96
Figura 16	Participação dos bairros da Zona Norte, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	98
Figura 17	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Norte – Manaus – 2001 a 2005.....	99
Figura 18	Participação dos bairros da Zona Centro-Oeste, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	101
Figura 19	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Centro-Oeste – Manaus – 2001 a 2005.....	102
Figura 20	Participação dos bairros da Zona Centro-Sul, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%) –Manaus -2001 a 2005.....	103
Figura 21	Mortalidade por homicídio (óbito por 100 mil habitantes) ocorridos nos bairros da Zona Centro-Sul – Manaus – 2001 a 2005.....	104
Figura 22	Mapa da cidade de Manaus – Número de Óbitos por bairro – Município de Manaus- 2001 a 2005.....	105
Figura 23	Mapa da Cidade de Manaus – Distribuição das taxas de mortalidade por homicídio – Bairros da cidade de Manaus – 2002 a 2004.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Taxa de crimes de homicídios de países selecionados.....	15
Tabela 2	Evolução das taxas de mortalidade, por 100 mil habitantes, por homicídios e acidentes de transporte - Brasil -1980 a 2003.....	35
Tabela 3	Distribuição populacional e taxa média anual de crescimento – Estado do Amazonas e município de Manaus.....	50
Tabela 4	Atendimento em saneamento básico nos domicílios – Zonas Administrativas de Manaus - 2000.....	59
Tabela 5	Anos de estudo concluídos com aprovação, segundo grupos etários.....	66
Tabela 6	População de 15 a 29 anos de idade procurando trabalho ou empregada com carteira de trabalho assinada na semana anterior à data da realização do censo demográfico.....	66
Tabela 7	Coefficiente de mortalidade por homicídio, por 100 mil habitantes, segundo o sexo.....	69
Tabela 8	Distribuição dos homicídios em Manaus, segundo grupo etário – 2001 a 2004.....	70
Tabela 9	Repartição da população por estado conjugal, segundo o grupo etário – Manaus- 2000.....	72
Tabela 10	Óbitos por homicídio da população de 15 anos e mais de idade, segundo o estado civil – Manaus – 2002 a 2004.....	74
Tabela 11	Situação ocupacional das vítimas de homicídio, a partir de 15 anos de idade – Manaus – 2002 a 2004.....	76
Tabela 12	Ocorrências de homicídio, segundo o dia da semana em Manaus – 2001 a 2005.....	78
Tabela 13	Ocorrências de homicídio, segundo o dia da semana em Manaus – 2001 a 2005.....	79
Tabela 14	Número de óbitos por homicídio em Manaus, segundo motivo – 2001 a 2005.....	80
Tabela 15	Taxa de mortalidade (por 100 000 habitantes) e incremento (%), segundo o instrumento ou meio utilizado para a consumação do homicídio – Manaus – 2001 a 2005.....	83
Tabela 16	Distribuição dos homicídios por zonas administrativas da cidade de Manaus – 2001 a 2005 (por local de residência).....	86
Tabela 17	Distribuição da autoria dos homicídios em Manaus – 2001 a 2004.....	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVO	18
1.2	METODOLOGIA	18
2	PROCURANDO DESFAZER OS NÓS DO ENTENDIMENTO DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA NAS CIDADES BRASILEIRAS	23
3	EVOLUÇÃO E ESTRUTURA DA MORTALIDADE POR HOMICÍDIO NO BRASIL	34
3.1.	SEXO E A IDADE DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO	36
3.1.1.	Diferenciais por Sexo	36
3.1.2.	Diferenciais por Idade	38
3.2.	A MORTALIDADE POR HOMICÍDIO NAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS	39
4	CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MANAUS	45
4.1.	SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DO MUNICÍPIO	45
4.2.	CONVIVÊNCIA ORDEIRA, PROSPERIDADE E DECADÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MANAUS	46
4.3.	CRESCIMENTO INDUSTRIAL E DEMOGRÁFICO E CONCENTRAÇÃO URBANA	49
4.4.	A SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DA CIDADE	53
5	DETERMINANTES E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS EM MANAUS	67
5.1	DIFERENCIAIS POR SEXO	68
5.2	DIFERENCIAIS POR IDADE	70
5.3	CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO EM MANAUS	70
5.3.1.	O estado conjugal das vítimas	71
5.3.2.	Ocupação das Vítimas	76
5.3.3.	Horário e dia da semana das ocorrências de homicídios	78
5.3.4.	Motivo	80
5.3.5.	Instrumento e/ou meio utilizado para consumação do crime de homicídio	82
5.4.	A ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS EM MANAUS	84
5.4.1.	Zona Leste	88
5.4.2.	Zona Oeste	92
5.4.3.	Zona Sul	95
5.4.4.	Zona Norte	98
5.4.5.	Zona Centro-Oeste	101
5.4.6.	Zona Centro-Sul	102

5.4.7. Local de ocorrência versus local de residência, nos homicídios de Manaus	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO 01 – DISTRIBUIÇÃO DAS ZONAS ADMINISTRATIVAS E DOS BAIRROS DA CIDADE DE MANAUS, CONFORME INTITUÍDA EM 1995, SEGUNDO SUA POPULAÇÃO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA EM 2000	123
ANEXO 02 – TAXA DE MORTALIDADE POR HOMICÍDIO DAS REGIÕES METROPOLITANAS (Por 100 000 habitantes)	125

1. INTRODUÇÃO

A morte revela-se com a extinção da vida. A exposição a este fenômeno é um risco a que todo elemento humano se submete uma única vez desde o momento do nascimento. O caráter de unicidade a diferencia de outros eventos repetitivos, como a migração e o emprego.

Diferentemente da migração - onde um elemento pode mudar de residência várias vezes e ser considerado ou não migrante, dependendo da análise onde se faça, não existem problemas com a definição do fato, vez que o conceito de mortalidade assinala a saída de um indivíduo da população devido ao seu falecimento.

A morte nas suas mais variadas formas é perniciosa. Ela pode manifestar-se por causas naturais ou por causas não-naturais, estas classificadas como causas externas.

No grupo das causas externas, estão contidas as causas de morte por agressões, objeto deste estudo, assim classificadas de acordo com a Classificação Internacional de Doenças. Compreendem os homicídios e os óbitos causados por lesões infligidas por outra pessoa, empregando qualquer meio, com a intenção de lesar (ferir) ou de matar. Compreendem, também, os óbitos por negligência e abandono e por maus tratos (Organização Mundial da Saúde, 1997). Os índices de mortalidade por agressão vêm se constituindo, ao longo do tempo, em instrumentos para se medir “o grau do risco ou do potencial de litígio grave ao qual está sujeita a população de uma área geográfica, em determinado período do tempo” (Governo do Estado de São Paulo, 2004).

Além de ser um mal, em si mesma, e de provocar retração do crescimento demográfico e aumento de custos no Sistema de Saúde, dependendo da intensidade de determinadas causas, a mortalidade por homicídios pode contribuir para a desaceleração do crescimento econômico, a partir da sensação de insegurança e, conseqüentemente, do medo que acomete as pessoas, sobretudo aquelas residentes em cidades com níveis elevados de criminalidade.

Não é sem razão que muitos países, em todo o mundo, investem grandes somas de recursos no combate ao crime e às suas múltiplas faces: das fugas de capitais e lavagem de dinheiro às mortes violentas.

Relacionar mortes violentas com desenvolvimento econômico nunca foi tarefa fácil. Muitos estudos têm avançado nesse sentido. Sociólogos, demógrafos, economistas têm se debruçado sobre essa questão. Hipóteses e teorias clássicas buscam relacionar criminalidade e violência com fatores de natureza econômica.

Há bem pouco tempo, durante a campanha para o desarmamento da população brasileira, vimos emergir, com destaque, a relação entre a violência e os problemas econômicos. Isso nos remete a uma realidade: a de que a violência se transformou numa importante variável econômica. O crescimento dos índices de violência tem afetado a decisão de investir e a gestão empresarial. *Em 2004, o chamado custo violência no Brasil alcançou a casa dos R\$ 60 bilhões, cerca de 3,5% do PIB* (Goldberg, 2005, p.28).

Um conhecido pesquisador do tema, em entrevista a revista Momento IOB, afirma que o Brasil vem perdendo investimentos para países vizinhos por causa do sentimento de insegurança de que aqui se ressentem os executivos e os negócios. Para ele, quando se considera o tamanho do mercado, o Brasil apresenta vantagens, mas, com a integração regional, essas vantagens podem ser

minimizadas e a violência passa a pesar contra nosso país (Ib Teixeira, citado em Goldberg, 2005, p.28).

Ainda, segundo esse especialista, do total dos R\$ 60 bilhões gastos com segurança no Brasil em 2004, R\$ 25 bi foram despendidos com seguros, R\$ 5 bi foram consumidos pelas empresas de vigilância e R\$ 30 bi com vigilância eletrônica, rastreamento por satélite, gradeamentos inteligentes e outros itens de segurança. De todo esse montante de R\$ 60 bilhões, o setor privado desembolsou R\$ 52 bilhões (citado em Goldberg, 2005, p.28).

Os gastos parecem absurdamente elevados, mas são necessários no mundo atual. No primeiro momento, o que se busca é a preservação da vida e, para fazer frente ao risco, alguns executivos de multinacionais chegam a receber bônus extra, uma espécie de “*spread da violência*”, para se mudar com a família para o Brasil. Um importante empresário brasileiro chega a afirmar que

na hora da transferência, os executivos olham a qualidade de vida que vão ter em determinado país, determinada cidade. E sempre consideram o quesito violência¹.

Do ponto de vista dos investimentos, o executivo afirma que, em caso de disputa com outro país que ofereça iguais condições, a variável violência pode ser decisiva.

Há outros fatores mais importantes para fazer com que uma empresa se decida por investir no Brasil. Mas é possível, em caso de disputa com outro país

¹ David Zylbersztajn, presidente do Conselho de Administração da Varig, citado em Goldberg, 2005, p.28

que ofereça iguais condições, que a violência pese contra nós (apud Goldberg, 2005, p28).

Em todo o mundo, as mortes por causas externas, especificamente os homicídios, os suicídios e os acidentes de trânsito, adquirem níveis de significância, que variam de país para país. Em países como Japão, Áustria e França, os suicídios são mais de 20 vezes superiores à taxa de homicídios (Waiselfisz, 2002, p.7).

Estudo realizado pela Organização Mundial de Saúde – OMS, em 2002, estima que, em 2000, aproximadamente 5 milhões de pessoas em todo o mundo morreram após terem sofrido algum tipo de lesão. Cerca da quarta parte destas mortes estão relacionadas aos acidentes de trânsito e outro tanto refere-se ao somatório dos suicídios e homicídios, implicando dizer que somente estas três causas, juntas, são responsáveis pela metade das mortes do grupo de causas externas em todo o mundo. Isso equivale a afirmar que essas três causas, juntas, vêm tirando o sono de governos de diversos países do globo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, pp. 6-9).

Mais detalhadamente, os acidentes provocaram cerca de 25% dos óbitos ocorridos por causas externas no ano de 2000, seguidos pelos suicídios com 16% dos casos. Em seqüência emergem os homicídios que, no mesmo ano, foram responsáveis por 10% dos óbitos classificados no grupo daquelas causas. Depois aparecem os afogamentos (9%), envenenamentos, intoxicação, quedas e guerras (6% para cada sub-grupo), exposição à fumaça e ao fogo (5%). Outras causas externas apresentam índices de 17%. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 9)

Quase 50% das mortes relacionadas a lesões em todo o mundo, no ano de 2000, ocorreram na faixa etária entre 15-44 anos, o que vem se apresentar como

uma preocupação mundial, porque nestas faixas etárias estão os motores que movem a economia de uma nação, isto é, é nesta faixa de idade que se concentra a maior parte dos membros economicamente produtivos da população.

Estimativas da OMS indicam que, em 2000, 520.000 pessoas em todo o mundo morreram por causa da violência interpessoal, isto é, por homicídio. 95% dessas mortes ocorreram em países pobres e em desenvolvimento (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 59). Muito embora a intensidade com que estes eventos ocorrem sofra variações de país para país, o estudo da OMS reforça as teses defendidas por estudiosos do fenômeno no Brasil, que identificam a maioria das vítimas por agressões como sendo homens jovens de cor parda ou negra, com pouca escolaridade e baixa qualificação profissional.

Tabela 1

Taxa de crimes de homicídios de países selecionados – 2000-2002

PAÍS	ANO	Taxa/100mil habitantes
África do Sul (2001)	2001	114,80
Colômbia (2000)	2000	70,00
Venezuela	2000	33,20
Brasil	2002	23,40
Rússia	2002	22,40
Paraguai	2001	15,60
Argentina	2001	8,20
Uruguai	2002	8,00
E.U.A.	2001	5,60
Peru	2001	5,00
Chile	2001	4,50
Canadá	2001	4,10
França	2002	4,10
Dinamarca	2002	3,90
Líbano	2002	3,40

Fonte: SENASP/CEDEPLAR

Embora na **Tabela 1** os dados dos diversos países não se refiram ao mesmo ano, pode-se ter uma idéia da dimensão da taxa de homicídios no mundo.

Vê-se, aí, que a alta freqüência de homicídios coloca o Brasil entre aqueles com as maiores taxas do mundo.

No Brasil e em outros países com elevados graus de urbanização, os homicídios ocorrem em muito maior quantidade nas cidades e, entre estas, nos aglomerados urbanos, como as capitais mais populosas e as regiões metropolitanas. Não obstante, dados recentes sobre a mortalidade no Brasil indicam números elevados de mortes por homicídio em cidades de menor porte, não importando o nível e o padrão de desenvolvimento da região em que se situam (Ministério da Saúde, 2003).

A preocupação com a questão da violência nas grandes cidades brasileiras passou a merecer estudos específicos já nos anos oitenta, tendo como base as estatísticas de mortalidade do Ministério da Saúde, que começaram a ser publicadas em 1977. Todavia, a intensificação dos estudos dos aspectos quantitativos e das principais características das mortes violentas veio a ocorrer na década de noventa, quando a evolução dos indicadores de óbitos por homicídio deixou clara a gravidade da situação. Posteriormente, o desenvolvimento da informática e a utilização da Internet permitiram a disseminação de informações mais detalhadas sobre o fenômeno.

Atualmente, é relativamente vasta a literatura sobre os óbitos por homicídio no País, como um todo, e em seus principais conglomerados urbanos. Os estudos correspondentes abrangem desde os aspectos metodológicos, teóricos e das fontes de dados, aos de caráter evolutivo geográfico/espacial e urbanístico do fenômeno, geralmente considerados segundo as estruturas por sexo e idade, a estratificação social e a distribuição espacial, entre outros enfoques. A maioria deles trata dos homicídios ocorridos nas grandes cidades e, em especial, nas Regiões

Metropolitanas (RMs). Vários se detêm em áreas urbanas específicas. Entre os trabalhos consultados para efeito deste estudo, incluem-se análises referentes às RMs (de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) e à cidade de Campinas, no estado de São Paulo².

A maioria das grandes cidades do Norte e do Nordeste, como as capitais estaduais, não dispõe, a nosso conhecimento, de estudos e pesquisas de relevo a respeito da candente temática dos homicídios. Na Região Norte são incipientes os estudos nesse sentido, sejam eles voltados para as áreas urbanas ou as rurais dos municípios. Em relação a Manaus, dispõe-se de uma importante e relativamente recente contribuição para o conhecimento desse tipo de causa de óbito na cidade (COHEN, 1999). Nesse estudo, a autora busca, a partir de uma pesquisa de campo, qualitativa, desvendar o perfil das vítimas dos homicídios e relacionar os óbitos por homicídio às condições espaciais e sociais vigentes na cidade à época do levantamento.

Todavia, não se encontram, em Manaus, estudos a respeito da evolução e das características dos homicídios a partir de informações quantitativas, aqui consideradas como as provenientes dos serviços de saúde (Sistema de Informações sobre a Mortalidade – SIM – do Ministério da Saúde) e disponíveis na Internet (Datasus.gov.br), com dados sobre sexo, idade e ano do óbito; os dados bastante detalhados oriundos da Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas; aqueles produzidos pelos Censos Demográficos de 1991 e 2000, ricos em dados sobre a situação sócio-econômica dos residentes no Município, discriminados por sexo, idade e bairro de residência.

² Alguns desses trabalhos serão mencionados e comentados no capítulo seguinte.

Daí a necessidade da realização de um estudo que aprofunde a análise dos dados estatísticos disponíveis para o município de Manaus, objetivando dar a conhecer a magnitude e a evolução da quantidade de homicídios ocorridos na cidade, com ênfase em suas principais características e determinantes, os aspectos individuais e sociais das vítimas e sua distribuição pelos bairros da cidade.

1.1 OBJETIVO

Propõe-se, nesta dissertação, estudar a mortalidade por homicídios na cidade de Manaus, em especial sua evolução, distribuição etária e por sexo, situação no contexto brasileiro, magnitude atual, distribuição espacial, características das vítimas e condições em que ocorre, enfatizando sua relação com as características sócio-econômicas da população.

1.2 METODOLOGIA

Cobrando um período que vai de 1980 a 2005, este estudo procurará, inicialmente, verificar a evolução da mortalidade por homicídios em Manaus, no contexto da situação da violência urbana brasileira, para, depois, deter-se na análise dos homicídios em suas relações com as características sociais e espaciais da cidade.

Parte-se do princípio de que há uma relação entre violência e pobreza, em todas as suas manifestações, principalmente a carência das condições essenciais de existência de grande parte da população manauara, como a habitabilidade, o trabalho com salário digno, a saúde, o lazer, a educação, a segurança pública e, em especial, as perspectivas de um futuro melhor. Essas condições, por sua vez, se relacionariam com o risco de morrer em determinadas

áreas do espaço urbano, motivo pelo qual a espacialização terá uma atenção particular neste estudo.

A quantificação dos homicídios e sua relação com os efetivos populacionais constituem ferramentas fundamentais para o conhecimento das manifestações desse tipo de óbito, e serão utilizadas em suas dimensões temporais, sociais e espaciais. Os números, tomados somente em seus valores absolutos, devem ser examinados com cautela. Embora relevante em alguns aspectos, a quantidade de óbitos realizada num quadro de abstração do crescimento populacional, constitui, geralmente, um indicador parcial e limitado da mortalidade de uma região. É por isso que se usa, como instrumental importante desse tipo de estudo, a Taxa de Mortalidade por Homicídio, representada por:

$$TMH = \frac{O_i}{P_t} \cdot 100000,$$

onde

O_i representa os óbitos por homicídio ocorridos, num ano qualquer, na região determinada;

P_t refere-se à população daquele ano na mesma região.

O conceito de taxa utilizada em relação à população total pode ser aplicado a subconjuntos da população que interessem ao aprofundamento da análise da mortalidade por homicídios, tais como a distribuição dos efetivos populacionais por idade, sexo, estado conjugal, grupos sócio-econômicos, ocupação, etc.

Para se calcular a taxa de mortalidade por homicídio do município como um todo, no período em estudo, serão utilizadas estimativas de população já

disponibilizadas pelo DATASUS. Devido à flutuação aleatória do número de óbitos no município, os dados utilizados para o cálculo das taxas de mortalidade vão-se constituir de *médias móveis* do número de homicídios e da população total, para cada três anos consecutivos.

A mesma taxa deverá ser calculada para informações desagregadas, como por sexo, idade e outras variáveis referentes às vítimas, por características específicas dos homicídios, entre eles a localização geográfica (bairro). O período de referência dessa parte do estudo é de 2001 a 2005. Para efeito da distribuição espacial dos homicídios nesse período, foram elaboradas, pelo autor, estimativas populacionais ao nível de bairro. A técnica empregada considera o crescimento demográfico de cada um dos bairros entre 1996 e 2000, balizado pelas estimativas disponíveis da população total de Manaus, entre 2001 e 2005, ano a ano.

Como fontes básicas das informações têm-se, em primeiro lugar, o Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, com dados disponíveis na página do DATASUS na Internet. Do SIM se originarão as estimativas populacionais e o total anual de homicídios ocorridos entre 1980 e 2003, bem como sua distribuição etária e por sexo. Disponibilizadas pouco mais de um mês antes do término deste trabalho, estatísticas mais detalhadas do Ministério da Saúde sobre óbitos, segundo categorias de causas externas, não foram utilizadas por falta de tempo útil. Como já mencionado, serão extraídas do DATASUS as estimativas populacionais usadas no cálculo da Taxa de Mortalidade por Homicídio.

Outra fonte importante de dados sobre homicídios é a Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas, que dispõe, em seus arquivos, do número anual de óbitos a partir de 1994, para o conjunto do município, e segundo uma série de variáveis correspondentes às vítimas e aos homicídios, entre 2001 e 2005. O

Sistema de Gerenciamento de Informações daquela secretaria dispõe de tabulações que contemplam, entre outras variáveis, as referentes a vítima do homicídio, como cor ou raça, ocupação e estado conjugal, e as concernentes ao homicídio em si - tipo, mês, dia da semana e hora, arma do crime e bairro de ocorrência. Uma tabulação elaborada pelo autor, com dados da Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros, para o período 2002/2004, acrescenta, às variáveis citadas, o bairro de residência das vítimas e a autoria do homicídio (conhecida / desconhecida). O armazenamento, o processamento e a tabulação das informações se farão através do pacote estatístico *SPSS*³.

Na construção dos indicadores sócio-econômicos serão utilizadas informações (microdados) sobre a população residente em Manaus e levantadas no Censo Demográfico de 2000, referentes à educação (anos de estudo concluídos, série e curso freqüentados), emprego (condição de empregado/desempregado), renda (distribuição em salários-mínimos), saneamento básico (forma de abastecimento de água, tipo de esgotamento sanitário utilizado) e iluminação pública. As informações necessárias à construção dos correspondentes indicadores estão disponibilizadas, no censo, segundo as áreas de ponderação⁴ da zona urbana do município.

Dado que as informações sócio-econômicas estão disponíveis por área de ponderação, há que se adaptarem seus valores ao nível de bairro, já que é nesse nível que se dispõe da base cartográfica. Para tanto, o autor propõe consignar o mesmo indicador de uma área de ponderação para os bairros que a contêm. Nos

³ Statistical Package for the Social Sciences.

⁴ Como forma de garantir a representatividade da amostra do Censo de 2000, no que se refere a informações desagregadas espacialmente no interior dos municípios, o IBGE fez uso das Áreas de Ponderação, constituídas por um ou mais bairros, a depender dos efetivos populacionais de cada um deles. No caso de Manaus, num sentido contrário, os bairros de Cidade Nova e Jorge Teixeira compõem-se, individualmente, de mais de uma área de ponderação.

casos da Cidade Nova e de Jorge Teixeira, que, ao invés de comporem uma área de ponderação, são por elas compostos, seus indicadores foram calculados com base na soma, tanto no numerador como no denominador, dos dados básicos correspondentes a cada área de ponderação constituinte.

Como ferramenta de processamento dos dados censitários vai-se utilizar o programa de armazenamento e recuperação de dados de grandes bases denominado *REDATAM*, do Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE).

Os indicadores construídos para os bairros (condições sócio-econômicas e ocorrência dos homicídios) serão mapeados com o emprego do sistema gratuito de geoprocessamento *Terraview*, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

2. PROCURANDO DESFAZER OS NÓS DO ENTENDIMENTO DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA NAS CIDADES BRASILEIRAS.

Os primeiros estudos relacionados à violência urbana no Brasil encontraram importância nas rodas de intelectuais das Ciências Sociais a partir dos anos de 1970. Estes trabalhos, embora esparsos no tempo, ganharam destaque a partir da segunda metade da década seguinte, com publicações mais adensadas temporalmente, resultando no surgimento de centros e núcleos de estudos da violência nas grandes cidades brasileiras⁵.(Préteceille 2003)

O avanço de estudos realizados nesses centros, e também por pesquisadores deles desvinculados, vai ensejar resultados a partir de estatísticas criminais que permitirão um melhor dimensionamento da violência nos grandes centros urbanos do país. O aprofundamento de novas investigações vai refletir-se num maior esforço para a melhoria da cobertura dos registros dos indicadores da criminalidade violenta, principalmente com relação aos dados sobre homicídios.

Foi a partir de 1979 que o Ministério da Saúde, utilizando informações das Declarações de Óbitos, passou a implementar o Subsistema de Informação sobre Mortalidade que, juntamente com as informações dos boletins ou registros de ocorrências policiais, passaram a figurar como principais fontes para o estudo dos homicídios. Essa causa de óbito mereceu grande atenção dos pesquisadores, Felizmente, em relação a ela, *os sub-registros e problemas legais de classificação são menores* (Beato, 1999).

⁵ Em 1987, em São Paulo foi criado o NEV - Núcleo de Estudos da Violência – onde trabalham Sergio Adorno e Paulo Sergio Pinheiro; em 1989 foi criado o CLAVES - Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Carelli - da Fundação Oswaldo Cruz, tendo por coordenadora científica Maria Cecília Minayo.

Alguns estudiosos do tema costumam apontar os limites de cada uma dessas fontes, destacando-se o trabalho de Cano e Santos (2001, p 23-31), que indicam as seguintes limitações :

a) Os Boletins e Ocorrências Policiais:

- os dados dessa fonte geralmente seguem critérios jurídicos ou policiais e, se uma morte intencional não receber o nome de homicídio, não será incluída nos totais agregados;

- a polícia registra os fatos conforme são apresentados no momento do Registro de Ocorrência; se o fato inicial se altera, não há atualização do registro;

- o nível de padronização e a qualidade do processamento de dados abre porta a vieses relacionados a fatores locais, podendo cada chefia de polícia interpretar as categorias a seu próprio modo;

- possibilidade de duplicação de registros (alguns crimes são registrados no distrito policial em que ocorrem e também pela unidade policial que investiga os fatos).

b) Os registros de homicídios do MS/SIM/DATASUS:

- há notificação incompleta das mortes, pois algumas municipalidades não relatam todas as mortes ao Ministério; a cobertura parece ser menos eficiente nas regiões mais pobres do Brasil;

- algumas mortes são registradas sem qualquer informação complementar sobre sua natureza e causas, entrando na categoria de *mortes não classificadas* (estas podem atingir um percentual importante no cômputo nacional, sendo mais freqüente nas áreas rurais);

- mortes não-naturais nem sempre são especificadas pelos médicos, ficando sem saber se se trata de homicídio, suicídio ou acidente. São as chamadas mortes por causas externas, de intenção não-determinada;

Mesmo diante das limitações, são enormes as contribuições daqueles que se dedicaram ou se dedicam ao estudo do problema da violência e da criminalidade no Brasil. Estes estudos permitiram chamar a atenção da opinião pública e das autoridades governamentais para o crescimento das taxas de homicídios, que praticamente dobraram nos últimos vinte anos. Também é verdade que os estudos científicos não avançaram no mesmo ritmo desse crescimento.

Sabe-se, hoje, que o estudo da criminalidade passa por um contexto multidisciplinar que engloba a sociologia, a antropologia, a biologia, a psicologia, a psiquiatria, a demografia, a geografia, além da economia.

Essa multidisciplinaridade aparece em Cerqueira e Lobão, que reuniram em um trabalho diversos modelos teóricos e resultados empíricos sobre a criminalidade elaborados por pesquisadores das mais diversas áreas que acabam, no final das contas, por nos ajudar a desfazer os nós dessa enorme teia de complexas estruturas⁶.

Segundo aqueles estudiosos, a partir da teoria focada nas patologias individuais, psicólogos e biólogos vêm pesquisando a criminalidade pressupondo que a criminalidade esteja ligada a ajustamentos de problemas mentais ou biológicos do indivíduo, conectado a outros problemas derivados dos relacionamentos sociais. Nesta linha de análise é apontada a disfuncionalidade dos genes *MAO A* que, associados a históricos de violência sofrida, implicam em risco de comportamento anti-social. (CERQUEIRA E LOBÃO, 2003, p.5)

⁶ Em virtude da multiplicidade de pesquisadores que elaboraram teorias e modelos explicativos da criminalidade, todos citados por Cerqueira e Lobão, eles não serão citados especificamente neste trabalho.

Também merece destaque no trabalho dos autores o estabelecimento de uma relação entre a criminalidade e o estilo de vida, a partir de pesquisas de vitimização. Indivíduos que possuem atividades de lazer dentro de casa, relativamente àqueles que costumam divertir-se em ambientes públicos, tenderiam a ser menos vitimados; de outro modo, pessoas que trabalham fora casa ou moram sozinhas, também teriam maiores probabilidades de se tornarem vítimas, em relação àqueles que não trabalham ou trabalham em casa ou ainda àqueles que moram com outros familiares. (Lobão, op. cit., p. 7).

Ainda segundo Cerqueira e Lobão, outra teoria relevante no estudo da criminalidade seria a da associação diferencial ou do aprendizado social. Nesta, as pessoas, principalmente jovens, determinam seus comportamentos, favoráveis ou não ao crime, a partir de interações pessoais. Assim sendo, a família (capacidade de supervisão), o grupo de amigos (envolvidos em crimes) e a comunidade (jovens da vizinhança envolvidos com problemas) são determinantes. O comportamento criminoso é legitimado também pelo contato e pelo aprendizado de métodos e técnicas criminosos, segundo a mesma teoria explicativa. (Lobão, op. cit., p.8).

A abordagem econômica também encontra espaço no campo dos estudos da criminalidade. Gary Becker inaugura a teoria econômica da escolha racional com a publicação do artigo *Crime and Punishment: An Economic Approach*. Seu modelo consistia na avaliação racional do criminoso em torno dos benefícios e custos esperados, comparados aos resultados da alocação do seu tempo no mercado de trabalho legal. (Lobão, op. cit., p.12)

Sob a inspiração de outro modelo teórico, o da escolha racional, foi desenvolvido um painel a partir do método de momentos generalizados (GMM). Na operacionalização do modelo, mostraram-se estatisticamente significativas e, com

sinal negativo, as variáveis explicativas: taxa de crescimento do PIB, a probabilidade de aprisionamento e de severidade do sistema judicial e o nível de capital social. Com sinal positivo, mostraram-se significativos o índice de Gini, a taxa de criminalidade defasada um período, a existência de produção e consumo de drogas no país, o grau de urbanização e o grau de polarização na distribuição de renda. O PIB e a escolaridade média da população não deram resultados significativos (Lobão, op. cit., p. 16-17)

Esses modelos, além de outros⁷ apontados por Cerqueira e Lobão, vão corroborar muitos estudos que vêm sendo realizados no Brasil. Ao procurar relacionar a incidência de crimes com a estrutura socioeconômica de Estados-nações, regiões e áreas metropolitanas, BEATO (1998), por exemplo, é amparado por trabalhos de autores como Messner, Lftin e Hill e Blau e Blau.

MENDONÇA (2001), ao realizar um estudo da criminalidade para os estados brasileiros no período de 1985 a 1995, utiliza-se da teoria da escolha racional de Becker. Trabalhando com os dados de homicídios do Ministério da Saúde, o autor desenvolveu um painel onde foram encontrados, como determinantes mais significativos na explicação da criminalidade, a taxa de urbanização, a desigualdade da renda, a renda média das famílias e o desemprego. Muito embora os dois primeiros determinantes se mostrassem mais significativos que os dois seguintes, todas essas variáveis exercem impactos sobre a criminalidade. Já os gastos públicos com segurança não apresentaram resultados significativos.

Claro está a influência sobre pesquisadores brasileiros de trabalhos empíricos e teóricos de pesquisadores internacionais. OLIVEIRA (2005), ao

⁷ Teoria da Desorganização Social, Teoria do Controle Social, Teoria do Autocontrole.; Anomia e Teoria Interacional.

investigar , também, as causas da criminalidade em cidades brasileiras e a sua relação com o tamanho das mesmas, incorpora as contribuições da abordagem ecológica⁸ e as metodológicas da economia, centradas na problematização social. Neste estudo, esse investigador confirma a relevância do tamanho da cidade e o contexto socioeconômico na explicação da criminalidade. Suas conclusões indicam que a criminalidade é maior nas grandes cidades porque existe um maior retorno do crime, uma probabilidade menor de ser punido e menores custos associados ao crime. Do ponto de vista socioeconômico, quanto maior a desigualdade de renda e quanto maior a pobreza, maior será a criminalidade. O contrário ocorrerá se as políticas de crescimento econômico conseguirem aumentar a renda dos mais pobres e reduzir a pobreza. O papel da escola na redução do crime não mostrou o resultado esperado. O autor afirma que a escola não está cumprindo o seu papel de formação moral e profissional. Segundo o autor, evidências apontam que a estrutura familiar é determinante. Qualquer alteração nessa estrutura pode potencializar a criminalidade como foi observado nos casos das mulheres chefes de família (OLIVEIRA, 2005, p.17-18).

No estudo do contexto socioespacial da mortalidade por homicídios em Porto Alegre, SANTOS (1999) segue a mesma abordagem ecológica. Ao relacionar a distribuição do índice de homicídios com o perfil socioeconômico de micro-áreas, encontrou índices mais altos nos grupos com piores condições socioeconômicas. No entanto, estas condições, embora adversas, não determinam, com igual peso, os comportamentos violentos em todo o município. Cada área possui um conjunto de fatores críticos resultantes da violência. Neste estudo, a autora, ao analisar dois

⁸ Abordagem de característica sistêmica. Não dá importância a determinadas características isoladas. Somente a combinação de determinados fatores (biopsicológicos, socioespaciais, políticos, culturais e econômicos) existentes nos diferentes níveis (individual, interpessoal, institucional e estrutural) pode explicar a violência. (para mais detalhes, ver: Cerqueira D., Lobão, W. p. 23-25)

grupos de população em iguais condições de acesso à educação, renda e condições de moradia, encontrou níveis diferentes nos índices de homicídios.

As análises das condições sociais existentes nas comunidades, nas favelas, nos bairros, municípios, estados e regiões, vêm utilizando métodos cada vez mais sofisticados, como forma de responder aos questionamentos referentes à violência, dada a importância que a criminalidade tem adquirido na consciência coletiva. As mudanças de hábitos, comportamentos e tomadas de decisão são diariamente alimentadas pelo comportamento da criminalidade, que se manifesta na sua forma mais cruel através do homicídio.

Não é por acaso que os óbitos por homicídio têm sido estudados com maior frequência no País. Além da melhor cobertura dos dados, como referido, essa modalidade de crime tem experimentado um grande crescimento. Ao coordenar pesquisa de âmbito nacional, Waiselfisz (2002) destaca o crescimento das taxas de homicídio, de 20,9 por 100 mil habitantes (1991) para 27,0 por 100 mil habitantes (2000). Em termos absolutos, entre 1991 e 2000 o número de homicídios cresceu 50,2%, muito mais que o crescimento populacional do período (15,8%). Os valores correspondentes para as regiões brasileiras foram 60,7%, para o Nordeste, 55,8% para o Sudeste e 55,9% para o Centro-Oeste, apresentando estas regiões crescimento acima da variação dos homicídios em todo o território nacional e, importante que se diga, bem acima do crescimento populacional dessas regiões, neste período, que foram 12,34%, 15,42% e 23,4%, respectivamente. O estado da Bahia apresentou o maior aumento no número de homicídios (247,7%) e um crescimento populacional de 1991 a 2000, em torno de 10%, por outro lado o Maranhão registrou a maior queda (24,6%) de mortalidade por homicídios neste período. Quanto as regiões Sul e Norte, os crescimento dos homicídios entre 1991 e

2000, ficaram bem abaixo das demais regiões e do Brasil, 18,1% e 17,6%, respectivamente. (Waiselfisz, 2002).

Nessa análise da década passada, o autor chama atenção para o aumento do número de jovens vítimas de homicídios (77%), enquanto que os homicídios, na população total, cresceram 50,2%. Para a análise dos estados brasileiros, os números decenais mais que duplicaram na Bahia, Amapá, Piauí e Mato Grosso. Sua conclusão permite afirmar que a escalada da violência homicida no país avança, vitimando, preferencialmente, a juventude.

Estudos mais específicos cobrem algumas cidades e regiões metropolitanas brasileiras, como os de PAGLIARO (1992) e MAIA et al (2004), que estudaram aspectos socioespaciais de mortalidade para o município de São Paulo. Os trabalhos de PEZZIN (1986), SAPORI et al (2000) e ANDRADE et al (2000), focalizando esses mesmos aspectos, ampliam as investigações para algumas regiões metropolitanas brasileiras.

O estudo de Pagliaro investiga a importância das violências e acidentes (causas externas) entre as principais causas de mortalidade no município de São Paulo, analisando sociologicamente a forma desigual com que são afetados os diversos segmentos sociais coexistentes na capital paulista. A partir de uma divisão do município em áreas, busca identificar as desigualdades sociais através das variáveis padrão de renda familiar, padrão etário e sexo das populações residentes nas áreas (PAGLIARO, 1992). MAIA et al (2004), mais especificamente centrados na questão da mortalidade por agressões nas favelas e nas suas proximidades, procuram analisar a evolução desta causa de morte através de dados de 2001, georreferenciados pela fundação SEADE, segundo os logradouros da cidade de São Paulo. Com relação a favelas, ZALUAR (1985) fez um trabalho pioneiro nesse

campo, onde foi possível associar o contexto social dessas áreas aos fenômenos da violência e criminalidade.

Quanto aos trabalhos sobre as regiões metropolitanas, foram analisadas as relações das variáveis urbanização (ver CANO e SANTOS, 2001), pobreza, desemprego, salário e desigualdade com a criminalidade. Pezzin (1986), em seu trabalho pioneiro, estudou, especificamente, a Região Metropolitana de São Paulo no período de 1970 a 1984, encontrando uma correlação positiva entre urbanização, pobreza e desemprego apenas em relação a crimes contra o patrimônio e, de forma negativa, para os crimes contra a pessoa. Muitos estudos abordaram este problema, com conclusão semelhante. Num estudo relacionando desemprego e homicídios para as regiões metropolitanas de Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, também não foram encontrados indícios de que as variações ocorridas nas taxas de desemprego implicariam variações presentes ou futuras dos índices de violência (SAPORI et al., 2000). Corroborando resultados como esse, ANDRADE et al (2000) argumentam que, se há alguma relação, ela é fraca e não imediata, assim como, também, não se manifesta em qualquer tipo de criminalidade (KAHN, 2001).

BEATO (1998), buscando relacionar desenvolvimento e criminalidade, obteve resultados que indicam que o grau de desenvolvimento dos municípios está associado positivamente a alguns tipos de crimes. Em seu trabalho, sugere padrões distintos de organização dos homicídios⁹, que acabam por estar relacionados ao grau de desenvolvimento dos municípios analisados. Afirma que somente o homicídio “primário” (aquele que ocorre entre pessoas que têm um prévio relacionamento) correlaciona-se com indicadores socioeconômicos de desenvolvimento.

⁹ *Homicídios não-primário* resultante de roubo; *homicídio não-primário* como resultado de outros crimes; *homicídios primário* entre pessoas não íntimas, tais como amigos; *homicídios primário* entre pessoas íntimas, tais como familiares.

Utilizando dados do Sistema de Informações sobre a Mortalidade e da Secretaria Municipal de Saúde de Recife, CÉSAR (2004) e BARROS et al (2001) investigaram as mortes violentas em Recife. O texto de CÉSAR analisa os óbitos violentos na Região Metropolitana, que se configura como a de maior incidência de mortes violentas do Brasil, alcançando a taxa de 106,3 óbitos, por 100 mil habitantes, no último triênio analisado (2000/2002). Explica que essa evolução tem grande relação com o acelerado processo de periferização experimentado nos últimos anos pela Região. O artigo de BARROS investigou as tendências de mortalidade por causas externas da população de crianças e adolescentes de Recife, no período de 1979 a 1995. O estudo, ao analisar os coeficientes de mortalidade para os homicídios, segundo sexo e idade, mostrou um crescimento anual médio de 3,05%. Para o último ano da série estudada, as armas de fogo foram responsáveis por 90% dos óbitos por homicídios.

Estudo pioneiro, focalizando os homicídios como problema de saúde pública na cidade de Manaus, foi realizado por COHEN (1999), que utilizou dados de mortalidade do Instituto Médico Legal e das delegacias de polícia do Município.

Dentro de uma abordagem ecológica, a autora estudou a dinâmica espacial e temporal das vítimas de homicídios, segundo o sexo e a idade, ocorridos no período de 1990 a 1998. Os resultados evidenciaram que o homicídio foi a principal causa de morte no grupo das causas externas, atingindo, em sua maior parte, jovens do sexo masculino com idade entre 15 e 29 anos.

Ao analisar os motivos mais incidentes dos homicídios em Manaus, a autora, utilizando dados de pesquisa realizada nas delegacias de polícia, evidenciou que o consumo de bebida alcoólica apresentava-se como o determinante mais importante para o crime, seguido do uso de drogas e de outros fatores menos

representativos. Na maioria dos casos, as vítimas foram lesionadas por arma de fogo.

É fácil perceber, diante dos resultados de tantos estudos realizados e da cobertura da mídia que a discussão da violência chega ao século XXI como um dos temas de maior preocupação para o povo brasileiro. Essa preocupação suscita o avanço de novos estudos, de novas respostas para novos questionamentos da sociedade.

A coletânea de todos esses e outros trabalhos permite um olhar prospectivo sobre os problemas gerados pela violência nas condições de vida da população residente nas cidades, áreas metropolitanas e macrorregiões brasileiras. A análise de abrangência nacional dos padrões de mortalidade é fruto dos esforços de pesquisadores encorajados por trabalhos específicos de alguns autores que se debruçaram sobre esta problemática em algumas cidades, mas que acabam por se defrontarem com desafios que lhes são impostos pelas limitações de dados ou até mesmo pela escassez de trabalhos científicos realizados em alguns municípios de capitais, como ocorre em Manaus.

3. EVOLUÇÃO E ESTRUTURA DA MORTALIDADE POR HOMICÍDIO NO BRASIL

Aproximadamente 126 mil dos pouco mais de um milhão de óbitos registrados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) no Brasil, em 2003 (Ministério da Saúde, 2003), isto é, 13% do total, ocorreram por causas *violentas* ou *externas* da mortalidade¹⁰. Essas causas englobam, entre outras, os homicídios, os suicídios, os acidentes de trânsito, os afogamentos, as quedas acidentais, as mortes por queimadura e outras. Nesse grupo de causas e no mesmo ano, os homicídios representavam cerca de 5% do total das mortes (naturais e não-naturais) em todo o território nacional. Proporcionalmente ao grupo das causas externas, as mortes por homicídio correspondiam a 40,3% das vítimas em 2003, contra 33,6% das mortes ocasionadas por acidentes de trânsito, a segunda causa externa em importância.

Analisando a evolução histórica dos óbitos por causas externas ocorridas no Brasil desde 1980, verifica-se que, num primeiro momento, os acidentes de transporte eram majoritários. A partir da segunda metade dos anos oitenta, no entanto, os homicídios passam a liderar as causas externas de óbito, conforme mostra a tabela que se segue. (TAB. 2)

Com efeito, no início do período considerado, o coeficiente de mortalidade por acidentes de transporte era quase 50% maior do que a taxa de homicídios (17,1 e 11,7 óbitos, por 100 mil habitantes, respectivamente). A partir de então, se

¹⁰ Em 2002, último ano para o qual o Datasus disponibiliza dados de cobertura, apenas 83,7% dos óbitos do Brasil eram oficialmente registrados. Para a Região Norte, o registro desses óbitos chegava a apenas 72,2% dos ocorridos. Provavelmente o subregistro dos óbitos por causas violentas, por requererem o registro policial, seja menor do que o das mortes por outras causas.

aumenta, de maneira sustentada, a taxa específica de mortalidade por homicídio, que ultrapassa aquela por acidente de transporte. Esta, inclusive, mostra certa estabilidade, até um leve declínio, a partir de 1995. Em 2003, a taxa de mortalidade por homicídio já estaria superando em 50% a referente aos acidentes de transporte. A FIG. 1 ilustra bem essa transformação na estrutura de óbitos por essas duas causas externas, no Brasil.

Tabela 2

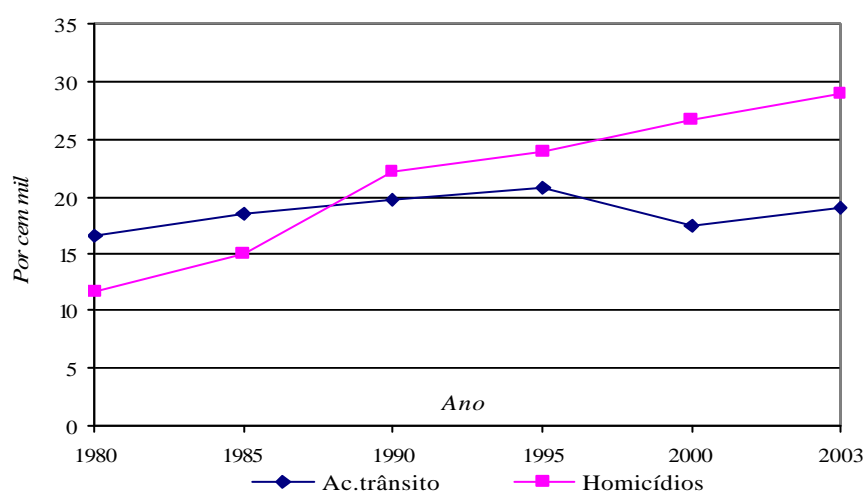
Evolução das taxas de mortalidade, por 100 mil habitantes, por homicídios e acidentes de transportes - Brasil - 1980 a 2003

Causa	1980	1985	1990	1995	2000	2003	Varição (%) 1980/2003
Homicídios	11,69	15,00	22,20	23,83	26,71	28,86	146,88
Acidentes de Transporte	17,11	18,94	20,19	21,28	17,46	19,01	11,10

Fonte: Ministério da Saúde. Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM)

Figura 1

Evolução da taxa de mortalidade por homicídio e por acidentes de trânsito no Brasil – 1980 a 2003



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM)

3.1 O sexo e a idade das vítimas de homicídio

3.1.1 Diferenciais por sexo

A mortalidade por homicídio e lesões provocadas intencionalmente configura-se como uma das principais causas de morte da população brasileira. O número dessas mortes segue uma tendência crescente, o que, necessariamente, obriga os governos a repensarem suas prioridades em meio ao bombardeio de críticas da mídia nacional e da sociedade que, cada vez mais, exige segurança.

No início do Século XXI os óbitos masculinos representavam mais de 90% do total de óbitos por homicídio no Brasil. A evolução observada nos últimos 20 anos indica que essa proporção pode ainda aumentar. Entre 1980 e 2003, o aumento do número de homicídios foi da ordem de 267%, tendo afetado tanto homens quanto mulheres. O ritmo desse crescimento não é o mesmo para os dois sexos. Entre 1980 e 2003, aumentou 275,6%, entre os homens, tendo passado de 12.534 para 47.082 no período. Os óbitos femininos ocasionados por homicídio cresceram 190,1% entre 1980 e 2003 (de 1353 para 3937).

Evidentemente, a evolução da quantidade de óbitos por homicídio não pode ser bem compreendida sem que se levem em conta os efetivos populacionais do País no período considerado. Tomando-se o número de óbitos por cem mil habitantes, elimina-se o efeito do crescimento populacional sobre os dados apresentados, o que facilita o estudo de suas tendências. Além disso, sua desagregação por sexo permite aprofundar a análise.

Considerando-se apenas a população masculina do Brasil, o nível de mortalidade por homicídio é quase o dobro daquele que tinha sido observado para a população total (homens mais mulheres). Assim, o quociente de mortalidade por homicídio, que na população total não chegava a 30 por 100 mil habitantes, em 2003, aproxima-se dos 55 por 100 mil habitantes, quando apenas os homens são

considerados. Essa nova cifra está a indicar que, naquele ano, o País perdeu, vítima de homicídio, um de cada 2000 homens.

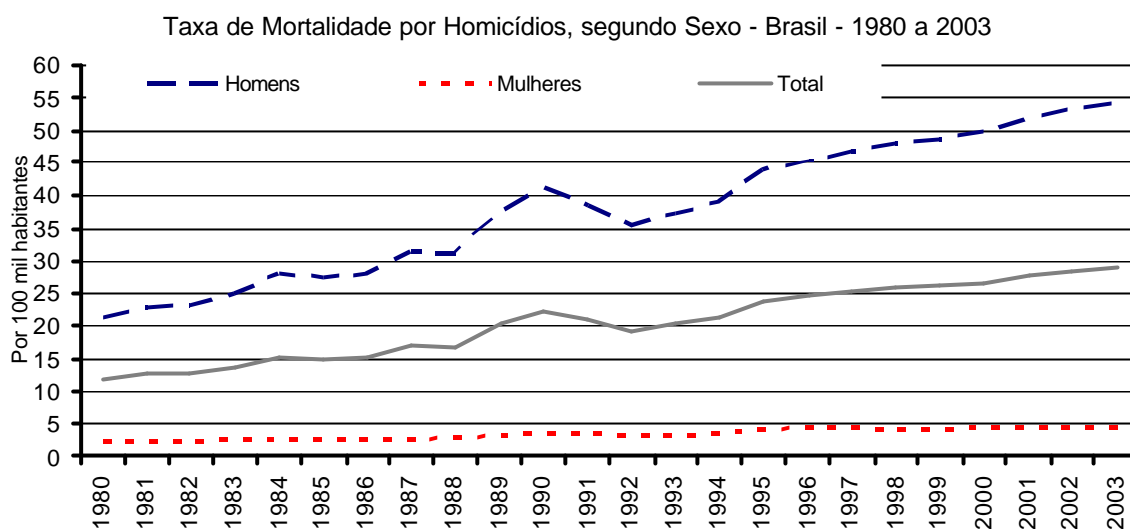
Em 2003, quase a décima parte de todos os óbitos masculinos ocorridos no Brasil foram ocasionados por homicídio. Para os homens com idade compreendida entre 15 e 29 anos, a proporção chega a 45%, ou seja, em 2003, quase a metade do total de óbitos masculinos nas idades de 15 e 29 anos foi devida a essa causa de óbito.

A FIG. 2 mostra a evolução das taxas brasileiras de mortalidade por homicídio do total da população de cada sexo.

Observe-se que os óbitos masculinos vêm crescendo num ritmo aproximadamente constante desde 1980. Por 100 mil habitantes, os cerca de 20 óbitos em 1980 alcançam 30 em 1986 e dobram em 1990, chegando a quase triplicar em 2003. As relativamente reduzidas taxas femininas, que não chegam a alcançar 4 por cem mil em 2003, também elevam-se expressivamente, duplicando seus valores no período.

A evolução diferenciada por sexo reflete no crescimento do quociente de sobremortalidade masculina (razão entre as taxas masculinas e femininas), o qual cresce de 9,3 para 12,0 no período. Vê-se, pois, que o elevado crescimento da mortalidade por homicídio no Brasil atingiu tanto homens quanto mulheres, mas com intensidades diferenciadas. Assim, além de ser a mortalidade masculina por homicídio bem mais elevada para a feminina, a diferença entre seus níveis parece tender a elevar-se com o tempo.

Figura 2

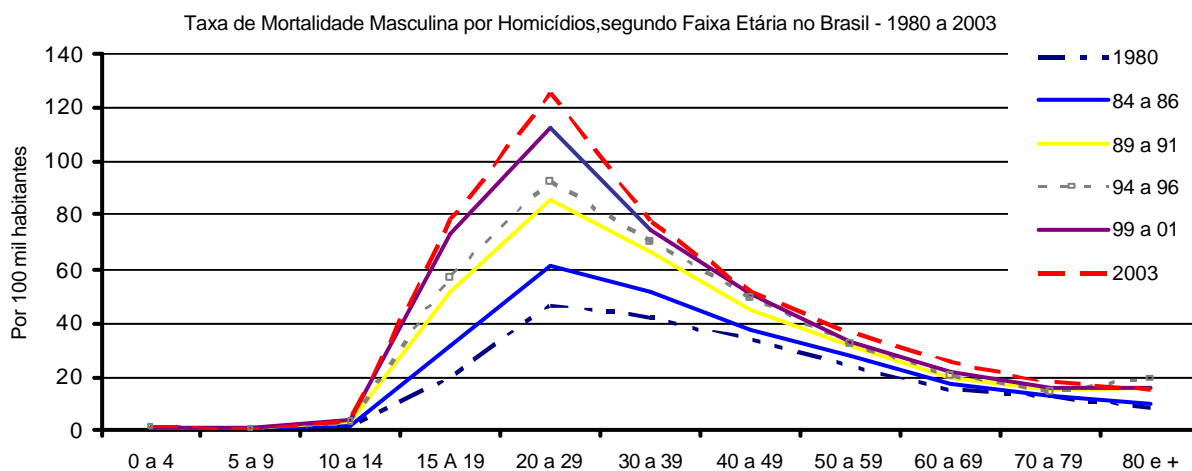


FONTE: Base de Dados do Ministério da Saúde/DATASUS/SIM

3.1.2 Diferenciais por idade

Conforme visto anteriormente, a mortalidade por homicídio no Brasil teve um aumento significativo e consistente a partir de 1980. Essa escalada avança, com maior força, sobre a população jovem e adulta do sexo masculino. A FIG. 3 mostra a evolução da mortalidade por homicídios no período, segundo a faixa etária dos vitimados.

Figura 3



Fonte: Base de Dados do Ministério da Saúde/DATASUS/SIM

Observa-se que as taxas de mortalidade por homicídio atingem fortemente os jovens com idade a partir de 15 anos e alcança valores máximos na população com idade entre 20 e 29 anos, declinando a partir daí. Com efeito, em 2003, quase 60% dessas mortes ocorreram até os 29 anos de idade.

A observação do gráfico sugere uma tendência à redução das idades em que as pessoas são vitimadas. De fato, entre 1980 e 2003, a idade média das pessoas mortas por homicídio caiu 1,6 anos, tendo-se reduzido de 32,7 para 31,1 anos. Essa redução refere-se, basicamente, aos homens vitimados, muito superiores em número, cuja idade média ao falecer caiu de 33 para 30,9 anos no período. As mulheres vitimadas, por seu lado, tiveram sua idade média elevada de 30,9 para 31,8 anos no mesmo período.

3.2 A MORTALIDADE POR HOMICÍDIO NAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS

De um modo geral, as abordagens que se têm feito no Brasil sobre o tema da violência e, em especial, dos homicídios, têm privilegiado as áreas urbanas, com expressão maior no que se refere às áreas metropolitanas (Camargo et al, 1995). Existe uma razoável bibliografia dedicada ao estudo das mortes violentas nessas áreas, um fenômeno que tem vitimado, principalmente, a população que vive nas periferias das grandes cidades, carente de infra-estrutura urbana básica e de equipamentos e serviços nos setores de saúde, educação, justiça, segurança e lazer entre outros.

O enfoque da mortalidade por homicídio nas regiões metropolitanas brasileiras justifica-se porque elas concentram grande parte da população urbana do País e mais da metade dos óbitos devidos àquela causa.

Para efeito deste trabalho, algumas considerações serão feitas a respeito dos óbitos por homicídio registrados nas nove regiões metropolitanas tradicionais¹¹ e nas cidades de Vitória, pelas elevadas taxas que apresenta, de Brasília, pela relevância demográfica, e de Manaus, cidade objeto da presente dissertação.

No início do período analisado os níveis de mortalidade mostravam-se relativamente baixos para todas as regiões metropolitanas e cidades observadas. Em 1980, o Rio de Janeiro apresentava a maior taxa de mortalidade por homicídio, cerca de 24 óbitos por cem mil habitantes. Até meados dos anos oitenta, com exceção de São Paulo e Recife, não se verificou crescimento significativo da mortalidade nessas áreas. No entanto, a duplicação das taxas daquelas duas aglomerações urbanas entre o início e o fim dos anos oitenta já prenunciava o que viria a ocorrer com as demais.

Entre 1980 e 2003, o conjunto dessas áreas teve um incremento de 168% na taxa de mortalidade por homicídio. Todas as áreas, sem exceção, tiveram suas taxas aumentadas em pelo menos 40% no período. Em sua maioria, os aumentos foram muito expressivos, correspondendo, por exemplo, à quintuplicação das taxas em Recife e Vitória, à quadruplicação em Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte e a triplicação em São Paulo e Brasília. Os menores crescimentos foram observados na Região Norte (Manaus e Belém) e em Fortaleza, no Nordeste. Com 44% de crescimento no período, Manaus apresentou a evolução mais branda, entre as áreas investigadas.

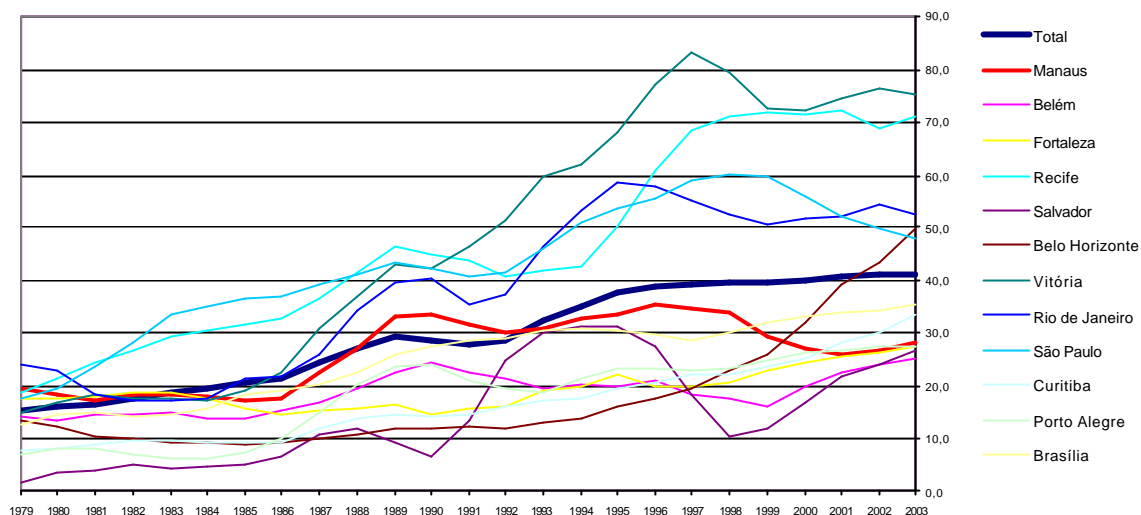
¹¹ A saber, as regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Duas áreas metropolitanas, São Paulo e Belo Horizonte, merecem ser destacadas, devido a sua importância no contexto nacional e às tendências opostas de suas taxas de mortalidade por homicídio. São Paulo apresentou uma tendência fortemente crescente de sua taxa relacionada a essa causa até o ano 2000, passando a decrescer de forma significativa a partir daí. Informações recentes divulgadas pela Secretaria de Segurança Pública daquele estado indicam uma queda expressiva do número de homicídios, tanto no estado, quanto no município da capital. A taxa estadual teria caído de 35,2 para 18,2 óbitos, por 100 mil habitantes entre 1999 e 2005. Segundo reportagem publicada a respeito, o governo estadual indica como principais fatores para a queda o aperfeiçoamento e na maior eficácia da segurança pública. Alguns especialistas apontam a ação da sociedade civil, em complemento às políticas governamentais, como a Campanha do Desarmamento, como principais causas da redução (Folha Cotidiano, 31/1/2006).

Em contraposição, a Região Metropolitana de Belo Horizonte, que tinha uma taxa baixa e relativamente constante de 10 óbitos por cem mil habitantes até 1990, passou a apresentar um crescimento contínuo a partir daquele ano, chegando aos 50 óbitos por cem mil habitantes em 2003. Entre 2000 e 2003 os nove municípios mais populosos daquela RM tiveram sua taxa de mortalidade por homicídios (por 100 mil habitantes) aumentada em 89%. Provavelmente esse crescimento esteja relacionado ao rápido aumento populacional de vários deles. Isso não explicaria, contudo, porque o incremento de 67,4% desses óbitos, naquele período, em Betim, município que apresentou expressivo crescimento demográfico (80% entre 1991 e 2000), apresentou-se inferior ao de Contagem, cuja população aumentou bem menos, cerca de 20%, no mesmo período.

Figura 4

Evolução da mortalidade por homicídio, por 100 000 habitantes, em nove regiões metropolitanas; nos municípios de Manaus, Vitória e no Distrito Federal – 1980-2003



Fonte: Ministério da Saúde. Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM)

Talvez a explicação devesse ser buscada na deterioração das condições de vida da periferia de Belo Horizonte e dos municípios vizinhos e nas carências na capacidade operacional da Segurança Pública estadual¹². Complemente-se a isso a hipótese, bastante difundida em conversas informais, da transferência, para a cidade e suas adjacências, de atividades relacionadas ao tráfico de drogas a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro, dadas as dificuldades operacionais crescentes para a realização de tais atividades naquelas duas cidades.

Num ritmo de crescimento menor, a RM de Curitiba também parece caminhar rumo a níveis elevados de mortalidade por homicídio, caso se mantenha a tendência crescente desde o início desta década. Embora pareçam relativamente reduzidos, vis-à-vis as aglomerações urbanas mais afetadas pelos homicídios, os

¹²Notícias recentes veiculadas na imprensa belorizontina dão conta de uma queda apreciável do número de homicídios na capital em 2005. Segundo fontes da Secretaria de Segurança do Estado de Minas Gerais, as razões para a redução estariam em iniciativas daquele Órgão, como a instalação de câmeras no centro da cidade e a divulgação maciça de fotografias dos principais criminosos em atividade, o que teria levado à prisão da maioria entre eles (O Estado de Minas, 7/3/2006).

níveis daquela área metropolitana cresceram 50% entre 2000 e 2003. Aqui também se pode levantar a hipótese de relação entre aumento das taxas de homicídio e o crescimento populacional. Com efeito, a RM de Curitiba apresentou, na última década, o maior ritmo de crescimento populacional entre as nove principais Regiões Metropolitanas do país.

Evidentemente, a busca de explicações para a evolução do número de homicídios em São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e outras regiões metropolitanas necessitaria de maior aprofundamento e discussão, o que não corresponde ao escopo deste trabalho.

Muito embora a maioria das RMs que historicamente apresentaram baixas taxas de homicídios esteja mostrando atualmente uma tendência crescente (ver FIG.4), a excepcional evolução de Belo Horizonte e, num ritmo menor, a de Curitiba, chamam especial atenção também pelo fato de que, duas décadas atrás, essas áreas metropolitanas poderiam ter sido consideradas modelos de eficácia da segurança pública local, dadas as reduzidas quantidades de homicídio aí registrados na época.

O início do Século XXI vai encontrar uma configuração dos níveis de mortalidade por homicídio bastante diferente daquela observada no início dos anos oitenta, conforme indica o gráfico. Com valores acima da média dos conglomerados urbanos analisados, encontram-se Recife, Vitória, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. As duas primeiras dessas RMs isolam-se em elevados patamares de mortalidade por homicídio, embora pareçam manter-se estáveis no final do período. Entre as demais, São Paulo mostra sinais de forte declínio nas taxas, conforme já citado, ocorrendo justamente o contrário com Belo Horizonte, pelo menos até 2003, último ano para os quais os dados do Ministério da Saúde estão disponíveis na

Internet. No grupo com mortalidade inferior à média metropolitana, estão, em melhor situação, Belém, Manaus, Porto Alegre, Fortaleza e Salvador, embora suas taxas mostrem tendência a crescer. As taxas de Curitiba e o Distrito Federal encontram-se próximas à média das Regiões Metropolitanas.

Convém salientar que esse padrão de taxas elevadas de mortalidade por homicídio não é característica apenas das regiões metropolitanas. Existem muitas cidades brasileiras com população inferior, como Marabá, no Pará (54,76 óbitos por cem mil habitantes); Porto Velho/RO (60,66); Ariquemes/RO (61,74); Foz do Iguaçu/PR (64,59) e Cuiabá/MT (65,58), cujas taxas situam-se bem acima da média das regiões metropolitanas observadas. Embora demograficamente menos importantes, a gravidade da situação nessas cidades justificaria a realização de estudos específicos para a busca dos determinantes de níveis tão elevados.

4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MANAUS

A capital do estado do Amazonas apresenta especificidades históricas, geográficas e econômicas que a diferenciam da maioria das capitais estaduais brasileiras. Situada em região de população relativamente reduzida e distribuída por um extenso espaço geográfico, Manaus apresentou épocas de crescimento populacional acelerado, que a colocaram em evidência como centro econômico na Amazônia. A primeira delas ocorreu em fins do Século XIX e início do Século XX, quando a exploração da borracha, necessária nos primórdios da indústria automobilística, fez da Amazônia o maior (e único) produtor da *hévea brasilienses*. A expansão demográfica da cidade, interrompida com a decadência da produção gomífera no Brasil, voltou a ocorrer, com ímpeto, a partir da sexta década do Século XX, com a criação da Zona Franca e o estabelecimento do Distrito Industrial de Manaus.

4.1 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DO MUNICÍPIO

Manaus tem suas origens na segunda metade do século XVII, com a criação do Forte de São José do Rio Negro. O povoado que se estabeleceu em torno do forte recebeu, posteriormente, outras denominações: Lugar da Barra; Vila da Barra (1832) e, em 1848, passa a se chamar Cidade da Barra de São José do Rio Negro. Em 1850, recebe a denominação atual de Cidade de Manaus (1856), em homenagem aos índios Manaós, habitantes desse lugar, que foram extintos após choques virulentos com o colonizador europeu (Mello e Moura, 1990. p.31)

O município possui uma localização geográfica privilegiada. Situa-se na confluência dos rios Rio Negro e Solimões, onde se forma o Rio Amazonas.

O crescimento da cidade é impulsionado, gradativamente, pela intensificação das atividades econômicas. Na década de 50 do século passado, a área urbana de Manaus crescia e se interiorizava, espalhando-se em várias direções com a formação de novos bairros: ao Norte – São Geraldo, Chapada, São Jorge, Vila Amazônica e Adrianópolis; a Leste – Crespo, São Lázaro, Betânia, Morro da Liberdade, Santa Luzia, Imboca, Raiz, Petrópolis e São Francisco; a Oeste – Glória, Santo Antônio, Compensa.

Daí em diante e especialmente a partir da implementação da Zona Franca de Manaus (1967), o surgimento de novas áreas de ocupação urbana passaria a impor cada vez mais a necessidade de planejar e reordenar o espaço urbano. Em 1995, a Lei 283 redimensionou as Regiões Administrativas da cidade e a Lei 287, redelimitou os bairros de Manaus, instituindo-se, assim, a atual configuração geográfico-administrativa da cidade. Os cento e vinte e seis bairros existentes até aquele momento foram reagrupados e transformados em cinquenta e seis, organizados em seis zonas geográficas: Norte, Sul, Centro-Sul, Leste, Oeste, Centro-Oeste e Rural, esta última, considerada como uma área de expansão urbana.

4.2 CONVIVÊNCIA ORDEIRA, PROSPERIDADE E DECADÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MANAUS.

A cidade de Manaus vem sendo palco de experiências administrativas e econômicas desde o momento de sua inserção no império colonial português, o que lhe permite conviver com alguns aspectos inerentes à construção de suas especificidades. Adquire importância estratégica em vários planos e programas de

integração nacional, principalmente aqueles relacionados à ocupação e integração da Amazônia ao resto do Brasil.

“Uma área predominantemente militar e geopolítica, e, menos aproveitável economicamente” (Santos, p. 16), assim caracterizava-se toda a Amazônia durante o período Colonial. Desde então, Manaus já servia de entreposto comercial para as atividades extrativistas. Das “drogas do sertão” às atividades de extração da borracha, muitas experiências, em meio à prosperidade e decadência, foram decisivas para a construção do espaço urbano de Manaus. Até a Proclamação da República, não se podia falar em evolução urbana da cidade, mesmo considerando-se que, no final dos anos 1880, ela já contava com uma população de 38.720 habitantes¹³. A configuração urbana, nessa época, era caracterizada pela simplicidade das casas, pela improvisação do arruamento e pela dispersão espacial da população.

“Era marcante a precariedade das ruas estreitas entrecortadas por igarapés, a simplicidade do casario e a exclusividade do pequeno comércio. A morfologia social era marcada pelo caráter disperso da população, que permanecia boa parte do ano pelas matas, dedicada às atividades de coleta, caça e pesca” (Daou, 2000, p. 34).

Decisivamente, o mais significativo momento para a modernização do espaço urbano e para a criação de uma sociedade “ordeira” em Manaus dá-se com a evolução da atividade extrativa da borracha. Antes desse período, embora fossem

¹³ Fonte: IBGE, Anuário estatístico do Brasil 1963. Rio de Janeiro: v.24, 1963.

enormes as possibilidades de explorações das riquezas da floresta e da atividade agrícola na região, nenhum acontecimento iria marcar mais as especificidades dessa cidade.

Foi nesse período que a pequena sociedade manauara viveu “a Belle Époque”. Grandes reformas urbanas vão transformar a pequena “aldeia” em uma cidade moderna. Grandes avenidas, chamadas *boulevards*, redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação das ruas, circulação de bondes e um sistema de telégrafo subfluvial, vão surgir para garantir a comunicação da cidade com os principais centros mundiais de negociação da borracha e contribuir para a formação de uma sociedade local. Todas as reformas, quase que exclusivamente, vão em direção aos anseios da elite mercantil da época. Nesse período foram construídos espaços reivindicados pela alta sociedade para que pudessem ter uma vida social mais “ordeira”¹⁴. Assim, seriam construídas obras portentosas, que retratam a riqueza daquele momento: Teatro Amazonas, Alfândega, Palácio da Justiça, Mercado Municipal, Biblioteca Pública e o Porto Flutuante.

Uma evolução impressionista de progresso, aos olhos dos viajantes europeus, tomava conta da cidade de Manaus na época, mas acabava por camuflar o quadro de miséria que acompanhava o crescimento e o progresso da “*Paris dos Trópicos*”.

Ao passar a primeira década do século XX, a Amazônia vai imergir num acelerado processo de decadência sócio-econômica, caracterizada, em seu início,

¹⁴ “Nos jornais, chama a atenção o reconhecimento da necessidade de “diversões”, o que sinaliza para a emergência de um tipo de sociabilidade mais segmentada. Reivindicadas pelos cronistas, sensíveis observadores da vida social, as diversões e os eventos públicos eram objeto de atenção dos diferentes administradores, governadores e prefeitos, preocupados em promover distrações e grandes acontecimentos que favorecessem a vida pública e a convivência “ordeira” nos espaços da cidade” (Daou, 2000, p.46).

pelas conseqüências do advento de grandes epidemias (febre espanhola, varíola), cuja virulência e intensidade chegam a vitimar milhares de habitantes da capital.

4.3 CRESCIMENTO INDUSTRIAL E DEMOGRÁFICO E CONCENTRAÇÃO URBANA.

Somente a partir da implantação da Zona Franca em 1967¹⁵, a cidade passa a distanciar-se do velho modelo extrativista. Novas experiências administrativas vão ser elaboradas na cidade, com o intuito de dinamizar o desenvolvimento econômico regional.

A implantação de uma Zona de Livre Comércio, acompanhada da criação de uma área destinada à instalação de grandes indústrias na zona leste de Manaus, se, por um lado, apresentou aspectos positivos, uma vez que proporcionou a convivência social, econômica e cultural com um modelo de sociedade moderna, complexa e industrial, em contraposição à anterior, atrasada, simples e mercantil, por outro lado iria acelerar o crescimento desordenado da capital amazonense, causado pelo êxodo rural e por fluxos migratórios inter e intra-regionais.

A aceleração desse processo de concentração populacional em Manaus começa a partir da década de 1960 e prossegue pelas décadas seguintes, o que vai refletir numa desorganização do espaço urbano que, hoje, após quatro décadas, apresenta enormes desafios relacionados à melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

¹⁵ A ZONA FRANCA DE MANAUS (ZFM) foi instituída por decreto em 1957, mas passou a funcionar apenas em 1967, através de diretrizes contidas em outro decreto, para o qual ela constitui “uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar, no interior da Amazônia, um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento em face dos fatores locais e da grande distância que se encontram os centros consumidores de seus produtos”. (BOTELHO, 2001; Salazar, 2004)

Segundo o IBGE, a população manauara, em 2000, constituía-se de 1.405.835 pessoas, distribuídas, predominantemente, na zona urbana. Os dados indicam que 99,35% de seus habitantes estavam estabelecidos na zona urbana, enquanto que 0,65% (9.072 hab), na zona rural do município.

Entre as décadas de 1940 e 1950 a taxa anual média de crescimento declinou de 2,8 para 2,3% (Tabela 3). Nesta época, a economia amazônica permanecia estagnada, não obstante a tentativa de retomar a produção da borracha durante a Segunda Guerra Mundial (Becker, Vergolino e Gomes, 2004) A partir dos anos sessenta a capital amazonense experimentou um acelerado ritmo de crescimento, o qual, mesmo arrefecendo-se nas duas últimas décadas, ainda é o mais intenso entre os verificados nas capitais brasileiras.

Tabela 3

**Distribuição Populacional e Taxa Média Anual de Crescimento
Estado do Amazonas e Município de Manaus - 1930 – 2000**

Ano	Amazonas (a)	Crescimento Anual (%)	Manaus (b)	Crescimento Anual (%)	(a)/(b)
1920	363166		75704		20,8
		0,94		1,72	
1940	438.008		106.399		24,3
		1,49		2,75	
1950	507.628		139.620		27,5
		3,39		2,30	
1960	708.459		175.343		24,7
		3,03		5,92	
1970	955.235		311.622		32,6
		4,12		7,35	
1980	1.430.089		633.383		44,3
		3,93		5,16	
1991	2.103.243		1.011.501		48,1
		3,40		3,73	
2000	2.840.889		1.405.835		49,5

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1930-2000.

Assim, de 1960 para 1970 sua população cresce a uma taxa média de 5,9%. Na década seguinte, de 1970 a 1980, a taxa média atinge seu ponto máximo,

7,4%, para declinar no período seguinte, (1980/1991) 5,2%, chegando a taxas de crescimento médio em torno de 3,7%, no período que vai de 1991/2000. O elevado crescimento verificado a partir da década de 1960 deve-se à forte migração ocasionada pela implantação do modelo de crescimento econômico industrial em Manaus, além das altas taxas de fecundidade da população, prevalecentes pelo menos até os anos oitenta.

Para melhor compreensão da explosão demográfica e da desorganização do espaço urbano de Manaus, observadas nas últimas décadas, é necessária a observação dos vários processos ocorridos a partir da implantação da Zona Franca.

Em sua fase inicial, a Zona Franca de Manaus constituiu-se em forte atrativo para consumidores brasileiros da Região e de fora dela. Estes consumidores chegavam a Manaus, provenientes de vários estados brasileiros para adquirir bens de consumo importados, de baixo preço e de excelente qualidade. O centro comercial de Manaus, nessa primeira fase, é estimulado pelo aquecimento das transações comerciais que, vão estimular o crescimento do setor de serviços (hotéis, restaurantes, bares, transportes, etc). *As atividades industriais nessa época ainda estavam em processo de gestação* (Vergolino e Maia, 2004, p. 461).

Nessa primeira fase, centrada nos anos setenta e com a economia estimulada pelas atividades do terceiro setor, a cidade passa a expandir-se no sentido norte, com a construção de grandes conjuntos residenciais para atender à crescente demanda habitacional, induzida pela forte migração de trabalhadores provenientes de outros estados. Essa migração foi determinante em todo esse processo de concentração urbana. Um grande contingente populacional de origem interiorana, sem qualificação profissional, passou a ocupar as margens dos igarapés

e a invadir áreas particulares das zonas Norte e Leste. Nesse período, conforme mostra a tabela anterior, a população de Manaus duplicou.

Após a primeira década de progresso, crescimento econômico e demográfico, em 1980 a população chega aos 633 mil habitantes. No decorrer da década de 80, a cidade passa a enfrentar os problemas provenientes das crises de produção e da falta de investimentos, observados, aliás, em todo o país. A imigração diminui e a população cresce menos que nos anos setenta, embora ainda com uma taxa bastante elevada (5,2% ao ano).

Em 1991, Manaus já conta com mais de 1 milhão de habitantes. As demandas por bens públicos se espalham, como se espalham os núcleos habitacionais formando novos bairros. A Zona Leste consolida-se como a mais populosa da cidade. Consolidam-se, também, os problemas causados pela desorganização da ocupação do solo urbano do município, que contribuem decisivamente, para o aumento da segregação econômica, social, cultural e espacial da maioria da população, característica marcante nas áreas urbanas brasileiras, especialmente as que passaram ou passam por fases de grande crescimento, como Manaus.

A ZFM em todas as suas fases, e até hoje, vem provocando avanços econômicos e sociais bastante significativos na economia regional. Ela foi, em grande parte, responsável pela modernização da cidade. Com o passar do tempo, após sua implantação, nota-se que houve um grande crescimento da produção industrial, mesmo se considerarmos as fases de crise nacional, além do processo de formação de uma nova classe média. Por outro lado, pode-se notar a destruição das atividades rurais, provocada pelo intenso movimento migratório com destino à cidade, além de uma exacerbada concentração da produção de bens e serviços em

um único sítio urbano; a rápida destruição do ecossistema no entorno da cidade, por conta da ausência de um efetivo processo de planejamento urbano; a concentração da renda pessoal; à ampliação das carências referentes ao saneamento básico, como água potável, esgotamento sanitário e coleta de lixo, vão se somar a problemas como falta de escolas, hospitais (e pronto-socorros), transporte, habitação (atributo das invasões), lazer e segurança, provocando um conjunto de seqüelas sobre as populações natural e migrante da cidade. (Vergolino e Maia, 2004, p. 461)

4.4 A SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DA CIDADE

De forma semelhante a praticamente todas as grandes cidades brasileiras, Manaus caracteriza-se por uma expressiva diferenciação socioeconômica entre seus moradores. A capital amazonense é habitada, majoritariamente, por famílias chefiadas por assalariados de baixa remuneração, trabalhadores da economia informal ou desempregados, migrantes em grande proporção, morando geralmente às margens dos igarapés ou de outras áreas centrais deterioradas ou em bairros distantes e mal-equipados ou, ainda, em áreas de especulação imobiliárias ou públicas, que passam a ocupar para construir suas casas e que recebem, genericamente, a denominação de “invasões”. Nas áreas da cidade mais equipadas e assistidas pelos serviços públicos, residem as famílias situadas no outro lado do espectro social, composto por grandes e médios empresários, funcionários públicos bem remunerados, empregados de alto nível das empresas do Distrito Industrial, além de setores melhor remunerados da classe média.

Esta situação é determinada, basicamente, pela forma como está distribuída a renda da população. Como se sabe, no nosso País e, dentro dele, nossas cidades, padecem dos males gerados por uma forte concentração de renda e pela má distribuição social e geográfica dos recursos públicos.

Do ponto de vista econômico, Manaus difere da maioria das cidades brasileiras que têm o mesmo porte demográfico. Situada na vasta área, de frágil economia, constituída pelo Norte e pelo Nordeste do país, o município, no entanto, desfruta de vantagens comparativas, quando confrontado com as maiores cidades dessas duas regiões. O volume de recursos aqui existentes, advindos dos salários e de subsídios relativos à Zona Franca, bem como dos impostos pagos pelas empresas que operam no Distrito Industrial, é proporcionalmente mais elevado que o dos demais aglomerados urbanos do Norte/Nordeste ou mesmo de alguns outros situados em outras regiões. A renda média dos chefes de domicílio em Manaus, em 2000, chegava a R\$ 706,41 mensais, próxima à correspondente para o total do Brasil (R\$ 753,53) e muito superior à da Região Norte (R\$ 576,84) (IBGE, 2000)

Contudo, de forma coerente com as relações capitalistas de produção e de consumo dominantes no país, os recursos de que dispõe o município são distribuídos de forma desigual, tanto social, como espacialmente. De um lado, a renda é bastante concentrada, como o é, de fato, em quase todo o País. Segundo dados do último censo demográfico (IBGE, 2000), enquanto um bairro de alta classe média (Adrianópolis), próximo ao centro da cidade, apresentava 4,1% de domicílios cujos responsáveis tinham renda de até um salário-mínimo, a proporção correspondente para o bairro Jorge Teixeira, uma área de baixa renda situada na Zona Leste da cidade, chegava a 30,9%. Esta situação não surpreende e mostra-se coerente com a distribuição geográfica da renda mensal no município: no ano 2000,

a soma dos rendimentos de 1% dos chefes de domicílio com renda mais elevada era equivalente ao total recebido por 65,1% da população que tinha menores rendimentos. Muito embora esse indicador não esteja entre os de pior qualidade no país (em Belém, no mesmo, ano, os mesmos 1% com maior renda recebiam o mesmo que os 70,5% mais pobres da população), ele constitui um bom indicativo da realidade social do município.

De uma forma geral, os indicadores sociais do município são mais satisfatórios que os do restante do estado do Amazonas ou do conjunto da Região Norte. Encontram-se próximos aos das demais capitais da região ou melhores que eles, mas ainda longe do que se poderia considerar satisfatório para um município de economia privilegiada. Assim, apenas para citar como exemplo, a proporção de população alfabetizada com 15 anos ou mais chegava a 94,4% em 2000, um dos melhores índices entre capitais da Região Norte. Ainda na área educacional, 21,4% da população municipal com 10 anos e mais de idade em 2000 tinha, no máximo, três anos de estudo concluído com aprovação. No entanto, essa proporção distribuiu-se desigualmente no espectro social do município, Entre os que têm renda de três ou mais salários-mínimos, apenas 7,4% não haviam concluído três anos de estudo com aprovação no mesmo ano, o que indica a forte diferenciação socioeconômica nas oportunidades de ensino em Manaus. O contraste vai além, se considerarmos que, provavelmente, a grande maioria da população com mais rendimentos teve e tem condições de estudar em escolas privadas, em que o nível de ensino geralmente é superior ao das escolas públicas, freqüentadas pelo estrato economicamente inferior dos moradores.

Todavia, a maior visibilidade da diferenciação na apropriação da renda, dos serviços e equipamentos públicos em Manaus é observada na variação dos

indicadores sociais no espaço urbano. Conforme mencionado no início deste item (p. 55), a cidade capitalista tende a alocar a população conforme seu *status* social, ficando os bairros mais equipados e assistidos reservados às famílias com melhores níveis de renda, instrução, situação no mercado de trabalho, etc. O restante da população vai procurar residência nas áreas em que seu salário ou sua situação de desempregado ou subempregado permite adquirir ou alugar, quase sempre em bairros carentes de serviços e equipamentos de infra-estrutura, distantes e com acesso precário ou situado em áreas centrais degradadas e de risco para a saúde (como as margens dos igarapés, em Manaus).

Na capital amazonense, essa segregação sócio-espacial está refletida na divisão administrativa do município, adotada pela Prefeitura Municipal em 1995. Ela compreende seis áreas (zonas) administrativas – Centro-Oeste, Centro-Sul, Leste, Norte, Oeste e Sul - as quais agregam os 56 bairros oficializados pela prefeitura no mesmo ano, além da zona rural (Manaus 1996; Manaus 1999, *apud* Silva Neto, 2001). Um quadro em anexo (Anexo 1) mostra as zonas administrativas de Manaus e sua repartição por bairros, bem como as populações e as densidades demográficas correspondentes, em 2000.

A rápida descrição que se fará das zonas administrativas do município de Manaus foi, em parte, reproduzida de Cohen (1999). As diferenciações devem-se à atualização das informações.

Zona Centro-Oeste

Com 141022 habitantes em 2000, essa área caracterizou-se pela ocupação através de conjuntos habitacionais. Por isso, seus habitantes são menos afetados por problemas de infra-estrutura. Um dos principais bairros dessa área, o Alvorada, originou-se do reassentamento de famílias através do Programa Promorar.

Zona Centro-Sul

Corresponde à área de mais elevado nível sócio-econômico do município, muito embora note-se aí alguma heterogeneidade social. Além de edifícios e condomínios destinados à alta classe média, é também composta por vários conjuntos habitacionais antigos, onde reside uma classe média de menor poder aquisitivo. Área muito valorizada comercialmente, possui o maior *shopping center* da cidade, agências bancárias, supermercados, estádio de futebol, universidades, comércio e serviços generalizados, além de contar com um dos maiores centros de lazer e esporte do Norte do Brasil (CSU do Parque Dez) e com um grande Parque Municipal (Mindu). No ano 2000, era habitada por 123987 moradores. Atualmente experimenta um forte crescimento verticalizado com a construção de grandes prédios residenciais que vêm dando novos contornos a região Centro-Sul de Manaus.

Zona Leste

Com população de 324986 habitantes em 2000, é a área administrativa com maior população no município. Caracterizou-se e caracteriza-se por ocupações de áreas não-construídas (invasões) e constitui-se na área mais carente da cidade, seja em termos de renda monetária, seja em termos de serviços, equipamentos e transportes coletivos. Tem também a maior superfície entre as áreas administrativas e é de maior expansão espacial e demográfica. Como veremos mais adiante, é nessa área que se concentram o maior número e as maiores taxas de homicídio de Manaus.

Zona Norte

Também relativamente populosa, tem a maioria de seus moradores situados na baixa classe média, muito embora não haja homogeneidade em termos

sócio-econômicos. Relativamente bem servida em termos de infra-estrutura urbana, dispõe de ampla variedade de tipologia habitacional, que engloba loteamentos, conjuntos habitacionais e invasões. Sua população, em 2000, era de 282083 habitantes.

Zona Oeste

Área bastante diferenciada ecológica, urbanística e socialmente, inclui uma parcela urbana de ocupação antiga e próxima ao centro da cidade. Caracterizou-se pelo povoamento espontâneo processada a partir do bairro de São Raimundo, nos anos quarenta do século passado. Como exceções, os bairros de Ponta Negra e Tarumã passaram a ser considerados como áreas “nobres”, com loteamentos de alto padrão e têm uma ocupação mais recente. População em 2000: 214075 habitantes.

Zona Sul

Habitada por 308340 pessoas, é a área administrativa mais central da cidade. Apresenta-se heterogênea em termos de renda, especialmente nas áreas ocupadas às margens dos igarapés. Engloba o centro da cidade e sua circunvizinhança, onde se concentram as principais atividades comerciais e de serviços da capital. Uma parte do próprio Distrito Industrial constitui uma extensão dessa área, já que é invadido pelo Igarapé do Quarenta, o mais importante da área urbana.

A figura 05 (mapa da cidade de Manaus), na página a seguir, mostra a distribuição dos bairros e das zonas administrativas do município de Manaus.

Pode-se compreender melhor a caracterização das áreas administrativas de Manaus através da exposição de alguns indicadores da conformação sócio-econômica da cidade, especialmente os que indicam os contrastes espaciais.

De forma condizente com sua divisão em zonas administrativas, a cidade oferece um quadro de desigualdades em relação aos indicadores mais utilizados na análise sócio-econômica. Assim, reforçando o que foi mostrado anteriormente em relação à distribuição entre os bairros de Manaus, pode-se verificar que o rendimento médio numa das principais áreas habitadas por pessoas de classe média bem remunerada na Zona Centro Sul (bairros de Nossa Senhora das Graças e Adrianópolis) é quase quatro vezes o correspondente a uma vasta e povoada área da Zona Leste, composta pelos bairros de Jorge Teixeira, Tancredo Neves e São José.

As tabelas e os mapas que se seguem fornecem subsídios para o desvendamento das diferenciações sócio-espaciais, à medida que indicadores variados vão se alinhando para conformar esse panorama bastante perverso da realidade urbana manauara.

Tabela 4

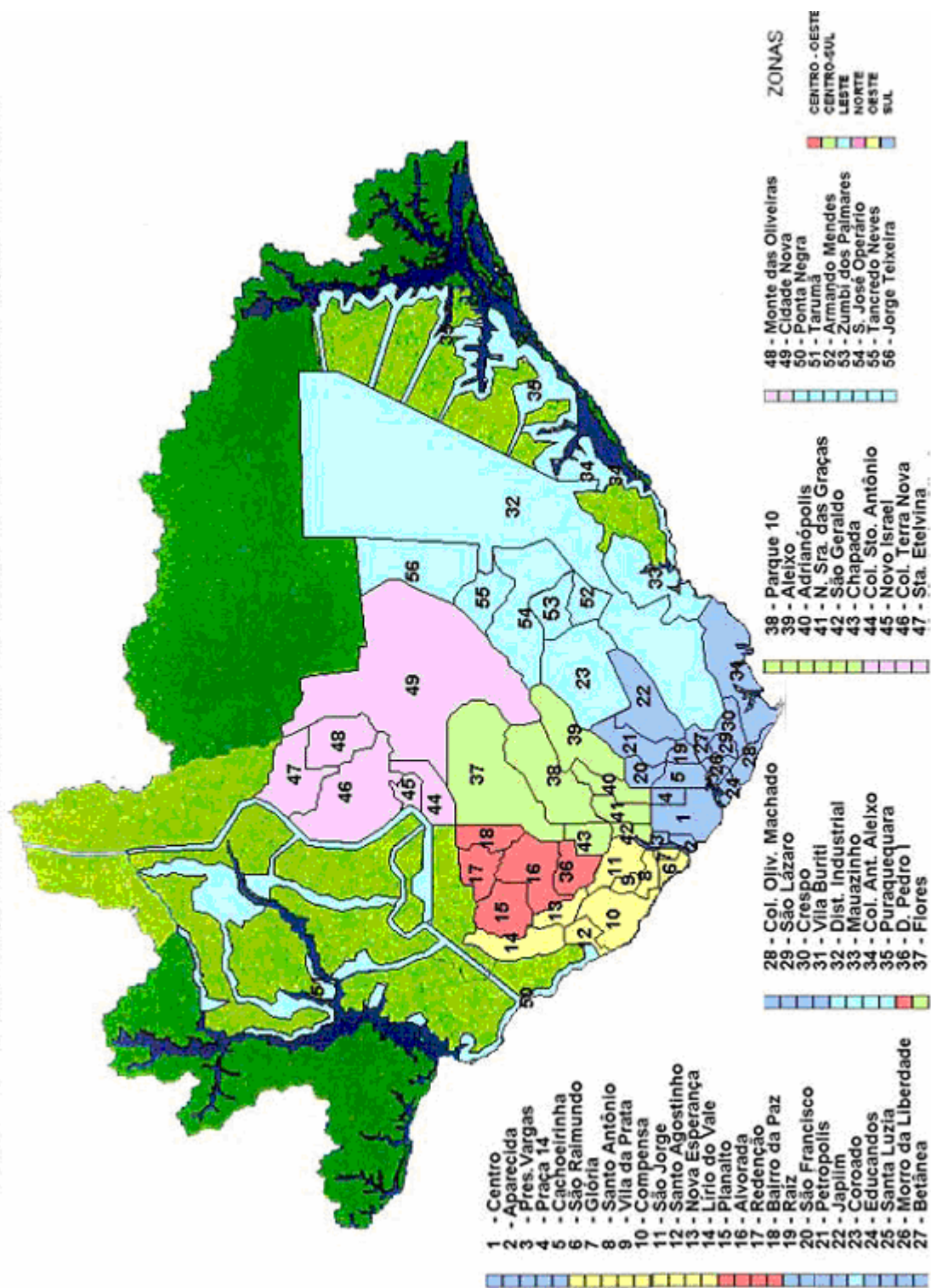
**Atendimento em saneamento básico nos domicílios
Zonas Administrativas de Manaus 2000**

Zona administrativa	Água	% sobre o total de domicílios
	Rede geral	Esgoto Rede geral ou fossa séptica
Sul	92.9	76.1
Centro-Sul	59.9	88.3
Centro-Oeste	92.6	80.7
Oeste	93.1	79.0
Norte	54.7	67.4
Leste	62.5	63.3

Fonte: IBGE. Base de microdados do Censo Demográfico de 2001

Figura 5 – Mapa da Cidade de Manaus

MAPA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS BAIRROS DE MANAUS SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO EM ZONAS



Reproduzido de: Silva Neto, L. *Estudo da Associação entre Tuberculose e Infecção pelo HIV no Município de Manaus – AM*, apresentado como dissertação de mestrado junto à Escola Nacional de Saúde Pública - FIOCRUZ.

A forma como as residências se abastecem de água de boa qualidade ou possuem sistemas de escoamento de dejetos humanos aceitáveis pelos padrões usuais de higiene e saúde constitui um dos mais importantes e utilizados indicadores das condições de vida nas áreas urbanas. Importantes estudos foram consagrados a essa característica da população urbana e a suas relações com outros indicadores sociais. Do ponto de vista da determinação exercida pelas condições de saneamento sobre a mortalidade infantil, uma contribuição pioneira e das mais significativas deve-se a SIMÕES E OLIVEIRA (1984). Diversas referências ao mesmo tema podem ser encontradas em TEIXEIRA (1997), além de vários outros trabalhos cuja relação é ocioso citar.

No caso do abastecimento de água, o indicador mais utilizado é dado pela porcentagem dos domicílios servidos de água canalizada. Em relação ao esgotamento sanitário, toma-se a proporção dos domicílios ligados à rede geral de esgotos ou que possuem fossa séptica.

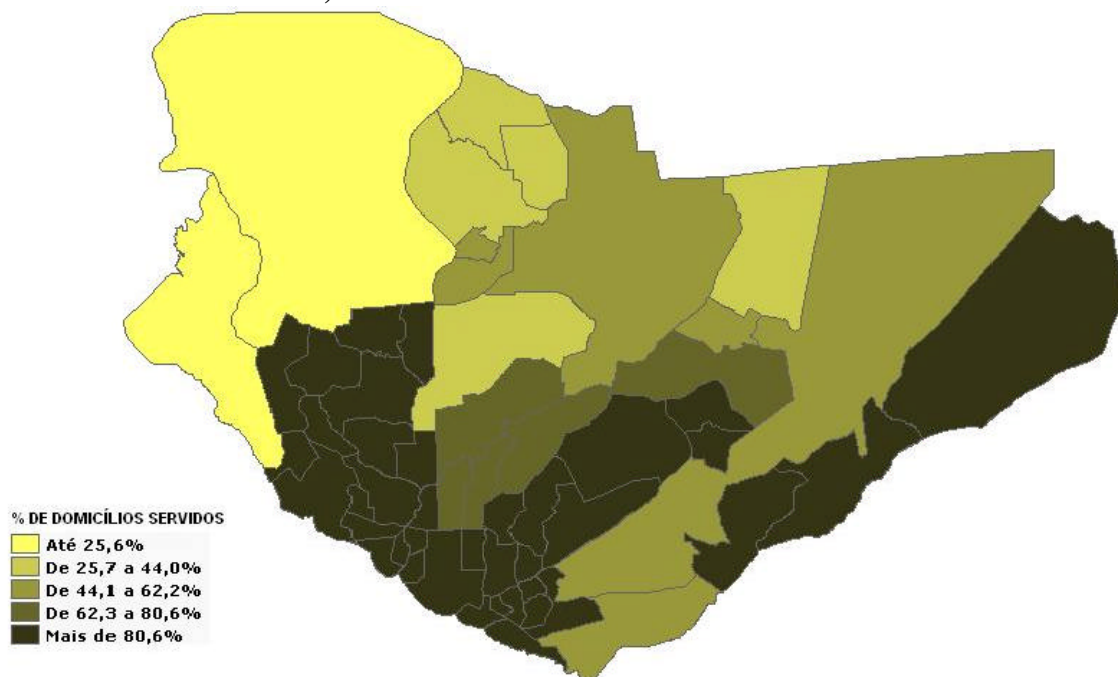
Em Manaus, o atendimento à população com água de qualidade e sistema de esgotamento sanitário aceitáveis mostra-se diferenciado espacialmente, beneficiando, na média, as áreas mais próximas ao centro da cidade e mais favorecidas pelos serviços e equipamentos públicos. Já as zonas Norte e Leste apresentam desfavorecimento em relação a esse indicador. A baixa cobertura da rede de abastecimento nos bairros de melhor situação sócio-econômica mostrada na tabela, como os situados na Zona Centro-Sul, podem dever-se à significativa quantidade de edifícios e de conjuntos residenciais, existentes na área, e que se servem de água de reservatórios próprios.

Os dois mapas apresentados nas páginas seguintes (Mapas 2 e 3) indicam a configuração geográfica dos serviços referentes ao saneamento básico na

cidade, tendo como unidade de referência o bairro. Como se pode notar, o melhor serviço de abastecimento de água, através de rede encanada, concentra-se mais nos bairros das zonas Oeste e Centro-Oeste, piorando sensivelmente nas zonas Norte e Leste. Por sua vez, as instalações adequadas de esgoto se encontram em maior quantidade nos bairros situados na Zona Centro-Sul, com extensões para o Oeste e o Norte. Muito distantes deles, social e geograficamente, alinham-se os bairros de mais precária situação em termos de condições sanitárias, situados na Zona Leste.

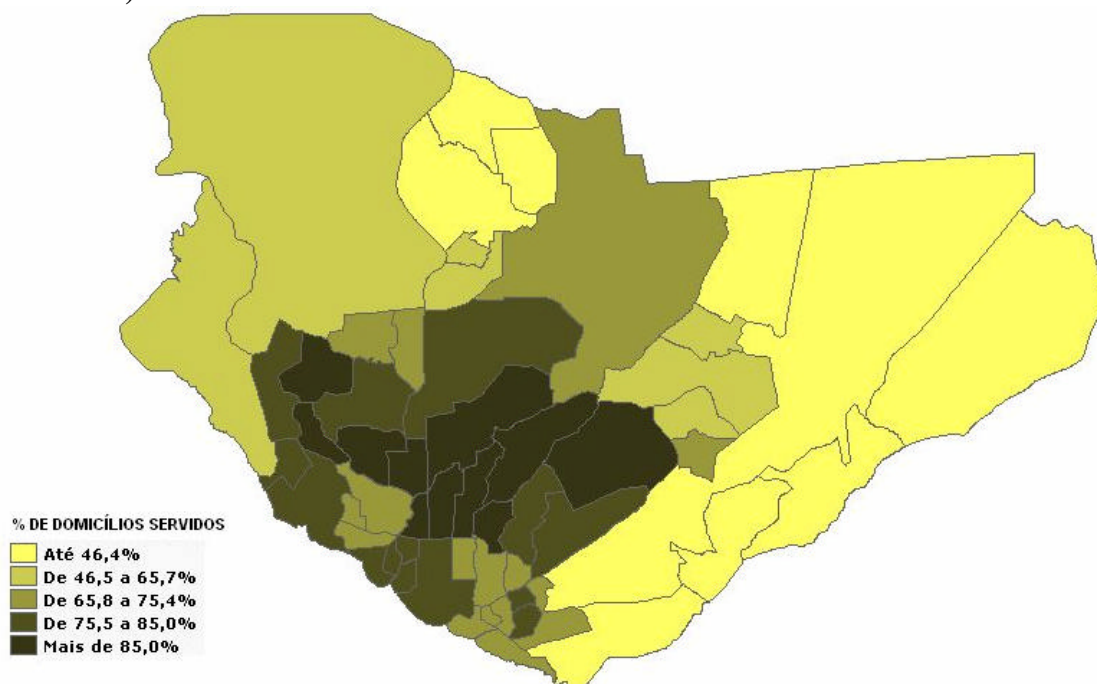
Com maiores proporções de domicílios servidos de água encanada (acima de 80%), vamos encontrar os bairros da Compensa, São Raimundo, Santo Antônio, Vila da Prata, Glória, Santa Luzia e Morro da Liberdade, situados nas áreas mais centrais da cidade. Em sentido contrário (menos de 25,6% de atendimento), estão os bairros Ponta Negra e Tarumã, na Zona Oeste. Em relação ao esgotamento sanitário, as melhores situações, com cobertura superior a 85%, ficam todos os bairros da Zona Centro-Sul, exceto Flores, o São Francisco (Sul), Nova Esperança (Oeste), Coroado (Leste), e na zona Centro-Oeste, os bairros do Planalto e Dom Pedro. Já Vila Buriti na zona Sul, Distrito Industrial, Mauzinho, Colônia Antônio Aleixo, Puraquequara, Jorge Teixeira (Zona Leste), Santa Etelvina, Monte das Oliveiras e Colônia Terra Nova (Zona Norte) dispõem de cobertura de atendimento inferior a 45%.

Figura 06
Mapa da Cidade de Manaus
Domicílios servidos pela rede geral de abastecimento de água nos bairros de Manaus (% sobre o total de domicílios)



Fonte: IBGE. Base de microdados do Censo Demográfico de 2000.

Figura 07
Mapa da Cidade de Manaus
Domicílios servidos pela rede geral de esgotos nos bairros de Manaus (% sobre o total de domicílios)



Fonte: IBGE. Base de microdados do Censo Demográfico de 2000

Outra característica de relevo na caracterização sócio-econômica do local de moradia é dada pelas condições de iluminação dos domicílios e da via pública onde estão situados. No caso específico da mortalidade por homicídio, a existência e a qualidade da iluminação pública podem ser fatores determinantes no desenvolvimento do processo que leva à consumação do crime. Em relação a esse indicador, as piores condições de iluminação revelam-se em bairros distantes, situados nas zonas Leste e Norte. Nas áreas melhor iluminadas da cidade, os bairros de Lírio do Vale (Oeste), Nossa Senhora das Graças (Centro-Sul) e Coroadó (Sul), têm mais de 95% das residências situadas em ruas com iluminação pública.

Vista a partir da situação individual dos moradores, a diversidade sócio-econômica da capital também se faz patente. Ao se considerarem, por exemplo, os indicadores educacionais do ano 2000, dados pelo número de anos de estudo concluídos com aprovação, seja pela população jovem, com idade compreendida entre 15 e 29 anos¹⁶, ou por todos os maiores de 10 anos, confirma-se o que vem sendo observado até agora, isto é, a distribuição desigual das oportunidades de estudar e de progredir nos estudos. A Tabela 5 mostra alguns resultados para as zonas administrativas. Vê-se, novamente, tanto para a população mais jovem, como para o total dos moradores, que as zonas Leste e Norte continuam apresentando condições inferiores de estudo a seus habitantes. No lado oposto, as demais zonas, com ênfase para a Zona Centro-Sul, apresentam os melhores resultados comparativos.

¹⁶ Para os moradores são apresentados, nas tabelas, os indicadores para o grupo etário 15-29 anos que, como será visto adiante, representa a parcela populacional com maior risco de sofrer homicídio em Manaus.

Tabela 5

Anos de estudo concluídos com aprovação segundo grupos etários (% sobre o total da população)

Zonas Administrativas	15 a 29 anos de idade		10 anos e mais de idade	
	Até 3 anos de estudo	8 anos e mais	Até 3 anos de estudo	8 anos e mais
Sul	9.0	57.0	18.1	49.3
Centro-Sul	7.3	69.0	12.4	63.5
Centro-Oeste	8.8	57.6	18.1	51.0
Oeste	10.3	51.9	19.9	45.5
Norte	12.9	45.9	22.9	40.5
Leste	15.2	38.1	28.2	31.7

Zonas Administrativas de Manaus – 2000

Fonte: IBGE – Base de microdados do Censo Demográfico de 2000

Finalmente, convém observar o comportamento de um indicador do potencial de apropriação de renda pelos moradores. Essa característica pode ser investigada através da verificação da situação de emprego do morador (empregado/desempregado), complementada, no caso do empregado, pela regularização da condição de empregado. No primeiro caso, os resultados não mostram diferenças expressivas entre as zonas administrativas, exceto pelo menor valor apresentado pela Zona Centro-Sul. A procura de trabalho parece estender-se a todos os estratos sociais e a todo o espaço urbano. Já no que se refere à condição de ter ou não carteira de trabalho assinada, os diferenciais ficam mais evidentes, sobressaindo-se, de novo, o Centro-Sul como a área de maior porcentagem de trabalhadores regularizados e a Zona Leste, com a menor.

Tabela 6

População de 15 a 29 anos de idade procurando trabalho ou empregada com carteira de trabalho assinada na semana anterior à data da realização do censo demográfico
Zonas Administrativas de Manaus - 2000 % sobre o total da faixa etária

Zona administrativa	Procurando trabalho	Com carteira de trabalho assinada
Sul	21.0	53.2
Centro-Sul	17.1	57.2
Centro-Oeste	19.1	47.9
Oeste	20.3	50.5
Norte	19.3	49.3
Leste	19.3	44.1
Área rural	6.6	14.0

Fonte: IBGE. Base de microdados do Censo Demográfico de 2000.

Vê-se, portanto, que, através dos indicadores utilizados para se tentar compreender os contrastes sociais existentes em Manaus, descobre-se uma cidade com uma grande diversidade espacial e sócio-demográfica, caracterizada por sintomas evidentes de concentração de renda e de distribuição desigual de oportunidades e de espaços.

5 DETERMINANTES E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS EM MANAUS

As digressões feitas até agora sobre a caracterização parcial da diversificação social em Manaus tiveram como finalidade estender o pano de fundo para se tentar entender os principais fatores relacionados com os homicídios ocorridos em Manaus nas últimas décadas, o que se fará a seguir.

A convivência “ordeira” em Manaus agora é coisa do passado. Isso não significa dizer que a população desta cidade tenha perdido a sua capacidade de conviver harmonicamente com as contradições impostas pelo modelo de desenvolvimento econômico estabelecido desde os idos de 1960. Apesar do crescimento e do progresso, a Manaus do presente apresenta enormes contradições sociais e econômicas. O fantasma da mortalidade precoce que atingia, antes da década de 1980, especialmente as crianças, volta-se agora também para os adolescentes e jovens, através da violência interpessoal, que vitima especialmente jovens do sexo masculino e de baixa condição social. O emprego da violência nestas mortes, sempre provocadas por outra pessoa, é o que caracteriza esse tipo de óbito como homicídio, assim como, também, é a violência, em suas múltiplas manifestações, que produz o medo nas pessoas, levando grande parte da população a clamar por justiça e paz.

Em 2004, o município, além de concentrar aproximadamente a metade da população do Estado (51,6%), também concentrava 70% (1.022) das mortes violentas (Causas Externas) e mais de 76% (402) dos homicídios (Ministério da

Saúde, 2004). Estes dados mostram a relevância que os homicídios vêm assumindo entre as causas de morte na população manauara.

Há uma preocupação geral no município com as taxas de mortalidade por homicídio, que cresceram suas médias anuais a partir da década de 1980. A referida taxa, que, em 1979/1981, era de 20 por 100 mil habitantes, passou para 27 por 100 mil habitantes em 2001/2003. Isso corresponde a um crescimento de 36,9%, assegurando à cidade de Manaus uma posição de bons resultados apenas quando comparadas às taxas das regiões metropolitanas brasileiras, que se encontram em pior situação quanto à mortalidade por homicídio, como, por exemplo, Recife, Vitória ou Rio de Janeiro (ver Figura 4, Capítulo 3, p.42).

5.1 DIFERENCIAIS POR SEXO

Em meio a esse aumento verificado nas taxas de vitimização por homicídios em Manaus, os homens, a exemplo do que ocorre em todas as partes do mundo, estão sempre entre as maiores vítimas e também entre os maiores perpetradores de crime intencionais contra a vida de terceiros.

Essa característica de alta taxa de mortalidade masculina se distribui de forma generalizada no tempo e no espaço, isto é, são os homens as maiores vítimas em todos os anos e em todos os estados da federação brasileira. No entanto, o nível da mortalidade por homicídio masculina varia no decorrer dos anos e conforme o local considerado. Alguns municípios apresentam taxas específicas bem diferenciadas umas das outras e, em muitos casos, acima da média brasileira atual, de 54,07 por 100 mil habitantes¹⁷, como é o caso do município de São Paulo, que

¹⁷ Taxa calculada a partir dos dados disponíveis no DATASUS.

chegou a apresentar uma taxa superior a 120 homicídios masculinos por cem mil habitantes em 1999, com uma tendência acentuada de queda a partir daí (MAIA, et al. 2004. p.8).

A situação para os homens vítimas de homicídios em Manaus não é diferente. No transcorrer de vinte anos (1980 a 2000), houve um acréscimo acentuado da taxa, que passou de 35,37 para 62,44 (por 100 mil homens), superando em 30,74% esta taxa para o Brasil em 2000, o que evidencia um aumento do risco de morte dos homens por essa causa.

Tabela 7

Coefficiente de Mortalidade por Homicídio segundo o sexo, por 100 000 habitantes (de cada sexo) - Município de Manaus - 1980 a 2000

Sexo	1980	1985	1990	1995	2000	Varição (%) 1980/2000
Total	20,84	18,82	34,23	33,77	32,44	55,64
Homens	35,57	34,70	63,37	62,63	62,44	75,52
Mulheres	6,17	3,43	5,62	6,24	3,89	-37,00

Fonte: Base de dados do MS/SIM/DATASUS.

Para as mulheres, se forem considerados apenas os dados de 1980 e 2000, as taxas de homicídio parecem ter diminuído, o que poderia ser creditado à redução das diferenças sociais entre os homens e mulheres ocorridas nas últimas décadas. A simples ascensão social da mulher poderia ter influenciado nessas taxas, porém a irregularidade das taxas no período considerado, devido, provavelmente, ao pequeno número de óbitos femininos registrados, não permite confirmar a tendência de queda dos níveis.

5.2 DIFERENCIAIS POR IDADE

Conforme fora visto, a maioria dos óbitos por homicídio em Manaus segue uma tendência universal, concentrando-se nos homens jovens adultos, com baixos níveis de ocupação e escolaridade e em bairros com piores padrões sócio-econômicos.

Tabela 08

Distribuição dos homicídios em Manaus, segundo grupo etário - 2001 a 2004

LOCAL	até 14	15-29	30-49	50 e +	Ign	TOT
Número de homicídios	33	985	472	103	6	1599
Proporção sobre o total	2,1	61,6	29,5	6,4	0,4	100,0

FONTE: Gerência de Sistemas de Informações da Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas

A juventude, em toda a história, vem sofrendo o maior impacto da violência. Se no Brasil, em 2003, como dito anteriormente (Item 3.1.2, p. 31), quase 60% dessas mortes ocorreram até os 29 anos de idade, os jovens manauaras do sexo masculino, na faixa etária de 15 a 29 anos, representaram, naquele ano, mais de 62% do total de óbitos por homicídio e mais de 92% das vítimas de todas as idades eram de sexo masculino - 382 homens do total de 409 óbitos por homicídio. Alguns anos antes, em 1999, nas Regiões Metropolitanas de Vitória, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, a taxa de homicídio de homens deste grupo etário ultrapassava 200 por cem mil habitantes, índices equivalentes aos de países em guerra civil, segundo MUSUMECI (2002, p.4).

5.3 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO EM MANAUS

Analisando dados de ocorrências policiais registradas no período de 2002 a 2004, na Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros de Manaus e os referentes ao período 2000-2005 do Departamento de Sistemas de Informações da Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas, foi possível avaliar algumas

variáveis como estado civil, ocupação, hora e dia da semana do óbito, motivo, instrumento ou meio utilizado e autoria, que permitem caracterizar o perfil da vítima de homicídio no município.

5.3.1 O estado conjugal das vítimas

Estaremos considerando, neste item, aqui, apenas a população com 15 anos e mais de idade.

É necessário cautela na análise das informações sobre a determinação do estado conjugal da vítima de homicídio, já que eventuais contrastes que nelas transpareçam nem sempre refletem a realidade que se quer avaliar. Isto, porque a suposta predominância de um ou outro estado conjugal observada nos resultados pode estar afetada por fatores sócio-demográficos que atuam sobre os indicadores utilizados.

Primeiramente, deve-se observar que os solteiros constituem maioria da população nas idades em pauta (IBGE, 2000). Assim, uma eventual superioridade da quantidade de solteiros vitimados por homicídio não causaria surpresa, não significando, todavia, obrigatoriamente, que o risco de morrer do que está solteiro seja superior ao do restante da população.

Outro fator a se considerar é a elevada proporção de óbitos por homicídio entre os jovens com menos de 30 anos de idade, conforme visto anteriormente (Tabela 08). *Ceteris paribus*, pessoas de num determinado estado conjugal e com idade situada na faixa mencionada tenderiam a apresentar maior quantidade de óbitos (em relação aos demais estados conjugais) e maior taxa de mortalidade. Isso é reforçado pelo fato de que o estado conjugal em Manaus tem-se mostrado

bastante sensível à distribuição etária da população. Nesse município, em 2000, os jovens constituíam ampla maioria entre os solteiros e quase a metade daqueles que vivia em união consensual (amasiados). Num sentido inverso, eram escassa minoria entre os casados e mais ainda entre os separados, divorciados e viúvos, conforme mostra a Tabela 09.

Tabela 09

**Repartição da população por estado conjugal segundo o grupo etário
Manaus - 2000**

Estado conjugal	Efetivos com 15 anos e mais de idade (A)	Efetivos com idade entre 15 e 29 anos (B)	A/B (%)
Solteiros	368004	287643	78.2
Amasiados	250835	117886	47.0
Casados	245463	45978	18.7
Separados, divorciados e	72577	5504	7.6
Total	936878	457011	48.8

Fonte: IBGE: Microdados do Censo Demográfico de 2000

Deve-se ressaltar a expressiva participação da população jovem entre os que vivem em união consensual. Em parte, isso pode ser explicado pelo fato de que, em média, os jovens têm rendimento inferior ao dos mais velhos¹⁸, apresentando, portanto, mais dificuldades em arcar com despesas de casamento, seja ele civil ou religioso. Tal situação é agravada nos casos de uniões consensuais - geralmente de jovens - subseqüentes a uma gravidez inesperada, e que não podem ser formalizadas por carência de recursos financeiros.

As ponderações dos três últimos parágrafos, se observadas, trarão subsídios para a abordagem objetiva das informações referentes aos homicídios

¹⁸ Em 2000 o rendimento médio dos moradores com 30 anos e mais de idade era mais que o dobro do referente àqueles com 15 e 29 anos de idade (R\$ 846,00 e R\$ 395,00, respectivamente), de acordo com os dados do Censo Demográfico daquele ano (IBGE, 2000).

segundo o estado conjugal das vítimas. A tabela seguinte contém os dados necessários à análise dessa característica da mortalidade por homicídio em Manaus.

Vêm-se, através dos dados da Tabela 10, que parecem bastante próximos os números que indicam, de um lado, a participação de cada estado conjugal no total de óbitos e, de outro, a taxa de mortalidade por homicídio. Diferentemente da proporção de óbitos por homicídio, que dá o peso do número de vítimas de cada estado conjugal sobre o total de vítimas de uma determinada área, a taxa de mortalidade fornece o número de vítimas para cada 100 mil pessoas em um determinado estado conjugal. Trata-se, pois de indicadores distintos por definição, e a semelhança para o caso de Manaus, indicada na tabela, pode estar influenciada pela repartição da população da cidade segundo o estado conjugal, mostrada na mesma tabela.

De olho nessa perspectiva, observa-se, inicialmente, que os solteiros, maioria na população, são, numericamente, as principais vítimas de homicídio e da cidade, conforme mostra a Tabela 10. Essa significativa participação (64,3% dos óbitos) é bastante superior à sua importância numérica (39,3%) nos efetivos populacionais da capital amazonense. Ao mesmo tempo, sua taxa de mortalidade (59,2 por 100 mil habitantes) está bem acima da taxa para o conjunto dos moradores (36,2 por 100 mil habitantes), isto significa que outros fatores, independentes da participação do contingente de solteiros na população total, estariam contribuindo para a elevada mortalidade apresentada por esse contingente populacional.

Tabela 10

Óbitos por homicídio da população de 15 anos e mais de idade, segundo o estado civil

Manaus – 2002 a 2004

Estado Conjugal	Óbitos	Participação no total dos óbitos (%)	Participação no total da população (%)	Taxa (por 100 mil)
Solteiros	710	64,3	39,3	59,2
Amasiados	229	20,7	26,2	28,0
Casados	127	11,5	26,8	15,9
Separados, divorciados e viúvos	39	3,5	7,7	16,6
TOTAL	1105	100,0	100,0	36,2

Fonte: Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros de Manaus/Polícia Civil/AM.

Notas: 1. População por estado civil estimada pelo autor, com base no Censo Demográfico de 2000.

2. Os 113 óbitos relativos ao estado conjugal desconhecido foram distribuídos proporcionalmente ao número de óbitos relativo a cada estado conjugal (Distribuição *pro-rata*).

Observação: Como a tabela é construída com base apenas nos efetivos populacionais de 15 anos e mais de idade, a taxa indicada na última linha refere-se a esses efetivos, e não ao conjunto da população.

De fato, devemos lembrar-nos inicialmente da influência dos aspectos demográficos do município de Manaus, já citados: os solteiros são predominantemente jovens, e os jovens têm mortalidade muito mais elevada que o restante da população. Assim, um dos fatores determinantes da elevada mortalidade diferencial dos solteiros é o fato de serem, em média, mais jovens que os demais. Como já enfatizado anteriormente, os solteiros morrem mais que os não-solteiros.

Surpreendentemente, a taxa de mortalidade dos solteiros com menos de 30 anos de idade (52 por 100 mil hab.) é inferior à correspondente para a população com idades mais elevadas (85,3 por 100 mil hab.). É provável que esse resultado, aparentemente inusitado, dadas algumas das considerações anteriores, possa estar relacionado a características específicas desse segmento populacional (solteiros com 30 anos e mais) em Manaus, cuja análise escapa à proposta deste trabalho. Não se deve deixar de lado, porém, a possibilidade de generalização excessiva no uso do termo *solteiro* pelos funcionários encarregados de registrar os óbitos nas delegacias de polícia da Secretaria de Segurança Pública. Para efeito desta dissertação, o solteiro é considerado aquele que nunca havia se casado formalmente e que não vivia em união consensual por ocasião do Censo Demográfico de 2000.

Entre os que vivem em união, os amasiados apresentam quase o dobro de óbitos que os casados, embora estejam igualmente representados na população com 30 anos e mais (entre 26 e 27% do total, conforme a tabela). Isso explica a, relativamente elevada, taxa de mortalidade por homicídio entre os amasiados, a qual corresponde, também, a quase duas vezes à dos casados. O resultado corresponde ao esperado para esses dois tipos de união, dada a significativa diferença sócio-econômica entre ambos. De fato, enquanto as pessoas casadas somente no civil percebiam uma renda mensal média de R\$ 832 em 2000 e as casadas no civil e no religioso um rendimento correspondente de R\$ 1.200,00, as que viviam em união consensual recebiam apenas a média mensal de R\$ 543,00¹⁹. Esses dados, em si, caracterizam os profundos contrastes entre essas categorias da população, e apontam para situações bastante diferenciadas da população em relação a fatores como nível de instrução, local de moradia, situação de emprego e outros. Tais fatores, em seu conjunto, certamente explicariam, em grande parte, os diferenciais nos riscos de morte por homicídio entre os estratos sociais manauaras.

Os óbitos relacionados às demais categorias de estado conjugal (separados, divorciados e viúvos) são em número reduzido, assim como reduzida é a população correspondente a cada uma delas. Trata-se, em geral, de óbitos de pessoas mais velhas (todas com idade igual ou superior a 30 anos) e seu risco de morte por homicídio (16,6 óbitos por 100 mil hab.) está bastante próximo ao dos casados.

5.3.2 Ocupação das Vítimas

¹⁹ As pessoas unidas por casamentos apenas religiosos apresentam renda média mensal quase equivalente à dos amasiados, o que mostra também a precariedade de vida desse estrato populacional. Sua participação no total das pessoas que vivem em união (3,5%) é irrelevante.

De acordo com os dados coletados pelo autor junto à Delegacia de Homicídios de Manaus, referentes às mortes por homicídio ocorridos na capital amazonense no período de 2002 a 2004, uma expressiva proporção das vítimas com idade igual ou superior a 15 anos (58,2%), possuía ocupação na época do óbito (TAB.9). Tais resultados contrariam o senso comum, segundo o qual as ações violentas dão-se principalmente entre pessoas desocupadas.

Tabela 11

**Situação ocupacional das vítimas de homicídio, a partir de 15 anos de idade
Manaus – 2002 a 2004**

Situação	Quantidade	%
Possuía ocupação	631	58,21
Estava Desempregado ou Desocupado	175	16,14
Estudante	123	11,35
Outros *	42	3,87
Ignorado	113	10,42
TOTAL	1.084	100,00

Fonte: Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros de Manaus/Polícia Civil/Am.

* presidiários, ex-presidiários, prostitutas e travestis.

É evidente que a proporção de ocupados e desocupados entre as vítimas de homicídio depende do peso da respectiva categoria no total da população residente. Infelizmente, a conceituação utilizada pelos funcionários da Secretaria de Segurança Pública para caracterizar pessoas ocupadas, desocupadas e desempregadas, é ampla, não encontrando correspondente nas categorias utilizadas pelo IBGE em suas pesquisas. Essa diferença de categorização não permite que se conheça a extensão do efeito da situação de emprego/desemprego ou ocupação/desocupação na população total sobre a repartição correspondente dos óbitos por homicídio.

Por sua vez, conforme indica a Tabela 11, cerca de 11,4% das vítimas com idade igual ou superior a 15 anos era constituída de estudantes. Considerando o grupo de estudantes como ocupados, embora majoritariamente em tempo parcial, chegamos a uma absoluta maioria (69,6%) das vítimas que tinham alguma atividade.

Presume-se que políticas educacionais adequadas possam minimizar esta causa de mortalidade entre os jovens estudantes. Inicialmente, a própria escola deve assumir o seu papel enquanto agente de transformação social, realizando um trabalho intensivo de combate a violência, começando pela conscientização de pais e alunos sobre a necessidade de prevenção ao crime. Por outro lado, o governo deve propor um amplo debate, discutindo com a sociedade civil novos modelos educacionais objetivando melhorar o nível educacional. Muito embora no município de Manaus ainda haja uma preocupação com o déficit de vagas nas escolas, a educação em tempo integral pode ser pensada já que a fecundidade, em baixa, contribui para que projetos dessa natureza possam começar a ser pensados como forma de melhorar a condição de vida das gerações futuras. Os dados do PNUD (2000) indicam que a taxa de fecundidade em alguns bairros de Manaus variam de 1,54, no conjunto 31 de março (Japiim I e II) a 4,08 nas localidades denominadas Val Paraíso e Chico Mendes no bairro Jorge Teixeira.

No que tange aos óbitos de pessoas com ocupações profissionais definidas, é importante que se diga que a parcela mais expressiva dessas ocupações ou profissões das vítimas é de baixo nível de qualificação, não garantindo um nível de renda satisfatório nem um menor risco de mortalidade por homicídio. No grupo das 631 vítimas que possuíam ocupação no período mencionado, 67% correspondiam aos pedreiros e seus ajudantes (112), autônomos (55), presidiários (36), domésticas (34), pequenos comerciantes (33), serviços gerais

(23), segurançass (20), industriários (19), vendedores(18), pintores (15), padeiros (13), feirantes (12), motoristas (11), taxistas (10), soldadores (10); além de outros profissionais com quantidade inferior de óbitos.

5.3.3 Horário e dia da semana das ocorrências de homicídios.

Uma outra característica importante, tanto para o estudo, quanto para a aplicação de políticas na área de segurança pública, diz respeito à sazonalidade das mortes por homicídio. Para tanto foram coletados dados dos últimos cinco anos, segundo o horário e dia da semana de ocorrência dos óbitos, disponibilizados pela Secretaria de Segurança do Amazonas. Entre as tabelas disponibilizadas pela Secretaria não se incluem cruzamentos entre essas duas variáveis.

Dos 1882 casos registrados nas delegacias de polícia do Amazonas, constata-se que a maioria das ocorrências de homicídios (75%) vêm ocorrendo, nestes últimos cinco anos, entre as 18 horas e às 6 horas da manhã, sendo, desta forma, a noite e a madrugada os horários de maior incidência.

Tabela 12

Ocorrências de homicídio por hora do dia, em Manaus- 2001 a 2005

Horário	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL	% TOTAL
18:01 - 23:59	106	92	175	165	128	666	35,4
00:00 - 06:00	131	139	128	123	137	658	35,0
12:01 - 18:00	51	46	54	43	63	257	13,7
06:01 - 12:00	25	58	37	37	34	191	10,1
Não Informado	8	26	15	6	55	110	5,8
Total	321	361	409	374	417	1882	100,0

Fonte: Departamento de Sistemas de Informações da Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas

O conhecimento da distribuição dos homicídios segundo os dias da semana em que ocorrem é também relevante para o entendimento do problema, na medida em que constituem subsídios importantes para o traçado de estratégias e o planejamento de políticas e ações de prevenção por parte das autoridades de segurança. Os principais dados a respeito encontram-se na tabela seguinte.

Tabela: 13

Ocorrências de homicídio, segundo o dia da semana em Manaus – 2001 a 2005

Dia da Semana	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL	% TOTAL
DOMINGO	105	106	143	133	118	605	32,1
SÁBADO	61	81	91	67	92	392	20,8
SEGUNDA-FEIRA	43	44	38	50	55	230	12,2
SEXTA-FEIRA	38	43	51	45	47	224	11,9
QUINTA-FEIRA	18	24	37	41	42	162	8,6
QUARTA-FEIRA	23	37	29	14	36	139	7,4
TERÇA-FEIRA	33	26	20	24	27	130	6,9
Total Mensal	321	361	409	374	417	1882	100,0

Fonte: Departamento de Sistemas de Informações da Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas

Vê-se que o domingo é o dia de maior concentração de ocorrência para todo o período considerado, representando quase um terço dos óbitos ocorridos nos últimos cinco anos em Manaus. Em ordem decrescente, aparecem o sábado, com a quinta parte dos óbitos e, bem abaixo, mas também em posição relevante, a segunda-feira e a sexta-feira.

Como síntese do que foi exposto nas duas tabelas anteriores, pode-se concluir que os riscos de morte por homicídio se concentram nos finais de semana (77% entre sexta e segunda-feira), começando, provavelmente, na noite de sexta-feira e terminando na madrugada de segunda-feira.

Esses resultados corroboram outros encontrados em toda a literatura consultada sobre a questão. Com efeito, os fins-de-semana têm tendência a apresentar maiores índices de violência que o restante dos dias, devido,

especialmente, à elevação do consumo de bebidas alcoólicas, que se concentram nos clubes noturnos e nos bares. Por outro lado, no caso de Manaus, a má iluminação pública, principalmente nas periferias, contribui com certeza para o desenvolvimento de condições para a consumação dos homicídios.

5.3.4 Motivo

A análise do motivo causador da ação que ocasionou a agressão à vítima está na Tabela 14, representado por apenas 27,5% das ocorrências, devido à grande quantidade de óbito por motivo desconhecido (1.364), correspondente a 72,5% do total de homicídios ocorridos no período.

Tabela 14

Número de óbitos por Homicídio em Manaus, segundo o Motivo - 2001 a 2005.

MOTIVO	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL	%
VINGANÇA/RIXA	126	15	10	11	7	169	32,6
AÇÃO DE GALERA	24	22	47	30	27	150	29,0
FÚTIL/DISCUSSÃO/DESAVENÇA	21	14	9	1	0	45	8,7
REBELIÃO NA PENITENCIÁRIA	0	15	13	9	0	37	7,1
EMBRIAGUEZ	11	1	3	2	0	17	3,3
AÇÃO POLICIAL	1	4	2	8	1	16	3,1
ROUBO/FURTO	1	1	6	6	2	16	3,1
PASSIONAL	3	0	6	1	6	16	3,1
SUBST. ENTORPECENTES	8	0	2	2	1	13	2,5
BRIGA FAMILIAR/CONJUGAL	0	4	3	1	2	10	1,9
OUTROS	4	11	7	5	2	29	5,6
TOTAL	199	87	108	76	48	518	100,0

Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

Entre os óbitos registrados com causa conhecida destacam-se a vingança e a rixa, que englobam 33% deles. As ações das galeras também são responsáveis por uma proporção razoável de homicídios e, certamente, muitos dos crimes por elas cometidos poderiam estar registrados como sendo por vingança ou rixa.

Quanto aos dois primeiros mensurados na tabela acima, há uma estreita ligação, já que, como veremos na distribuição espacial dos óbitos, há indícios de que as ações de galeras ocorrem, dada a disputa de território pelos indivíduos participantes das quais são parte jovens, solteiros, na sua infinita maioria entre os 15 e 20 anos de idade, grande parte de desocupados e estudantes que agem durante os finais de semana. Armam-se, na maioria das ocasiões, com facas, terçados e armas de fogo de fabricação caseira para depois envolverem-se em brigas com grupos rivais. A partir desse primeiro choque de disputa estabelece-se, entre os indivíduos dos grupos, uma rixa que certamente culminará com a morte por vingança. De outro modo, noutras ações, os indivíduos se agrupam para assaltarem transeuntes e que por vezes a consequência é a morte de pessoas inocentes. Hoje, em Manaus, existem projetos sociais de iniciativa dos governos estadual e municipal, que têm procurado resgatar esses jovens, mas os projetos não conseguem chegar às periferias mais distantes.

Aqueles motivos fúteis, associados às discussões e desavenças, muito comuns em mesas de bar, no trânsito, nas mais variadas disputas, aparecem com um peso fraco, porém, a julgar pelos horários e dias da semana que vêm ocorrendo os homicídios e, caso não houvesse uma expressiva maioria de óbitos com motivo desconhecido, certamente essa proporção seria muito maior.

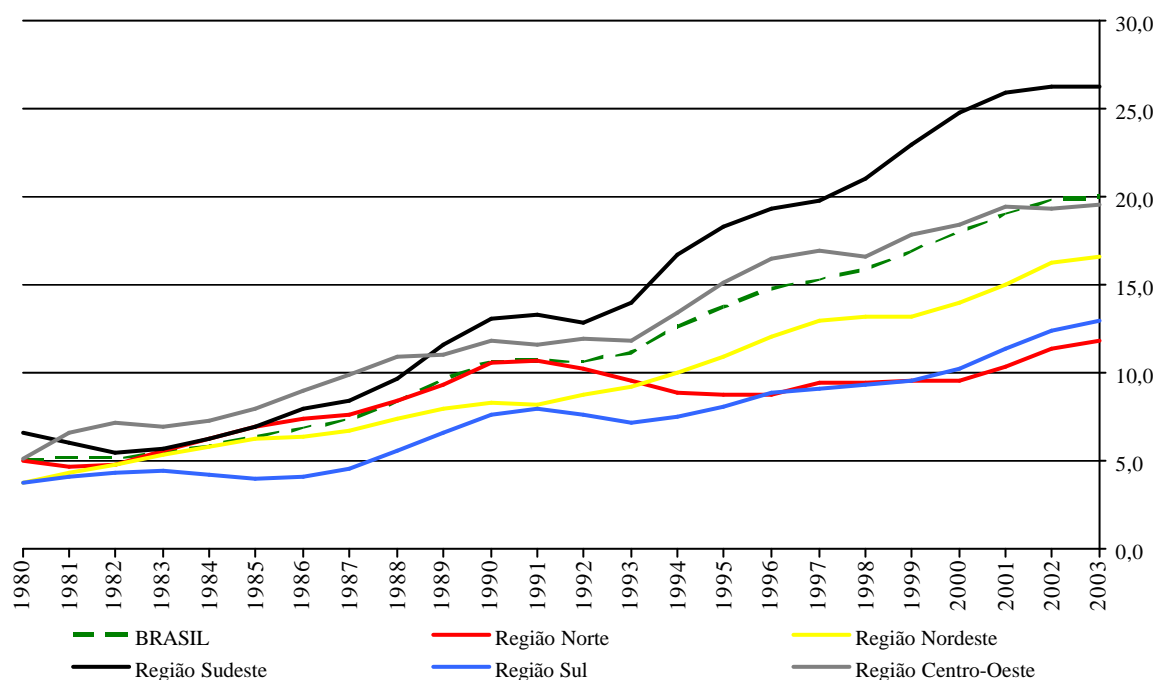
Quanto às mortes nas penitenciárias, esta é uma situação muito ligada à política de segurança nos presídios o que não segue uma linearidade, já que os óbitos foram resultados de rebeliões ocorridas nos anos de 2002, 2003 e 2004. Neste caso as vítimas são quase sempre presos sob a tutela do estado que por direito deveriam ser ressocializados.

5.3.5 Instrumento e/ou meio utilizado para consumação do crime de homicídio.

As estatísticas, no geral, dão conta de que a mortalidade por armas de fogo no Brasil tem aumentado desde 1980. Essa é uma característica que persiste no país, exceto, em certo sentido, para as regiões Norte e Sul. A Região Norte apresentou taxas específicas de mortalidade por arma de fogo praticamente igual às do conjunto do país até o início dos anos 90, após o qual passou a apresentar taxas levemente crescentes, muito inferiores às das demais regiões, com exceção do Sul.

Figura 08

Taxas de mortalidade por arma de fogo – Regiões brasileiras – 1980-2003



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações sobre Mortalidade – Datasus.

Estudo realizado pelo Ministério da Saúde, em conjunto com a Organização Pan-Americana da Saúde, mostrou o comportamento da taxa de mortalidade por armas de fogo para algumas capitais da Região Norte. Rio Branco, Belém e Manaus apresentaram quedas em suas taxas, acompanhada de redução

na proporção de casos classificados como homicídios por meio não especificado, reforçando a tese de que essa queda nas taxas não é proveniente da piora de classificação dos dados coletados. Para Manaus houve uma redução de 36% no número de homicídios provocados por arma de fogo, a qual caiu de 22,2 para 14,2 óbitos por 100.000 habitantes entre 1991 e 2000. (Peres, 2004, p.40).

Tabela 15

Taxa de mortalidade (/100.000 habitantes) e incremento (%), segundo o instrumento ou meio utilizado para a consumação do homicídio.

Manaus - 2001 a 2005

INSTRUMENTO OU MEIO	2001	2002	2003	2004	2005	2001 a 2005	
						Taxa	%
OBJETO CORTANTE E/OU PENETRANTE	10,33	12,83	14,27	9,96	10,58	11,58	47,24
DISPARO DE ARMA DE FOGO	9,85	9,00	10,34	10,67	12,28	10,47	42,72
FORÇA CORPORAL	0,83	1,07	0,98	1,21	0,67	0,95	3,88
ENFORC, ESTRANG E/OU SUFOCAÇÃO	0,62	0,60	0,39	0,70	1,09	0,69	2,82
OBJETO CONTUNDENTE	0,41	0,60	0,52	0,83	0,36	0,55	2,23
NÃO ESPECIFICADOS	0,07	0,13	0,20	0,45	0,36	0,25	1,01
ENVENENAMENTO	0,00	0,00	0,07	0,06	0,00	0,03	0,11
TOTAL	22,11	24,25	26,78	23,89	25,35	24,51	100,0
Número de homicídios	321	361	409	374	417	-	1882

Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Amazonas. Dados populacionais estimados pelo Ministério da Saúde

A média das taxas anuais de mortalidade entre os anos de 2001 e 2005, por arma de fogo, em Manaus, foi de 10,4 por 100.000 habitantes, parecendo indicar a persistência da queda detectada na última década, conforme visto no parágrafo anterior. No entanto, a evolução da taxa ano a ano, no período referido, deixa dúvida sobre se não estaria se iniciando uma nova tendência de crescimento, já que, a taxa passa de 9,85 por 100.000, em 2001, para 9,00; 10,34; 10,67 e 12,28, respectivamente, em 2002, 2003, 2004 e 2005. Dada a flutuação aleatória inerente a esse tipo de dados, será necessário esperar mais alguns anos para se saber se a

tendência de queda dos anos noventa é consistente ou se estamos diante de uma reversão da tendência, caracterizada pela elevação das taxas de óbito por armas de fogo. De qualquer forma, a taxa em torno de 10% que Manaus apresenta é uma das mais baixas entre as das capitais brasileiras, segundo o já citado estudo realizado pelo Ministério da Saúde (Peres, 2004).

Como se pode ver na Tabela 15, do total de 1.882 ocorrências de homicídios registradas pela polícia, entre 2001 e 2005, a maior proporção (47,2%) foi provocada por objeto cortante e/ou penetrante (faca, terçado, tesoura, punhal, chave de fenda, etc.) e 42,7% responderam a mortes provocadas por disparos de arma de fogo. Esses valores indicam que a participação das armas de fogo nos homicídios ocorridos em Manaus possui uma característica diferenciada daquela observada na maioria das cidades brasileiras. Estudo publicado em 2005, com dados de 2000, sobre a mortalidade por arma de fogo em 13 capitais estaduais (exclusive Manaus), dá conta de que em nenhuma delas a participação das armas de fogo nos homicídios era inferior a 50%, em 10 ultrapassava os 70% e, em três (Recife, João Pessoa e Porto Alegre), era superior aos 85% (Peres, 2005).

5.4 A ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS EM MANAUS

A divisão espacial de Manaus em áreas geográficas, definidas como *zonas administrativas*, permite avançar na caracterização dos óbitos por homicídio. Isto, porque a distribuição dos óbitos na cidade não é homogênea, variando às vezes, de forma significativa no espaço urbano.

Daí surge a necessidade da análise da espacialização dos homicídios no município de Manaus, o que permitirá observar como estes óbitos estão distribuídos em toda sua extensão territorial, começando pela distribuição das mortes por zonas geográficas, seguida pelos bairros. Em alguns destes bairros, dada à existência de terras ocupadas através das chamadas “invasões urbanas” ou “invasões de terras”, poderá ser necessário o detalhamento dos óbitos nelas ocorridos. Essa exigência se faz porque, geralmente, nessas áreas as pessoas convivem com péssimas condições de vida, situação que acaba contribuindo por potencializar a violência a nível local.

Como fora dito anteriormente (Cap. 4), a cidade de Manaus está dividida oficialmente em 56 bairros, os quais se agrupam para formar as zonas administrativas, geograficamente definidas (ver Figura 05, p.61).

Nessas zonas, o comportamento da mortalidade por homicídio mostra os diferenciais que estão refletidos nas especificidades de cada uma delas. A quantidade de homicídios não chega a surpreender quando se volta o pensamento para o quadro calamitoso existente em algumas cidades como Recife, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo. Dos 1882 homicídios registrados em Manaus, no período de 2001 a 2005, cerca de 92% foram notificados no interior das zonas administrativas e, apenas 6% fora delas, sendo 4% fora do domínio urbano, na chamada zona rural do município e 2% em locais ignorados. É esta alta incidência dos óbitos ocorridos no sítio urbano de Manaus que permite concentrar os estudos, efetivamente na área urbana do município.

A Zona Leste, no período em estudo, concentrou pouco mais de um terço das ocorrências (31,6%), seguida pela zona Sul com pouco mais de um quinto. Seguem-se as zonas Norte e Oeste, que concentraram outro terço dos homicídios.

Já as zonas mais centralizadas do município, Centro-Oeste e Centro Sul apresentaram as menores concentrações de ocorrências de homicídio.

É importante notar que, somente as duas zonas mais populosas de Manaus (Leste e Sul), concentram 45% do total da população da cidade e, juntas, apresentaram mais da metade (54,2%) de todos os homicídios ocorridos no período de 2001 a 2005.

Tabela 16

Distribuição dos homicídios por zonas administrativas da cidade de Manaus – 2001 a 2005. (por local ocorrência)

ZONAS	Óbitos	Taxa/100 mil hab.	%
Centro-oeste	105	14,51	6,09
Centro-Sul	79	11,66	4,58
Leste	545	29,25	31,61
Norte	314	18,11	18,21
Oeste	292	26,15	16,94
Sul	389	24,80	22,56
TOTAL ZONAS URBANAS ADM.	1724	22,48	100,0

Fonte: Gerência de Sistemas de Informação - Secretaria de Segurança Pública do Amazonas.

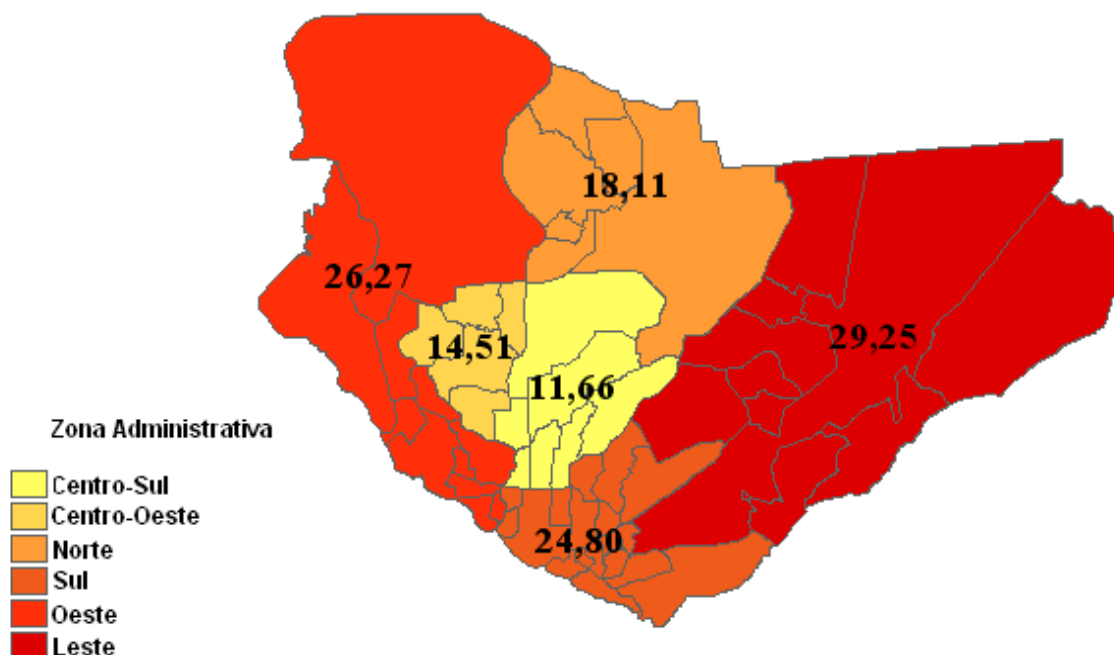
Nota: foram excluídos, na tabela, os homicídios ocorridos fora da área urbana e em local ignorado.

As taxas de mortalidade para as seis zonas geográficas de Manaus, mostradas na Tabela 16 e na Figura 09, variam de 11 a 29 homicídios por 100 mil habitantes. Três zonas se destacam com taxas mais altas, a começar pela Zona Leste, considerada a mais violenta de Manaus, por apresentar os maiores riscos de mortalidade, com taxa de 29,25, por 100 mil habitantes, seguida, pela zona Oeste (26,15 óbitos, por 100 mil habitantes), e, muito de perto, pela zona Sul (24,80, por 100 mil habitantes). Num extremo oposto aparecem aquelas zonas com taxas abaixo dos 20 homicídios por 100 mil habitantes, destacando-se a zona Centro-Sul com o menor risco de mortalidade (11,66 óbitos, por 100 mil habitantes), evoluindo para a zona Centro-Oeste (14,51, por 100 mil habitantes), indo até a zona Norte (18,11, por 100 mil habitantes). Essa realidade aponta para indícios de que os óbitos ocorridos

nestas zonas podem estar refletidos na composição sócio-econômica que cada uma delas apresenta.

Figura 09

**Mapa da Cidade de Manaus
Homicídios (por 100 mil hab.) por zona administrativa – 2001 a 2005**



Fonte: Base de dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

O comportamento da freqüência de homicídios nessas zonas, por sí só, não oferece a possibilidade de esclarecimento das verdades que circundam os homicídios ocorridos nas zonas urbanas do município. Há a necessidade de um detalhamento dessa prática de violência através de sua distribuição pelos bairros onde ela ocorre em larga escala.

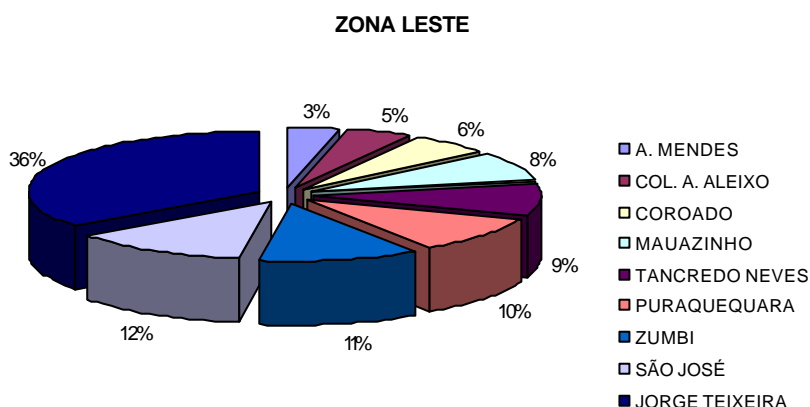
Partindo da compreensão de que cada zona geográfica corresponde a um agrupamento de bairros com características próprias, podemos verificar que a distribuição dos crimes de homicídio nos bairros que compõem cada uma destas zonas apresenta uma grande variação.

5.4.1 Zona Leste

A Zona Leste de Manaus, conforme descrita no Cap. 4, concentra o maior número de mortes por homicídio, distribuído nos nove bairros que a compõem. Também apresenta a maior taxa específica de mortalidade por homicídio (29,25 por 100 mil habitantes) entre todas as zonas urbanas administrativas de Manaus. A distribuição dos óbitos entre os bairros que constituem a Zona Leste não se dá de forma eqüitativa, conforme indica a figura abaixo (Fig.10).

Figura 10

**Participação dos bairros da Zona Leste segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%)
Manaus – 2001 a 2005**



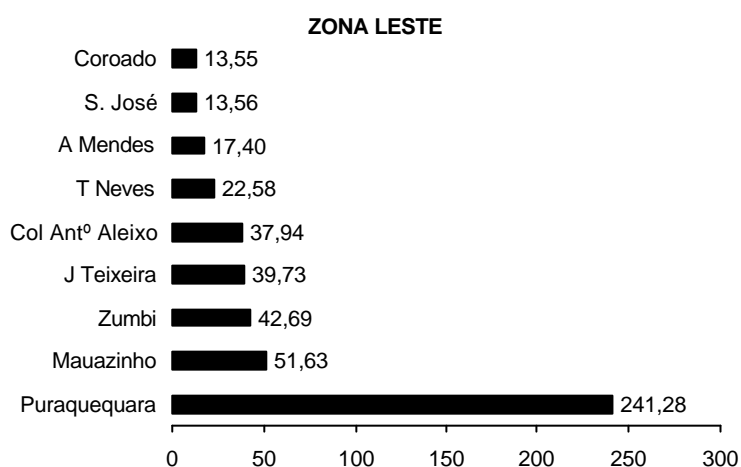
Fonte: Base de dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

O bairro Jorge Teixeira, apresentando-se como o lugar mais violento desta zona, concentra mais de um terço (36%) dos óbitos nela ocorridos durante os últimos cinco anos. Imediatamente a seguir, os bairros de São José (12%), Zumbi (11%) e Puraquequara (10%), concentram uma outra terça parte dos homicídios e o restante dos óbitos ficou distribuído entre os demais bairros que compõem a Zona Leste.

Dentre esses bairros, alguns merecem uma cautelosa avaliação, a julgar pelas Taxas de Mortalidade por Homicídio, distribuídas segundo indica a figura que se segue (Figura 11).

Figura 11

**Mortalidade por homicídio (óbitos por 100 mil hab.) ocorridos nos bairros da Zona Leste
Manaus – 2001 a 2005**



O bairro do Puraquequara apresenta uma característica muito peculiar. Nele o governo estadual mantém uma Unidade Prisional (UPP), para o cumprimento de pena de presos condenados de justiça. Nestes últimos cinco anos, as ocorrências de rebeliões têm contribuído para elevar a quantidade de óbitos registrados (55) nos últimos cinco anos, o que representa 10% de todos os homicídios ocorridos na zona Leste. Essas quantidades de mortes ocorridas no interior do presídio vêm contribuindo para a composição de uma elevada taxa específica de mortalidade (241,3 homicídio, por 100 mil habitantes), a mais alta dessa zona administrativa e de todo o município de Manaus. Somente no ano de 2003 ocorreram, na UPP, 13 homicídios, e todos em um só dia. No ano seguinte, mais 6 mortes foram registradas naquele lugar. O total de mortes ocorridas no interior do presídio, nesses dois anos, foi responsável pelo aumento de 53% na taxa de homicídios para o bairro; dito de

outra forma, se não tivessem ocorrido os óbitos no presídio, a taxa específica de mortalidade para o Puraquequara seria de 157,9 homicídios por 100 mil habitantes, o que do mesmo modo não alteraria a constatação de que é neste bairro onde há o maior risco de mortalidade por homicídio em Manaus.

Como se vê, portanto, não são os homicídios ocorridos no presídio determinantes das altas taxas de violência para o bairro do Puraquequara. A interpretação minimamente coerente dos resultados obtidos para este bairro remete-nos para a constatação de grande pobreza e desigualdade dos residentes nesta comunidade. Há um distanciamento gritante nos padrões de vida estabelecidos nesse bairro, que detêm a menor Renda Média e Mediana dos responsáveis pelo domicílio e a menor taxa de alfabetização da cidade de Manaus, quando comparadas com as dos demais bairros.

Já o bairro de Mauzinho, localizado às margens do Rio Amazonas, apesar da baixa concentração proporcional de óbitos em relação ao restante da Zona Leste, apresenta a segunda maior taxa de mortalidade por homicídio naquela zona e a sexta maior entre todos os 56 bairros de Manaus. Além de conjugar fatores socioeconômicos idênticos aos dos outros bairros da Zona Leste, o bairro ainda sofre pela convivência da população local com o crescimento do tráfico de drogas.

Zumbi dos Palmares, limitando-se ao Norte com o bairro de São José, a Oeste, em sua maior faixa, também com o São José e, em menor escala, com o Distrito Industrial; ao Sul com o bairro Armando Mendes e a Leste com o bairro do Coroadó, possui uma localização centralizada na Zona Leste. No entanto, é marcado por grande depressão em toda sua superfície e, de igual modo, por extrema pobreza, principalmente nas três áreas de ocupação por invasão – Grande Vitória, Nova Luz e Comunidade Vitória Régia - circunscritas a esse bairro.

Um pouco menos da metade (44%) dos óbitos registrados no Zumbi dos Palmares no período de 2001 a 2005, ocorreram nestas áreas ditas de *invasão*, sendo que 39% (desses 44% ocorridos nas invasões do bairro) concentraram-se na *invasão* denominada Grande Vitória. O total de homicídios ocorridos no Zumbi, no período dos últimos cinco anos, o posiciona como a 3ª área de maior risco de mortalidade por homicídios da Zona Leste, medido pela taxa de óbitos por 100 mil habitantes (42,69), e também o coloca na 9ª posição de maior risco entre os 56 bairros de Manaus.

Outro bairro a ser detalhado é o Jorge Teixeira. Além de apresentar a maior proporção de homicídios na Zona Leste, também concentra a maior quantidade de *áreas de invasões* da cidade (16) onde ocorreram 73% de todos os óbitos registrados no bairro. Entre estas dezesseis áreas, destacam-se com maior frequência de homicídios, pela ordem, as *invasões* denominadas Nova Floresta (24), João Paulo (24), Alfredo Nascimento (18) e Braga Mendes (12). Essa concentração de homicídios nestas aglomerações de invasões tem levado a interpretação de que o bairro Jorge Teixeira, por si só, é um bairro violento. Após o cálculo da taxa de mortalidade, considerando-se todos os óbitos ocorridos em sua extensão, inclusive nas áreas invadidas, obtém-se a taxa de 39,73 homicídios, por 100 mil habitantes, o que lhe garante a 10ª maior taxa de mortalidade entre as calculadas para os 56 bairros e a 4ª maior taxa de homicídios desta Zona Leste.

Apresentando uma taxa de mortalidade por homicídio também elevada, o bairro da Colônia Antonio Aleixo (37,94 por 100 mil habitantes), tem baixa proporção de óbitos (5%) no total da Zona Leste. Este bairro possui características ainda muito ligadas ao seu passado segregador. Criado inicialmente como uma Colônia para abrigar os hansenianos, ficou conhecido como “Leprosário” e, posteriormente, veio a

tornar-se um dos bairros de Manaus, convivendo, ainda hoje, com grandes disparidades sociais que se refletem em altas taxas de mortalidade provocadas pela violência a que está submetida a sua população.

O restante dos bairros desta zona apresenta taxas mais amenas, que variam entre 13 e 22 homicídios por 100 mil habitantes.

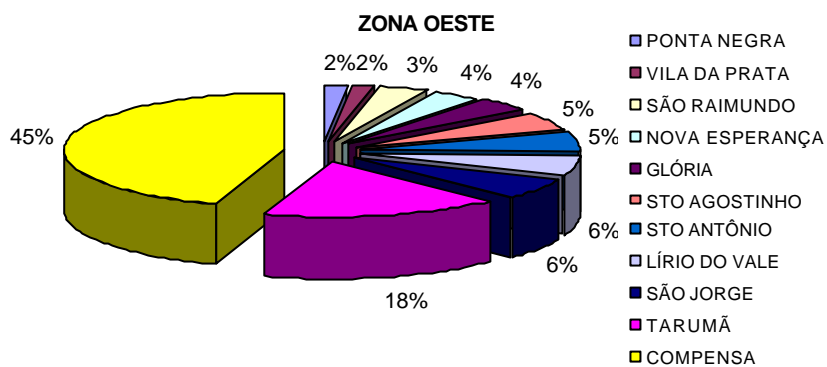
As altas taxas de mortalidade, características dos bairros da Zona Leste, podem ser explicadas em decorrência da exclusão social e do empobrecimento crescente em vastas áreas dessa zona, principalmente nas periféricas, o que torna latente o problema da violência. A freqüência de mortalidade por homicídio tem-se condensado nessas áreas, ditas de invasões, do bairro Jorge Teixeira, *pois, apresentaram-se muito mais altas nos bairros mais periféricos desta zona.* Os bairros do Coroadó, São José, Armando Mendes e Tancredo Neves mais centralizados, do ponto de vista espacial, apresentaram as menores taxas de mortalidade por homicídio: respectivamente 13,55, 13,55, 17,40 e 22,58 óbitos por 100 mil habitantes.

5.4.2 Zona Oeste

Esta zona possui características socioeconômicas bastante heterogêneas em relação aos onze bairros que a compõem. Concentrando 16,94% do total de óbitos por homicídios ocorridos nos últimos cinco anos em Manaus, apresenta a segunda maior taxa específica de mortalidade por homicídios (26,15 homicídios, por 100 mil habitantes) entre todas as zonas urbanas administrativas de Manaus, para o período de 2001 a 2005.

Figura 12

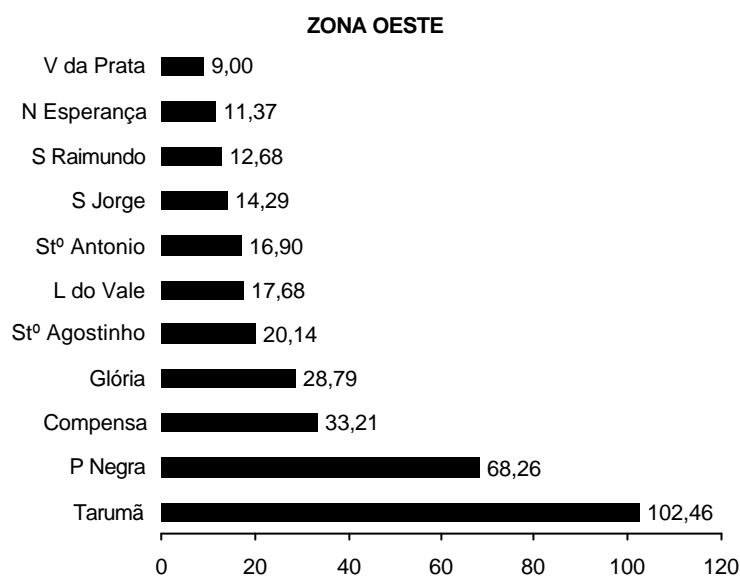
**Participação dos bairros da Zona Oeste segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%)
Manaus – 2001 a 2005**



O bairro da Compensa, em toda a zona Oeste, proporcionalmente, apresenta-se como o lugar mais violento, concentrando a maior parte (45%) dos óbitos nela ocorridos durante os últimos cinco anos. Segue-se o bairro do Tarumã, que, apesar de ter população relativamente reduzida, foi responsável por 18% dos homicídios ocorridos na Zona Oeste no período. Quanto aos nove bairros restantes, juntos, foram responsáveis por 37% das ocorrências, percentual este distribuído numa escala de 6% a 2%, conforme Fig. 12.

Figura 13

**Mortalidade por homicídio (óbitos por 100 mil hab.) ocorridos nos bairros da Zona Oeste
Manaus – 2001 a 2005**



Muito embora o bairro da Compensa possa figurar, no cálculo das proporções, como o bairro mais violento desta zona, o coeficiente de mortalidade apresenta uma situação diferente. Esse coeficiente, medido pelo cálculo das taxas específicas de homicídio, evidencia que o maior risco de mortalidade por homicídio nesta zona recai sobre o bairro do Tarumã (102,46 homicídios, por 100 mil habitantes), sendo três vezes maior que a taxa do bairro da Compensa (33,21 homicídios, por 100 mil habitantes), e mais que onze vezes a taxa do bairro de Vila da Prata (9,00 homicídios, por 100 mil habitantes), considerado o bairro com o menor risco de mortalidade por homicídios para toda a zona Oeste de Manaus. Dentre os demais bairros, ainda merece comentário a situação do bairro da Ponta Negra que, embora apresente uma taxa muito elevada dentre os demais bairros desta zona (68,26 homicídios, por 100 mil habitantes), apresenta, na média, apenas 1 óbito por ano, contribuindo pouco, portanto, quantitativamente, para a elevada taxa de mortalidade da Zona Oeste. Além da quantidade muito pequena de óbitos, quase

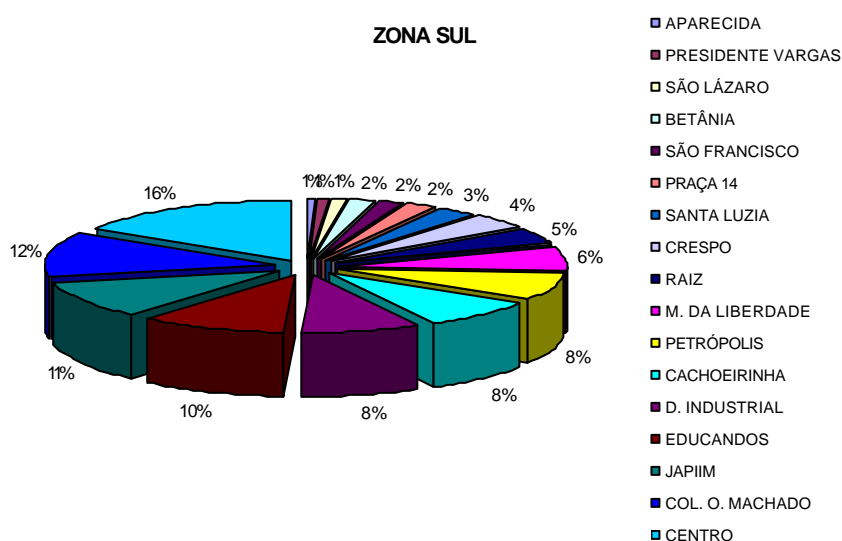
todas as ocorrências, embora registradas na Ponta Negra, são de vítimas não-residentes nesse bairro, como veremos posteriormente.

5.4.3 Zona Sul

A Zona Sul de Manaus estende-se entre 17 bairros, tem a terceira maior população entre as seis zonas administrativas e concentra a segunda maior quantidade de mortes por homicídios (389) da cidade. A distribuição proporcional desses óbitos está pulverizada sem grandes disparidades entre todos os bairros (Figura 14). Sua taxa específica de mortalidade por homicídios, de 24,80 óbitos por 100 mil habitantes, está próxima à média da cidade.

Figura 14

**Participação dos bairros da Zona Sul segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%)
Manaus – 2001 a 2005**

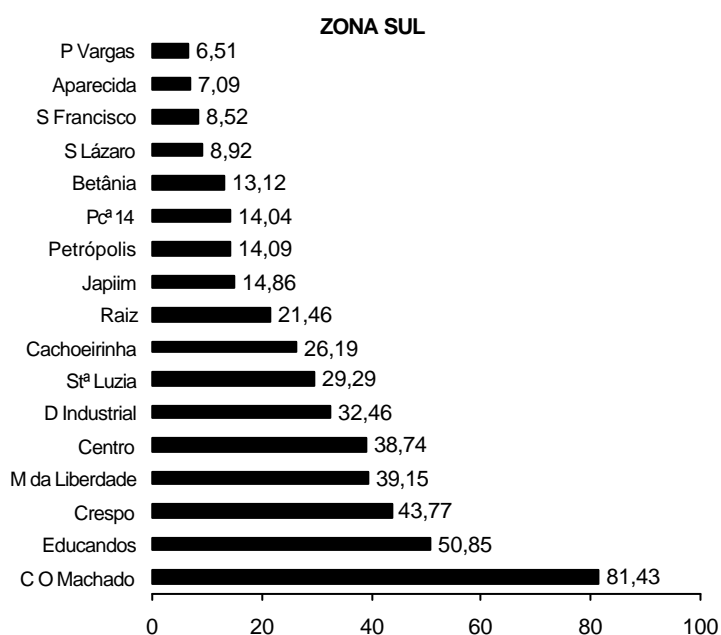


Particularizando a observação dos homicídios ocorridos nesta zona, tem-se o Centro da Cidade como o bairro responsável pela maior concentração das

ocorrências (18%), seguido pelo bairro da Colônia Oliveira Machado (12%), Japiim (10%). Os demais bairros têm percentuais variando de 1% a 8% do total da zona, conforme se vê na Figura 14.

Nessa zona, o risco de morte por homicídio está acima da média da cidade de Manaus, e varia, espacialmente, num sentido diferente do número de óbitos. O bairro da Colônia Oliveira Machado apresenta a primeira maior taxa da Região Sul (81,43 homicídios por 100 mil habitantes) e a terceira entre os bairros de Manaus. Essa condição de bairro extremamente violento encontra resposta na estreita relação que existe dessa área com o intenso e permanente tráfico de drogas, enormemente concentrado na rua 13 de maio, que se interliga, através de ruelas, travessas, becos e vielas aos bairros também violentos de Educandos, Crespo, Morro da Liberdade e Santa Luzia que apresentam taxas variando de 29 a 51, homicídios, por 100 mil habitantes (ver FIG. 15).

Figura 15
Mortalidade por homicídio (por 100 mil hab.) ocorridos nos
bairros da Zona Sul
Manaus – 2001 a 2005



No bairro do Crespo, deve-se levar em consideração a concentração de ocorrências de homicídios nas áreas de ocupação mais recentes que foram “invadidas”, pois é nestes lugares que se reproduz este tipo de violência. Dos 16 crimes de mortes provocadas intencionalmente e registrados no Crespo, 13 aconteceu nas áreas de *invasão* Aterro do 40 e Lagoa Verde.

O combate à violência, a partir desta área de alta criminalidade, pode contribuir, efetivamente, para a redução da taxa de homicídios na Zona Sul. Somente neste conjunto de bairros (Colônia Oliveira Machado, Educandos, Crespo, Morro da Liberdade e Santa Luzia), a criminalidade, na maioria das vezes associada ao tráfico de drogas, foi responsável por 140 homicídios, o que representa 36% das ocorrências desta zona nestes cinco anos estudados. Isto sem falar na relação de causa e efeito que se propaga, principalmente, em todas as áreas próximas.

Ainda apresentando taxa de homicídio bastante elevada (32,46 homicídios, por 100 mil habitantes), o Distrito Industrial, criado somente para abrigar as indústrias do Pólo Industrial de Manaus, também teve parte de sua área ocupada por famílias. Tais áreas de ocupação - Nova Vitória, Comunidade Sharp e Parque Mauá - foram responsáveis por 45% de todos os óbitos de homicídios registrados naquele bairro. Todas estas áreas foram ocupadas por famílias muito pobres. Segundo constatação do Relatório do Levantamento e Cadastramento Socioeconômico na Área de Ocupação Nova Vitória, realizado em 2003, pela Universidade Federal do Amazonas, as condições de vida dos moradores eram péssimas e as crianças viviam em condição famélica e de subnutrição, além de que muitas, no momento da pesquisa, se encontravam na condição de responsáveis pelas atribuições domésticas. Quanto às habitações erguidas no local, eram construídas com madeiras, lonas plásticas, papelão, caixas de isopor, além de

outros fragmentos, sem condições de segurança, higiene e privacidade. Ressalta o relatório: “A promiscuidade é uma constante”. A grande maioria das famílias, sem emprego, não tem renda, nem recebem qualquer ajuda de instituições públicas ou privadas. (Relatório, p. 7 a 14)

5.4.4 Zona Norte

A Zona Norte é considerada a 3ª zona mais violenta do município. Possui a segunda maior população, distribuída entre seis bairros. Nesta zona de Manaus a luta por moradia através de ocupação de áreas ocorre ainda com maior frequência do que na zona Leste.

Figura 16

**Participação dos bairros da Zona Norte segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio (%)
Manaus – 2001-2005**

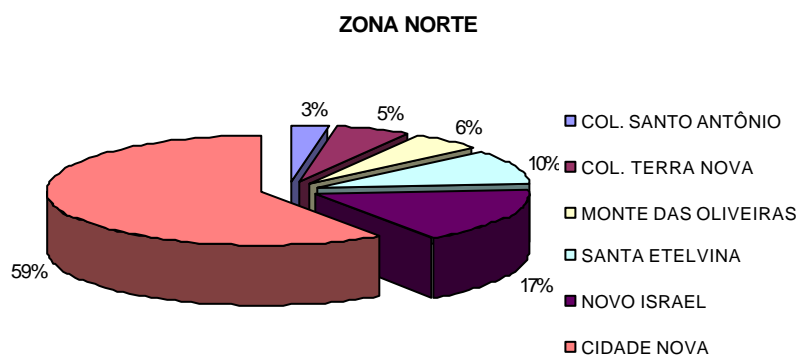
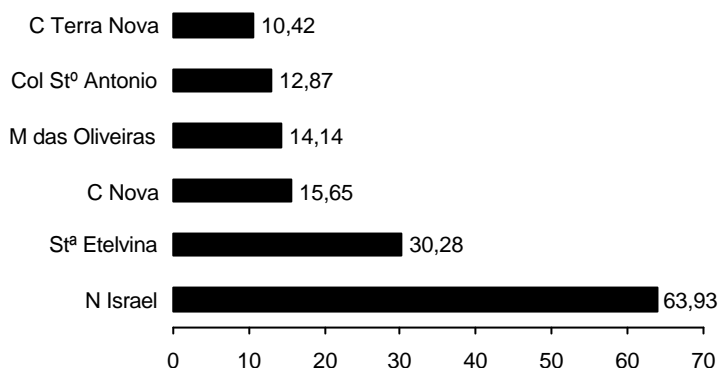


Figura 17**Mortalidade por homicídio (por 100 mil hab.) ocorridos nos bairros da Zona Norte
Manaus – 2001 a 2005**

Os maiores riscos de mortalidade por homicídio da zona encontram-se nos bairros de Novo Israel e Santa Etelvina (63,93 e 30,28 óbitos por 100 mil habitantes, respectivamente), que alcançaram médias bem mais altas do que a taxa calculada para o município de Manaus. Já a Cidade Nova e os demais bairros indicados na Figura 17 apresentaram taxas bem abaixo da média manauara.

A Cidade Nova é o bairro mais populoso de Manaus e apresenta a 2ª maior quantidade de áreas ocupadas ilegalmente (15 áreas). Essas duas características fazem dessa parte da cidade um elemento diferenciado quando se investigam os óbitos por homicídio. Com efeito, apesar de ocupar o primeiro lugar no número de ocorrências, sua taxa de mortalidade é bem mais reduzida que a referente ao conjunto de Manaus. Ao mesmo tempo, esconde a heterogeneidade social do bairro, ocasionada pela forma de ocupação espacial. Uma riqueza crescente de minorias, ao lado do empobrecimento da maioria, associados à escassez da oferta de bens e equipamentos sociais públicos capazes de melhorar a vida dos moradores, fazem da Cidade Nova um espaço de conflitos e antagonismos.

Tais diferenciações acabam por determinar a forte irregularidade da distribuição geográfica do número e das taxas de homicídio, em que a parcela “legalizada” (os conjuntos residenciais) do bairro aparece com números significativamente inferiores aos concernentes às *invasões*.

Excluídas as áreas de “invasão”, a taxa de mortalidade da Cidade Nova é de 9,31 domicílios por 100 mil habitantes. Já no Armando Mendes, uma das mais antigas *invasões* do bairro, obtém-se a taxa de 14,09 homicídios por 100 mil habitantes, ficando para as demais áreas irregularmente ocupadas a taxa de 29,33 por 100 mil.

Essa alta concentração de óbitos violentos na Cidade Nova tem levado a falsas interpretações de desavisados, que vêem este bairro como um dos mais violentos, em relação aos demais, quando o assunto é a mortalidade por homicídios. Essa falácia ganha respaldo quando se olha apenas para o número elevado de homicídios que ocorre nesse bairro, esquecendo-se que ele é, também, o mais populoso de Manaus, como aludido.

Esta problemática de áreas de ocupação não se restringe somente ao bairro da Cidade Nova, na Zona Norte. Os bairros de Novo Israel e Santa Etelvina que concentram os maiores riscos de mortalidade por homicídio, também experimentam um acelerado e desorganizado processo de ocupação irregular de suas áreas desocupadas. No Novo Israel, onde a população convive com o maior risco de homicídio daquela zona, as áreas de *invasões* denominadas Campos Sales, Irmã Helena, Jesus-me-deu e Rio Piorini foram responsáveis por 28% dos óbitos de homicídio registrados para nesse bairro. Situação não muito diferente ocorre com o bairro de Santa Etelvina, onde as áreas de *invasão* denominadas Lagoa Azul, Novo

Milenium e União da Vitória concentram 35% dos homicídios ocorridos em toda a extensão geográfica do bairro.

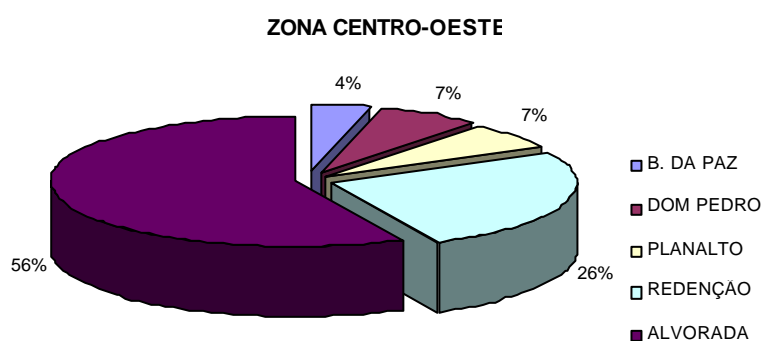
Os demais bairros da Zona Norte apresentaram taxas de mortalidade por homicídio bem abaixo da média do município de Manaus.

5.4.5 Zona Centro-Oeste

A zona Centro-Oeste apresenta a segunda menor taxa de mortalidade por homicídio da cidade. É composta por cinco bairros, todos com uma regular organização, já que a quase totalidade desses bairros é formada por inúmeros conjuntos habitacionais que abrigam famílias de média e alta renda e com bons padrões de vida.

Figura 18

**Participação dos bairros da Zona Centro-Oeste segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio
Manaus – 2001-2005**

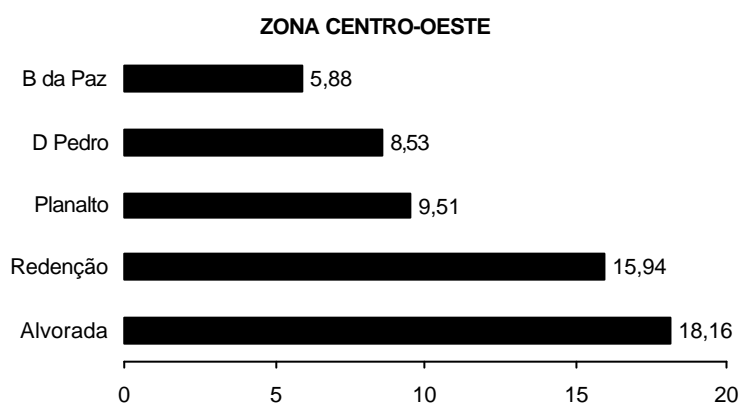


Entre esses bairros, o Alvorada destaca-se como o lugar como maior proporção de óbitos por homicídio (56%), seguido pela Redenção (26%). Talvez isso se deva ao fato de que esses dois bairros têm as maiores populações e densidades

demográficas dessa zona. A concentração populacional parece ter peso significativo na posição destes bairros como os mais violentos da Zona Centro-Oeste. Esse destaque negativo não se altera, quando se consideram as taxas por 100 mil habitantes (Figura 19).

Figura 19

**Mortalidade por homicídio (por 100 mil hab.) ocorridos nos bairros da Zona Centro-Oeste
Manaus – 2001 a 2005**



O bairro Alvorada mantém sua posição com a maior taxa de homicídio, seguido pela Redenção, conforme FIG 19. Essa característica de invariabilidade na posição em relação a taxas e proporções dos bairros é peculiar desta zona, estando muito relacionada aos padrões de vida existentes nessas localidades.

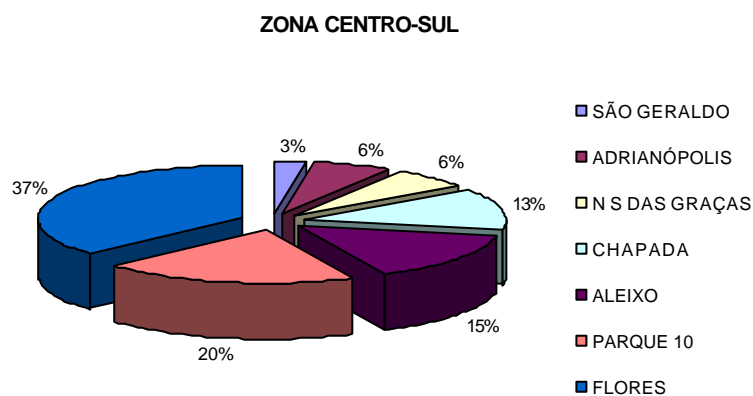
5.4.6 Zona Centro-Sul

Caracterizando-se como a região menos violenta de Manaus, a Zona Centro-Sul abrange sete bairros, constituídos, em sua maior parte, por conjuntos, condomínios e loteamentos residenciais e abriga famílias que, tem, em média, a

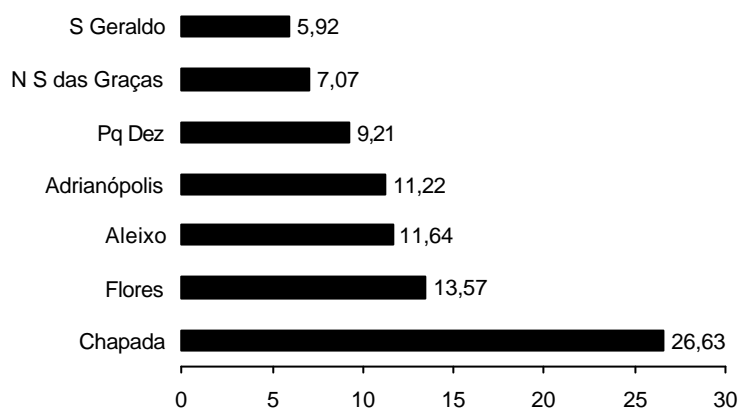
mais elevada renda da cidade. Suas áreas de expansão são fortemente marcadas por um acelerado processo de crescimento verticalizado, através de construções de prédios de pequenos e médios portes. Também nesta zona pode-se encontrar uma infra-estrutura social bem distribuída, o que se reflete na apresentação da mais baixa taxa de homicídios da capital amazonense.

Figura 20

**Participação dos bairros da Zona Centro-Sul, segundo o número de ocorrências de óbitos por homicídio
Manaus – 2001-2005**



O bairro de Flores foi responsável, no período de 2001 a 2005, por 37% das ocorrências de homicídio registradas em toda a região, seguido pelos bairros: Parque Dez (20%), Aleixo (15%), Chapada (13%), Nossa Senhora das Graças e Adrianópolis (6%) e São Geraldo (3%).

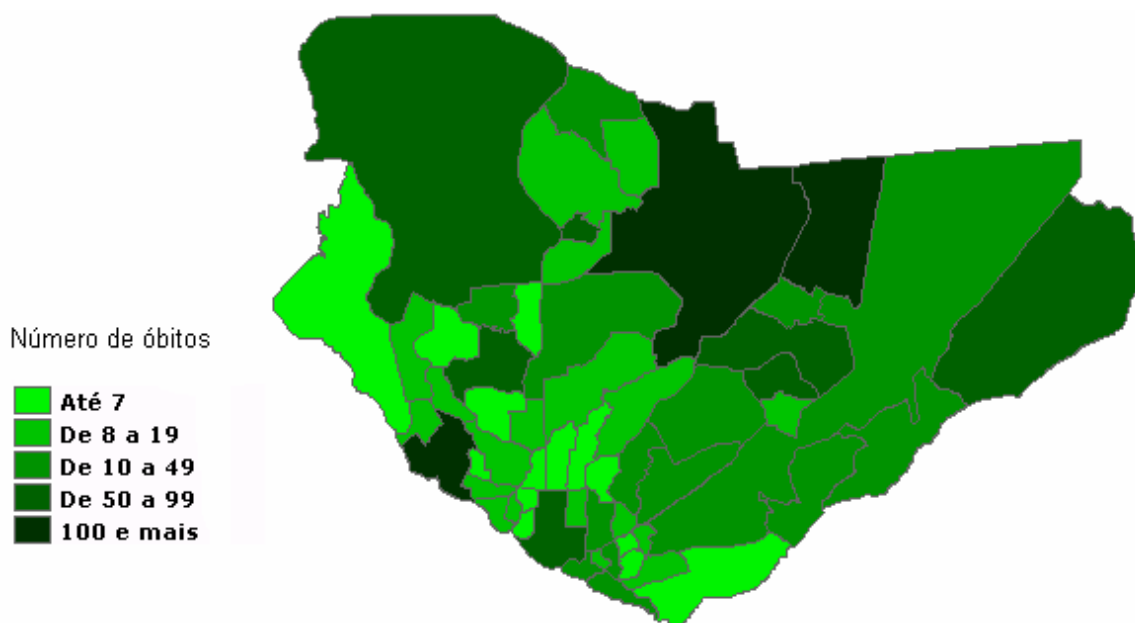
Figura 21**Mortalidade por homicídio (por 100 mil hab.) ocorridos nos bairros da Zona Centro-Sul
Manaus – 2001 a 2005**

Quanto ao risco de mortalidade por homicídio, podem-se mensurar taxas bem abaixo da média de Manaus, com exceção daquela encontrada para o bairro da Chapada que permeou esta média (26,63 homicídio por 100 mil habitantes).

Os mapas seguintes (Figuras 22 e 23) mostram o panorama geral da mortalidade por homicídio no espaço urbano de Manaus, e sintetizam, de algum modo, os comentários sobre a distribuição dos óbitos e das taxas de homicídio feitos nas páginas anteriores, para as Zonas Administrativas.

Figura 22

Mapa da Cidade de Manaus
Número de óbitos por bairro – 2001/2005

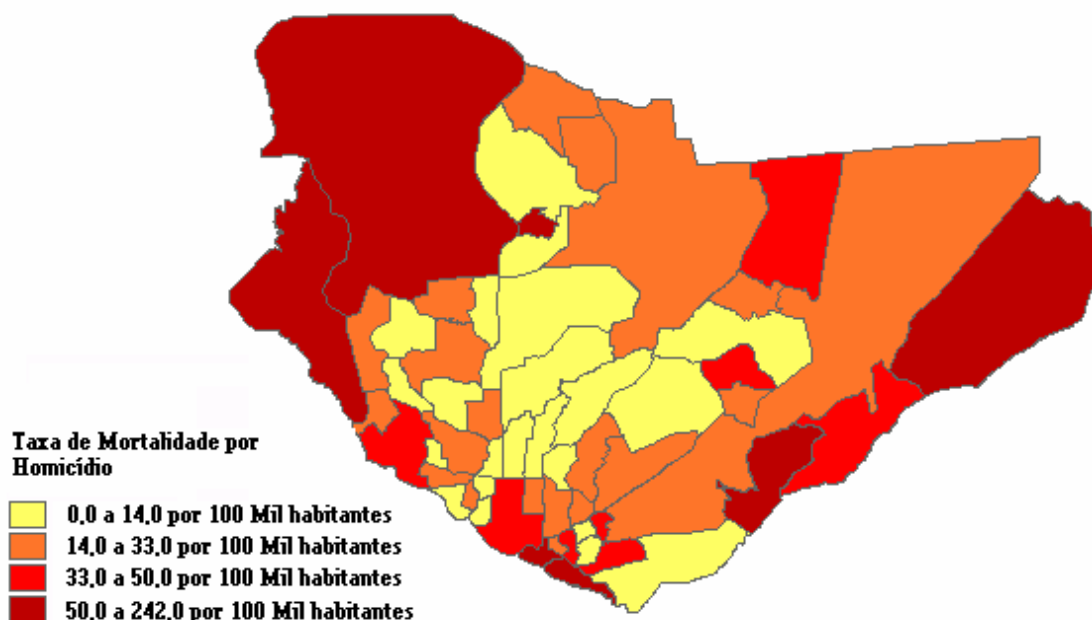


Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

De um modo geral, o mapa referente à quantidade de homicídios não apresenta um delineamento que permita distinguir tendências espaciais segundo essa variável. Como já se viu, o número de óbitos pode depender – e depende, em muitos casos – da população do bairro e, em Manaus, a população por bairro não se distribui de forma contígua no espaço. Essa situação de pouca contigüidade reflete-se, então, no mapeamento dos homicídios.

Figura 23

Mapa da Cidade de Manaus
Distribuição das taxas de mortalidade por homicídio
Bairros da cidade de Manaus – 2002-2004



Fonte: Base de microdados do Censo Demográfico de 2000

Já o mapeamento das taxas de homicídio, que não dependem do tamanho da população, deixa transparecer tendências espaciais muito mais claras dos riscos de óbito por homicídio e, a partir dele, pode-se vislumbrar o perfil da distribuição das taxas pela paisagem urbana.

5.4.7 Local de ocorrência *versus* local de residência, nos homicídios de Manaus

O comportamento da frequência de homicídios nas Zonas Administrativas, por si só, não oferece a possibilidade de esclarecimento das verdades que circundam os homicídios ocorridos nas zonas urbanas do município. Há a

necessidade de um detalhamento dessa prática de violência em todos os bairros onde ela ocorre em larga escala.

Alguns bairros apresentaram altas quantidades de óbitos por homicídio, alguns devido aos seus elevados efetivos populacionais, outros à forte mortalidade por homicídio e outros devido aos dois fatores conjuntamente.

A avaliação do risco de morte de determinada área, região ou zona de Manaus exige um detalhamento dos óbitos por local de *ocorrência* e por local de *residência* da vítima. O resultado depende da distribuição espacial dos bairros e de determinadas especificidades socioeconômicas dessas áreas.

Dos casos de homicídios registrados na delegacia de homicídios em Manaus, entre os anos de 2002 e 2004, ocorridos em seus bairros mais populosos - Cidade Nova (Zona Norte), São José (Zona Leste), Compensa (Zona Oeste), Alvorada (Zona Centro-Oeste), Japiim (Zona Sul), Flores (Zona Centro-Sul) - mais de 75% eram de vítimas residentes do próprio bairro. Cidade Nova e São José têm as mais reduzidas proporções de óbitos de residentes: respectivamente, 67% e 63% do total de ocorrências.

Registraram-se 119 homicídios de residentes no bairro da Cidade Nova no período, das quais 80 ocorreram no próprio bairro. Dos restantes, oito ocorreram no Jorge Teixeira, cinco no Tancredo Neves, quatro na Compensa, dois nos bairros de São José e o restante em outros bairros. No bairro do São José, das 58 vítimas residentes, apenas 37 foram a óbito no próprio bairro. Os demais foram assassinados em outros bairros.

É interessante notar que, no caso da Cidade Nova, dos 39 óbitos ocorridos fora dos limites do bairro, dois ocorreram em bairros não especificados e 18, isto é, praticamente a metade, em bairros vizinhos. No caso do bairro de São

José, a proporção de óbitos ocorridos em bairros vizinhos é inferior à da Cidade Nova, mas, ainda assim, é significativa, chegando a quase um terço (6 óbitos) do total de ocorrências em outros bairros.

Na realidade, muitos dos homicídios são consumados em locais próximos às residências da vítima e, se a residência está localizada próxima ao limite de um bairro vizinho, o crime tem probabilidade “geográfica” de ocorrer naquele bairro. Além disso, algum bairro próximo pode ser mais atrativo, estando mais bem servido de locais de lazer, especialmente aqueles de funcionamento noturno, onde se costuma consumir bebidas alcoólicas ou mesmo drogas. Estes bairros teriam tendência a apresentar maior ocorrência de homicídios, alguns dos quais de moradores que residem nos bairros vizinhos.

Estudo realizado em Porto Alegre mostrou resultados semelhantes aos de Manaus, evidenciando que os homicídios vitimizam, preferencialmente, os próprios moradores das áreas onde eles ocorrem (SANTOS, 1999)

Essa proximidade entre a vítima e agressor permite uma análise sobre a autoria dos crimes de homicídio. Como se evidenciou que a maior parte dos homicídios se deu no próprio bairro de residência da vítima, certamente esse dado irá influenciar no esclarecimento da autoria do crime. Mesmo quando ocorre um homicídio em que o autor ou a vítima não reside no local de ocorrência, ele ou ela, na maioria das vezes, possui algum vínculo de parentesco ou amizade com moradores da área onde ocorreu o delito. Então é quando essa relação de proximidade acaba, em alguns casos, contribuindo para o esclarecimento da autoria dos homicídios que, no caso de Manaus, é muito baixa conforme Tabela a seguir.

Tabela 17**Distribuição da autoria dos Homicídios em Manaus – 2002 a 2004**

Autoria dos homicídios	Nº. óbitos	%
Conhecida	642	58,1
Desconhecida	398	36,0
Ignorada	65	5,9
TOTAL	1105	100,0

Fonte: Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros/Polícia Civil/Manaus

Informações da Delegacia de Homicídios dão conta de que 58% dos homicídios ocorridos em Manaus, no período de 2002 a 2004, foi de autoria conhecida, enquanto que 36%, até a data da pesquisa, foi de autoria desconhecida, isto é, até a data da pesquisa o autor do crime ainda não havia sido identificado e, o restante, quase 6%, o equivalente a 65 homicídios, as informações não estavam disponíveis, optando-se por considerar estes casos como ignorados. Vale ressaltar que, em pouco mais da metade dos homicídios ocorridos em Manaus, o autor foi identificado, sem, contudo, se poder afirmar qual a proporção dos homicidas identificados e se, para estes, houve punição com prisão, isto porque em alguns casos verificou-se que o autor fora identificado, mas estava foragido. Esta, aliás, é uma das grandes questões discutidas a nível nacional que trata da punibilidade do criminoso. Alguns estudos apontam a fraca eficiência da polícia como fator agravante na composição dos homicídios, isto é, a certeza da punição induz a uma queda do número de mortes por homicídios. Segundo MUSUMECI (2002, p.15) o primeiro passo para a redução dos altíssimos níveis de impunidade, depende de um significativo acréscimo da eficácia policial no esclarecimento dos homicídios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da mortalidade em Manaus é desafiador. Há uma carência de pesquisas nessa área, principalmente quando o tema é morte violenta. Daí que um mergulho na temática relacionada constitui-se num esforço contributivo para futuras investigações. As análises da caracterização dos homicídios e de sua espacialização, dos diferenciais sócio-econômicos e demográficos das vítimas, trazem importantes contribuições também para os estudiosos e formuladores de políticas públicas.

Inicialmente, o trabalho fornece subsídios para o desvendamento das diferenciações sócio-espaciais, à medida em que indicadores variados vão-se alinhando para conformar esse panorama bastante perverso da realidade urbana manauense que é expressivamente marcada pela diferenciação sócio-econômica entre seus habitantes.

Na tentativa de compreender os contrastes sociais existentes em Manaus, seguiu-se o rastro da pobreza e, a partir dos indicadores utilizados, descobre-se uma cidade com uma grande diversidade espacial e sócio-demográfica, caracterizada por sintomas evidentes de concentração de renda e de distribuição desigual de oportunidades e de espaços.

Este estudo, congregando algumas variáveis como abastecimento de água, saneamento básico, iluminação pública, educação, emprego e renda, chama atenção para esse processo excludente, marcante em toda a dimensão urbana do município. Quando se observa, por exemplo, o rendimento médio dos residentes

nos bairros de Nossa Senhora das Graças e Adrianópolis, localizados na Zona Centro-Sul, vê-se que ele é quase quatro vezes o correspondente ao dos residentes de uma vasta e povoada área da Zona Leste, composta pelos bairros de Jorge Teixeira, Tancredo Neves e São José.

Ao se relacionar a distribuição das incidências de homicídio com o perfil sócio-econômico dos bairros de Manaus, constata-se que aqueles com os piores indicadores apresentam taxas de mortalidade por homicídio mais altas. A explicação para isso pode ser atribuída não apenas à maior concentração de pessoas pobres nesses bairros, mas também à ausência de políticas, programas e equipamentos sociais, o que acaba por transformar as áreas pauperizadas da cidade em espaços marcados pela violência.

Os dados evidenciaram uma sobremortalidade masculina, implicando dizer que os homens estão expostos em maior grau ao risco de mortalidade associado a esta causa. Esse diferencial de óbitos por gênero não é peculiar à capital amazonense: ele é universal.

O trabalho evidencia para Manaus o que muitos estudos constantemente vêm relatando para outras cidades do Brasil e do mundo: a maior quantidade de vítimas de homicídios é encontrada entre jovens adultos do sexo masculino. Em Manaus, a maior proporção dessa causa de morte está no grupo etário de 15 a 29 anos de idade. Estes jovens constituíram-se no principal objeto deste estudo.

Algumas características implícitas nas ocorrências, isto é, as condições em que ocorrem os homicídios foram perscrutadas exaustivamente, como hora e dia da semana em que ocorreu o homicídio; local de ocorrência motivo e o instrumento e/ou meio utilizado para a consumação do crime. Como características da vítima

foram considerados o local de residência, o estado conjugal e a ocupação, dados pelos registros policiais.

Com base no estudo dessas variáveis foi possível chegar à constatação do perfil das vítimas de homicídio residentes na área urbana do município de Manaus – são, na sua grande maioria, jovens solteiros do sexo masculino, com baixos níveis de ocupação profissional e residentes em bairros com piores padrões sócio-econômicos.

Quanto ao estado civil das vítimas, os dados evidenciam que os solteiros são numericamente as principais vítimas de homicídio e essa condição se dá porque eles constituem a maioria da população nas idades de 15 anos e mais. Os dados mostram que a participação dos óbitos é muito superior à participação quantitativa do efetivo populacional.

Os amasiados representam a segunda maior categoria de vítimas, havendo, também, uma expressiva maioria de jovens nesse grupo. Por outro lado, os casados, separados, divorciados e viúvos, componentes majoritariamente dos grupos etários além dos 30 anos, são os grupos menos atingidos.

A maioria das vítimas possuía ocupação na data do óbito e apenas uma pequena parcela (16,14%) estava desempregada ou desocupada. Já os homicídios de estudantes correspondiam a pouco mais de 11% do total de óbitos por essa causa.

A característica de estar ou não ocupado é relevante para o conhecimento das condições em que ocorrem os homicídios na cidade, porém não se deve desconsiderar o nível de qualificação como determinante do risco de morrer por homicídio. Pelo contrário, ficou evidente nesta pesquisa que o baixo nível de qualificação é muito peculiar às vítimas de homicídios.

Fez-se claro também que o nível de ocupação, atributo de política social e preventiva da criminalidade, não tem merecido, como variável explicativa, importância dos formuladores de política de segurança pública em Manaus, haja vista a existência de uma enorme variedade de categorias ocupacionais encontradas nos inquéritos policiais, as quais padecem de uma padronização.

Além do estado conjugal e ocupação das vítimas, foi importante verificar o horário e o dia da semana de maior incidência das ocorrências.

É entre as últimas doze horas de sexta-feira e as primeiras doze horas de segunda-feira que ocorrem a grande maioria dos homicídios em Manaus. À medida em que se aproxima o fim-de-semana, aumenta a propensão do número de ocorrências, que atingem o seu ponto máximo no domingo.

Essa elevada quantidade de homicídios nos finais de semana está certamente relacionada à rotina dessas vítimas. É com a aproximação do fim-de-semana que se intensifica o funcionamento de bares e casas noturnas e, em meio à euforia noturna, o uso de bebidas alcoólicas e substâncias entorpecentes vai estar entre os fatores – diretos ou indiretos - motivacionais dos homicídios.

No período para o qual se dispunha de informações – de 2001 a 2005 – apenas para um pouco mais da quarta parte dos óbitos ocorridos em Manaus foi permitido verificar o motivo gerador da ocorrência. Os dados assim disponíveis indicam que a vingança e a rixa, juntamente com as ações de galeras, constituem os motivos mais freqüentes dos homicídios.

Esta variável (motivo do crime) é configura-se, para o autor, como uma das mais importantes para a implantação de qualquer política preventiva do crime. Entender os reais motivos que cercam um ato criminoso é o começo de uma interpretação que leva à prevenção de outros que poderiam vir a ocorrer no mesmo

modus operandi da vítima ou de seu agressor. Por outro lado, embora possível, entende-se que não é tarefa simples a compilação das informações referentes ao motivo do crime, dada a rotina jurídico-administrativa historicamente implantada nas unidades de polícia encarregadas da apuração do crime, a qual se faz através da instauração de inquérito policial cujo objetivo único é a identificação e indiciamento do criminoso para seu posterior julgamento pelo tribunal criminal.

A implantação de uma rotina administrativa capaz de flagrar os antagonismos presentes no contexto do crime deve servir a um superior propósito social que é a prevenção de vidas humanas. Pode ainda ajudar no planejamento de políticas mais justas para o cumprimento da lei de execuções penais, criando unidades de ressocialização para os criminosos de acordo com o grau de periculosidade de cada um. Isso poderia contribuir para a diminuição dos homicídios no interior dos presídios como vem acontecendo em todo o país, inclusive em Manaus.

O motivo conduz à ação do sujeito criminoso. Esta ação se completa com a utilização de instrumentos ou meios para a consumação do ato violento.

Manaus apresenta proporção um pouco maior de óbitos provocados por arma branca do que a provocada por arma de fogo, o que a difere da imensa maioria das capitais brasileiras. De 1994 a 2000 as taxas de homicídio por arma de fogo sofreram uma significativa redução e a análise de dados mais recentes, feita nesta pesquisa, aponta para indícios de uma tendência de crescimento dessa taxa. Todavia, dada a flutuação aleatória das taxas anuais, na década atual, recomenda-se cautela nas conclusões.

Embora esta pesquisa não seja conclusiva, com o estudo das variáveis selecionadas foi possível responder a questões como: quem são as vítimas de homicídio e como ele ocorre em Manaus?

Geralmente são jovens pertencentes, na maior parte, ao grupo etário de 15 a 29 anos de idade, do sexo masculino, solteiros, desocupados ou ocupados com baixo nível de qualificação profissional e que, após envolvimento em futilidades, geralmente nas noites e madrugadas de fins-de-semana, acabam sendo assassinados, na maioria das vezes, a golpes de faca, terçado e outros objetos perfuro-cortantes ou por armas de fogo.

Sabe-se que o homicídio é apenas uma entre as demais ocorrências de violência que fazem parte do cotidiano da população manauara. Por ter um caráter irreversível, constitui, entre as formas de violência, a mais perniciosa. Também, como as demais formas de violência, o homicídio distribui-se de forma heterogênea em toda a cidade de Manaus. Essa distribuição dos óbitos varia segundo as zonas administrativas e, no interior delas, segundo os bairros, constituindo atributo das condições de vida existentes nessas respectivas áreas.

São flagrantes as diferenciações de áreas que contêm grupos populacionais específicos expostos a maiores riscos de mortalidade por homicídio; por vez, esta exposição está relacionada a diferenças sócio-econômicas, marcantes em toda a dimensão espacial da cidade.

As Zonas Leste e Sul foram responsáveis por metade dos homicídios ocorridos, enquanto as Zonas Oeste e Norte concentraram um quarto dos óbitos e as Zonas Centro-Sul e Centro-Oeste apresentaram as menores incidências.

Particularizando a análise nos bairros, constatou-se que as altas quantidades de óbitos por homicídio variam, para alguns, devido aos elevados

efetivos populacionais, outros à forte mortalidade por homicídio, e os demais, devido aos dois fatores conjuntamente.

Na Zona Leste de Manaus constatou-se uma forte concentração populacional e um rápido processo de ocupação que concorreram para um crescimento desordenado. Nessa zona assiste-se à ausência de políticas sociais, que está refletida nas mais altas taxas de mortalidade por homicídio da cidade.

À medida em que se vai particularizando a análise dos bairros distribuídos nas zonas administrativas de Manaus, constata-se que a violência segue o rastro da pobreza. Na Zona Leste, os bairros do Puraquequara, Mauzinho, Zumbi, Jorge Teixeira e Colônia Antonio Aleixo são bairros que têm por referência um baixo padrão de vida e, por sua vez, apresentam altas taxas de mortalidade por homicídio, enquanto que nas Zonas centrais (Centro-Oeste e Centro-Sul), detentoras de melhores condições de vida, essas taxas oscilam entre a média do município e a taxa de países desenvolvidos. No bairro do Jorge Teixeira a questão habitacional se materializa com a construção de moradias precárias em áreas públicas ou privadas. Só neste bairro existem dezesseis áreas ocupadas, ditas invadidas. Nelas, ganha destaque a crescente segregação espacial e social que se traduz no mais elevado número de óbitos por homicídio em toda a Zona Leste e entre todos os bairros de Manaus, correspondendo a três quarto do número de homicídio ocorrido na área central ou regular do bairro.

De igual modo, quando se passou a analisar a Zona Norte, constatou-se que o bairro da Cidade Nova, o mais populoso de Manaus, enfrenta os mesmos problemas relacionados à questão habitacional. Em toda a sua extensão, quinze (15) áreas foram ocupadas por camadas mais pauperizadas da população e o resultado é que nestas *invasões* o problema da criminalidade transforma-se

nitidamente em uma questão social. É só observar a composição e distribuição dos óbitos e veremos que apenas um terço dos homicídios ocorreram nos conjuntos habitacionais construídos pelos programas habitacionais do Governo, que compõem a Cidade Nova.

Ainda na Zona Norte, constatam-se altos riscos de mortalidade por homicídio nos bairros Novo Israel e Santa Etelvina.

Na zona Sul foi observada uma grande concentração de ocorrências de homicídio. Ali, o bairro da Colônia Oliveira Machado distingue-se dos demais porque nele a atuação de redes criminosas envolvidas com o tráfico de drogas é amplamente conhecida, levando ao envolvimento, ainda que em menor intensidade, de outros bairros limítrofes, como Educandos, Crespo e Morro da Liberdade que, de igual modo, possuem riscos muito elevados de mortalidade por homicídio. Com características sócio-espaciais próprias, o Centro da Cidade e o Distrito Industrial também apresentam concentração elevada de homicídios.

Na Zona Oeste, os bairros do Tarumã e da Compensa se diferenciam dos demais por abrangerem áreas com baixa condição sócio-econômica. A grande concentração de homicídios do bairro da Compensa pode ser explicada pela forte densidade populacional, pelo baixo padrão de vida, principalmente pela carência de estrutura para a realização de atividades de lazer. Já o grande risco de mortalidade por homicídio existente no bairro do Tarumã, justifica-se, além da baixa condição sócio-econômica, por se tratar da área mais isolada na Zona Sul e de Manaus, composta, em grande parte, por ocupações recentes e dispendo de vários balneários, onde o consumo de bebidas alcoólicas é elevado.

Ainda importantes foram as constatações a partir do cruzamento das informações sobre o local de ocorrência e local de residência da vítima de homicídio.

Os dados indicam que a maior parte dos homicídios foi consumada no mesmo bairro de residência da vítima. Congregando-se ao que foi visto anteriormente, tais constatações contribuem para definir os padrões espaciais das mortes violentas em Manaus, buscando responder a alguns dos porquês desses homicídios.

De forma geral e em seu conjunto, as observações e análises que compõem este trabalho sugerem que as populações submetidas a realidades sociais excludentes convivem, em maior grau que as demais, com o risco de mortalidade por homicídio. A rigor, o estudo realizado pretende-se constituir no início de um processo de investigação a respeito desse complexo de inter-relações sócio-econômicas e políticas que permeiam as determinações das mortes por homicídio em Manaus e no estado do Amazonas.

Espera-se que, juntamente com investigações posteriores, possa contribuir como subsídio para a discussão e a operacionalização de políticas, planos e programas capazes de enfrentar esse problema ocorrente em Manaus e que vem consumindo a vida de milhões de pessoas em todo o mundo – o homicídio.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. V. E., LISBOA, M. B. *Desesperança de vida: homicídio em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo: 1981 a 1997. Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.*

BEATO, Cláudio C. F. Fontes de Dados Policiais em Estudos Criminológicos: Limites e Potenciais. Belo Horizonte. Mimeo, 1999. (Criminalidade Urbana Violenta...CRISP).

BEATO, C. C. F., REIS, I. A. *Desigualdade, Desenvolvimento Socioeconômico e crime. Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.*

BOTELHO, Antonio José Lopes. *Projeto ZFM: vetor de interiorização ampliado. Manaus: s.ed., 2001.*

BRITTO, Ângela, SANTANA, Débora, VIEIRA, Marisa e BRANDÃO, Simone. Criminalidade e desenvolvimento no Estado do Rio de Janeiro: uma análise da distribuição espacial da mortalidade por homicídios na população masculina jovem segundo as características sociais e econômicas municipais. ABEP. XIV. 2004.

CANO, I., SANTOS, N. *Violência letal, renda e desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro: 7. Letras, 2001.*

CERQUEIRA, D. R. C., LOBÃO, W. A. J. L. *Condicionantes sociais, poder de polícia e o setor de produção criminal. IPEA, 2002, mimeo.*

CERQUEIRA, D., LOBÃO W. Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos. ipea - texto para discussão n° 956. Rio de Janeiro, junho de 2003.

CÉSAR, Isaura de Albuquerque. A mortalidade por causas externas no Recife e sua Região Metropolitana, 1990/92 a 2000/2002. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

COHEN, E. F. Homicídios na Cidade de Manaus – um Problema de Saúde Pública – um Compromisso interdisciplinar pela qualidade de vida. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Amazonas, 1999.

DAOU, A. M. A Belle Époque Amazônica. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

Dilma, M. de A. B., Ximenes, R, e Lima, M. L. C de. Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. Rev Saúde Pública 2001;35(2):142-149)

FUNDAÇÃO SEADE. Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo. nº 11, 2004.

GOLDBERG, S. Quem paga o custo da violência, *Momento IOB* nº 2, São Paulo. Outubro 2005. p. 28-33.

IBGE. Censo demográfico de 2000

KAHN, T. Crime e Desemprego in *Cidades Blindadas: ensaios de criminologia*. Editora Conjuntura. São Paulo. 2001.

MAIA, Paulo Borlina. CARDOSO, Glauber Ferreira e SILVA, Daniel W. Tomé. Mortalidade por Agressões: um exercício com as informações do Atestado de Óbito georreferenciadas para o município de São Paulo. ABEP XIV. 2004.

MELLO, M. L. e MOURA, H. A. de. *Migrações para Manaus*. FUNDAJ. Ed. Masssanganana. 1990

MENDONÇA, M. J. *Um modelo de criminalidade para o caso brasileiro*. Anais do XXIX encontro da ANPEC, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – Sistema de Informações sobre a Mortalidade – anos diversos

OLIVEIRA, C Aguiar de. Criminalidade e o tamanho das cidades brasileiras: um enfoque da economia do crime. XXXIII Encontro ANPEC – Natal/RN. 2005

MUSUMECI, L. Homicídios no Rio de Janeiro: tragédia em busca de políticas. Boletim segurança e cidadania. Ano 01.nº 02. CESeC. Rio de Janeiro. Julho de 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Estatística internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10. Décima revisão, vol. 1. Ed. Universidade de São Paulo, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *The Injury Chart Book – A graphical overview of the global burden of injuries.* 2002)

PAGLIARO, Heloísa. Mortalidade no município de São Paulo: Desigualdade e Violência. Anais do VIII encontro - ABEP. 1992. p.443-469.

PEZZIN, L. Criminalidade urbana e crise econômica. São Paulo: IPE/USP, 1986.

PRÉTECEILLE, E., VALLADARES, Licia. Análise e problemas metodológicos no estudo do sistema urbano, do mercado de trabalho e da violência urbana o caso do Brasil - Relatório preliminar. Janeiro 2003.

RELATÓRIO DE LEVANTAMENTO E CADASTRAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO NA ÁREA DE OCUPAÇÃO NOVA VITÓRIA. Universidade Federal do Amazonas. 2003

SALAZAR, Admilton Pinheiro *Amazônia Globalização e sustentabilidade.* Manaus. Editora Valer, 2004

SAPORI, Luis Flávio., WANDERLEY, Cláudio Burian. B. A relação entre desemprego e violência na sociedade brasileira: entre o mito e a realidade, p. 1-24, mimeo, 2001.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da. CRIMINALIDADE URBANA VIOLENTA: uma análise espaço temporal dos homicídios em Belo Horizonte.

SILVA NETO, A. L. Estudo da Associação entre Tuberculose e a Infecção pelo HIV no Município de Manaus – AM. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2001.

SIMÕES, C. C. da Silva e OLIVEIRA, L. A. P. de. Região Nordeste: Evolução da mortalidade e seus determinantes. *Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais.* Águas de São Pedro, 1984, v.4., p.2093-2118.

Souza ER. *Homicídios: metáfora de uma nação autofágica* [Tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ; 1995.

TEIXEIRA, Pery. Mortalidade na infância no Nordeste brasileiro: determinantes sócio-econômicos e geo-espaciais. Tese de doutoramento. CEDEPLAR, 1996.

VERGOLINO J. Raimundo; GOMES G Maia. Metamorfoses da economia amazônica. In: Mendes, A. D. (org). *Amazônia Terra e Civilização - uma trajetória de 60 anos*. Belém, Banco da Amazônia, Vol II. 2ª , 2004.

WASELFISZ, J. Mapa da Violência III – Síntese. In. UNESCO. *Mapa da Violência no Brasil*. 2002.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. Editora Brasiliense, 1985.

ANEXO 01

Distribuição das zonas administrativas e dos bairros da cidade de Manaus, conforme instituído em 1995, segundo sua população e densidade demográfica em 2000.

ZONA	Bairro	Código	População	Densidade demográfica (hab/km ²)
<i>Centro-Oeste</i>	Planalto	15	13.352	31.3
	Alvorada	16	66.494	110.1
	Redenção	17	33.019	104.8
	Bairro da Paz	18	12.294	47.9
	Dom Pedro	36	15.863	53.6
	Total da zona	-	141.022	-
<i>Centro-Sul</i>	Flores	37	34.343	26.1
	Parque Dez	38	32.817	39.4
	Aleixo	39	19.282	25.1
	Adrianópolis	40	9.150	37.2
	N. S. das Graças	41	13.491	63.3
	São Geraldo	42	7.022	67.0
	Chapada	43	7.882	37.0
Total da zona	-	123.987	-	
<i>Leste</i>	Coroado	23	45.109	39.5
	Distrito Industrial II	32	0	0.0
	Mauazinho	33	15.028	8.7
	Col. Antônio Aleixo	34	12.475	51.9
	Puraquequara	35	3.137	4.8
	Armando Mendes	52	20.008	89.1
	Zumbi dos Palmares	53	30.336	104.4
	São José	54	84.490	82.3
	Tancredo Neves	55	35.772	98.3
	Jorge Teixeira	56	78.631	77.1
Total da zona	-	324.986	-	
<i>Norte</i>	Col. Santo Antônio	44	12.446	36.7
	Novo Israel	45	14.416	121.3
	Col. Terra Nova	46	27.146	22.4
	Santa Etelvina	47	16.477	26.7
	Monte das Oliveiras	48	18.108	41.5
	Cidade Nova	49	193.490	39.5
Total da zona	-	282.083	-	

ZONA	Bairro	Código	População	Densidade demográfica (hab/ha)
<i>Oeste</i>	São Raimundo	6	15.655	135.8
	Glória	7	8.427	174.5
	Santo Antônio	8	19.301	169.8
	Vila da Prata	9	11.031	167.4
	Compensa	10	75.525	58.4
	São Jorge	11	25.144	85.8
	Santo Agostinho	12	13.116	62.8
	Nova Esperança	13	17.747	118.3
	Lírio do Vale	14	19.373	52.6
	Ponta Negra	50	1.465	0.6
	Tarumã	51	7.291	0.9
	Total da zona	-	214.075	
<i>Sul</i>	Centro	1	33.568	73.1
	Aparecida	2	5.528	86.5
	Presidente Vargas	3	9.097	152.5
	Praça 14	4	11.982	114.8
	Cachoeirinha	5	24.352	124.6
	Raiz	19	17.522	203.7
	São Francisco	20	15.833	109.2
	Petrópolis	21	41.958	214.1
	Japiim	22	52.376	124.7
	Educandos	24	15.995	185.9
	Santa Luzia	25	8.390	275.9
	Morro da Liberdade	26	13.599	194.5
	Betânia	27	10.859	205.0
	Col.Oliveira Machado	28	11.326	72.5
	São Lázaro	29	10.702	129.8
	Crespo	30	7.894	35.6
	Vila Buriti	31	1.892	2.2
Distrito Industrial I	32	15.467	59,8	
	Total da zona	-	308.340	-
<i>Zona de Expansão</i>	Área rural	-	10.892	-
<i>Município</i>	Total	-	1.405.835	-

Fonte dos dados brutos: IBGE – Censo Demográfico de 2000.

ANEXO 02

Taxas de Mortalidade por homicídio das Regiões Metropolitanas (por 100 000 habitantes)

Cidade	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Total	15,3	15,9	16,5	17,6	18,9	19,5	20,6	21,4	24,2	27,1	29,4	28,8	27,8	28,7	32,3	35,3	37,7	38,7	39,3	39,5	39,6	40,1	40,6	40,8	40,9
Belém	14,1	13,4	14,6	14,6	14,7	14,0	14,0	15,3	16,8	19,5	22,5	24,4	22,5	21,5	19,7	20,4	19,9	21,2	18,5	17,3	16,0	19,9	22,5	24,1	25,1
Fortaleza	17,6	17,8	18,3	18,7	19,0	17,9	15,7	14,5	15,2	15,8	16,2	14,6	15,6	15,8	19,1	20,0	22,0	19,9	20,0	20,7	22,7	24,3	25,4	26,5	27,4
Recife	18,9	21,3	24,2	26,9	29,3	30,6	31,6	32,5	36,5	41,3	46,4	45,1	43,8	40,5	41,9	42,4	49,9	61,0	68,6	71,1	71,9	71,5	72,2	69,1	71,2
Salvador	1,9	3,7	3,9	5,1	4,5	4,7	5,0	6,7	11,0	12,0	8,9	6,6	13,6	24,7	30,1	31,1	31,3	27,6	18,6	10,7	11,9	16,6	21,9	23,9	27,0
B Horizonte	13,5	12,2	10,6	10,1	9,2	9,0	8,8	9,2	10,2	10,8	12,0	11,9	12,5	11,9	13,0	13,9	16,0	17,9	19,5	23,0	26,3	31,8	39,2	43,5	49,8
Vitória	14,9	16,8	18,4	17,8	17,7	17,0	19,2	22,4	30,9	37,1	43,0	42,0	46,5	51,7	59,5	62,0	68,0	77,4	83,1	79,5	72,7	72,4	74,2	76,7	75,0
R de Janeiro	24,1	22,7	18,5	17,2	17,2	17,9	21,4	21,9	26,2	34,1	39,6	40,1	35,4	37,5	46,4	53,5	58,5	57,5	55,0	52,6	50,3	51,9	52,4	54,4	52,8
São Paulo	17,3	19,6	23,5	28,3	33,2	35,3	36,6	36,9	39,4	41,0	43,5	42,1	40,5	41,3	46,0	51,2	53,8	55,7	58,9	60,4	59,9	55,9	52,3	49,8	47,7
Curitiba	7,5	8,0	8,6	9,9	9,9	9,3	8,9	9,5	11,8	14,0	14,5	14,2	14,5	15,8	16,9	17,6	19,7	20,6	22,0	22,1	23,7	25,0	28,3	30,0	33,2
Porto Alegre	7,0	7,8	8,0	7,0	6,1	6,3	7,4	10,1	14,9	20,2	23,6	23,8	20,9	19,4	19,0	21,4	23,1	23,4	22,9	23,4	24,6	26,5	26,9	27,4	27,4
Brasília	12,7	14,4	15,0	14,2	14,6	15,5	18,6	19,1	20,4	22,4	26,0	27,6	28,7	28,9	30,6	30,8	30,6	29,8	28,8	30,3	31,8	33,1	33,7	34,0	35,6
Manaus	19,6	18,4	17,0	18,6	18,5	18,1	17,1	17,8	22,5	27,4	32,9	33,3	31,7	30,1	31,0	32,6	33,5	35,6	34,8	33,7	29,2	27,2	26,2	26,8	28,3

Fonte: Base de Dados do Ministério da Saúde/DATASUS